



Universidade da Madeira

Departamento de Educação Física e Desporto

***Abandono Desportivo no Andebol.
Estudo na Região Autónoma da Madeira***

Norberta Elisa Santos Fernandes

Tese apresentada na Universidade da Madeira
Para obtenção do grau de Mestre em Educação
Física e Desporto.

2008

796
FER Abca
+ CV
T/M

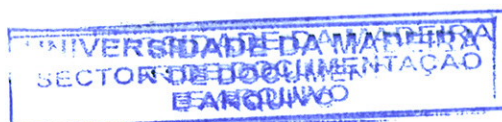
64 054



Universidade da Madeira

Departamento de Educação Física e Desporto

***Abandono Desportivo no Andebol.
Estudo na Região Autónoma da Madeira***



Norberta Elisa Santos Fernandes

Orientador: Professor Doutor Abel Correia

Tese apresentada na Universidade da Madeira
Para obtenção do grau de Mestre em Educação
Física e Desporto.

2008

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Abel Correia, por quem partilho um sentimento de amizade, admiração e estima, agradeço a sua orientação, capacidade científica, conselhos valiosos e apoio constante, que só assim tornaram possível este trabalho.

À Professora Doutora Ana Abreu, fico a dever um grande reconhecimento, pela sua permanente disponibilidade e participação decisiva no trabalho, no que se refere aos seus conselhos, indicações, ajuda no tratamento e interpretação estatística dos dados recolhidos.

Obrigada por não ter desistido de mim, mesmo quando passou por momentos muito difíceis.

À Associação de Andebol da Madeira, à Federação de Andebol de Portugal e ao Instituto do Desporto da Madeira por terem cedido os dados que foram utilizados na minha tese.

Aos treinadores, pela sua colaboração, na cedência do treino para aplicação dos questionários, bem como na procura dos atletas que já tinham abandonado.

Aos atletas e ex-atletas, pela sua colaboração exemplar, no preenchimento dos questionários.

Aos meus Pais, pelos valores que me inculcaram e pelo apoio incondicional que me deram durante esta caminhada, que nem sempre foi pacífica.

À Catarina e à Helena, por me terem colocado nas mãos o maior desafio da minha vida – SER MÃE.

Às minhas irmãs pela compreensão, a amizade e o apoio nos momentos decisivos.

Aos meus Amigos, Carla, Lucy, Lina, Zita, José e Pedro, por toda amizade e pelo apoio dado de uma forma directa ou indirecta a esta tese.

Obrigada por terem compreendido a minha ausência.

Ao Nelson, por ter sido Compreensivo e Amigo, nesta fase, extremamente desgastante da minha vida.

Agradecimentos

Índice Geral

Índice geral.....	i
Índice de Quadros.....	iv
Índice de Figuras.....	vi
Índice de Anexos II.....	viii
Resumo.....	ix
Abstract.....	xi
Résumé.....	xiii

1. Introdução.....	1
--------------------	---

Capítulo I

<i>Revisão de Literatura</i>	5
1. Introdução.....	5
2. Revisão de Literatura.....	5
2.1. Teoria da Motivação para a Competência.....	6
2.2. Teoria da Realização dos Objectivos.....	7
2.3. Teoria do Intercâmbio Social.....	9
2.3.1. Os Modelos Custos/Benefícios do Abandono.....	10
2.3.2. Modelo Integrador da Participação e do Abandono Desportivo.....	14
2.3.3. Modelo do Compromisso de Rusbult (1980, 1983) e De Scanlan et al. (1993 b).....	19
2.4. Teoria da Auto-Determinação.....	23
2.4.1 O Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca.....	23

2.4.1.1. A Influência do Comportamento do Treinador no Abandono Desportivo.....	27
2.5. Pesquisa sobre Motivação Desportiva.....	30
2.6. Investigação sobre a Motivação da Prática Desportiva em Portugal.....	36
2.7. Investigação sobre o Abandono da Prática Desportiva.....	39
2.8. Investigação sobre o Abandono da Prática Desportiva em Portugal.....	45
3. O Modelo do Estudo.....	47
4. O Conceito de Abandono Desportivo.....	50

Capítulo II

<i>Objecto de Estudo</i>	53
1. Enunciado do problema.....	53
2. Objectivos do Estudo.....	53
3. Justificação do Estudo.....	54
4. Limitações do Estudo.....	55

Capítulo III

<i>Métodos e Procedimentos</i>	56
1. Selecção e Caracterização da Amostra.....	56
2. Métodos e Procedimentos.....	58
2.2. Instrumentos.....	59
2.2.1. Questionários.....	59
2.2.2. Dimensões, Componentes e questões.....	60
2.2.3. Dimensões e Escalas.....	63
2.2.4. Aplicação dos Questionários.....	66
2.2.5. Validação dos questionários.....	67

2.3. Tratamento de dados e Procedimentos estatísticos.....	67
--	----

Capítulo IV

<i>Apresentação e Discussão dos Resultados.....</i>	69
1. Apresentação e Discussão das taxas de Abandono.....	69
2. Apresentação e Discussão das dimensões e componentes dos Questionários.....	72
3. Apresentação e Discussão dos resultados em função do Modelo de Análise.....	95

Capítulo V

<i>Conclusões e Recomendações do Estudo.....</i>	102
1. Conclusões.....	102
2. Recomendações.....	106
 <i>Referências Bibliográficas.....</i>	108
<i>Anexos.....</i>	124
Anexos I (Questionários).....	124

Índice de Quadros

Quadro 1. Dimensões, componentes e questões que serviram de base à elaboração dos questionários.....	62
Quadro 2. Valores do qui-quadrado para as questões C1, C2, C3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	72
Quadro 3. Valores do qui-quadrado para as questões C4, C6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	75
Quadro 4. Valores do qui-quadrado para a questão C5, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	75
Quadro 5. Valores do qui-quadrado para a questão A1 e A4, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	76
Quadro 6. Valores do qui-quadrado para a questão R5, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	78
Quadro 7. Valores do qui-quadrado para as questões P1,P2, P3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	78
Quadro 8. Valores do qui-quadrado para as questões T2 e T4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	80
Quadro 9. Valores do qui-quadrado para as questões AE2 e AE3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	81
Quadro 10. Valores do qui-quadrado para a questão AE4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	82
Quadro 11. Valores do qui-quadrado para a questão AE6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	84
Quadro 12. Valores do qui-quadrado para as questões CS1, CS3, CS4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	84
Quadro 13. Valores do qui-quadrado para as questões CO1 e CO2 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	87
Quadro 14. Valores do qui-quadrado para as questões CO3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	88
Quadro 15. Valores do qui-quadrado para as questões CO4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	90

Quadro 16. Valores do qui-quadrado para as questões I1, I3, I4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	92
Quadro 17. Valores do qui-quadrado para a questão O6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.....	94
Quadro 18. Valores do qui-quadrado significativos dos atletas activos em relação ao género e ao compromisso.....	96
Quadro 19. Valores do qui-quadrado, dos coeficientes de regressão e r^2 ajustado dos atletas activos.....	96
Quadro 20. Valores do qui-quadrado significativos dos que abandonaram em relação ao género e ao compromisso.....	99
Quadro 21. Valores do qui-quadrado, dos coeficientes de regressão e r^2 ajustado dos atletas que abandonaram.....	99

Índice de Figuras

Figura 1. Modelo do stress competitivo (adaptado de Smith, 1986).....	12
Figura 2. Modelo motivacional para o abandono desportivo de jovens (adaptado de Gould e Petlichkoff, 1988).....	15
Figura 3. Modelo do compromisso desportivo de Scanlan <i>et al.</i> (1993).....	22
Figura 4. Modelo do compromisso desportivo de Scanlan <i>et al.</i> (1993) adaptado pelo autor.....	49
Figura 5. Número médio de entradas por ano.....	56
Figura 6. Caracterização da sub-amostra.....	56
Figura 7. Percentagens de abandono, por época, faixas etárias e género.....	70
Figura 8. Distribuições do número de épocas e da idade de abandono nos dois géneros.....	70
Figura 9. Estimativas de K-M da f.s., por género.....	71
Figura 10. Percentagens referentes ao género masculino e feminino pelas diferentes categorias, da percepção de competência dos atletas activos, na questão C2.....	73
Figura 11. Percentagens dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão C3.....	74
Figura 12. Percentagens das raparigas que estão no activo e daquelas que abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão A4.....	77
Figura 13. Percentagens das respostas dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão AE4.....	82
Figura 14. Percentagens das respostas dos atletas activos/abandonaram, no género masculino pelas diferentes categorias, na questão AE4.....	83
Figura 15. Percentagens das respostas dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão CS4.....	85
Figura 16. Percentagens das respostas das raparigas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CS4.....	86
Figura 17. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO2.....	87

Figura 18. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO3.....	89
Figura 19. Percentagens das respostas das atletas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO3.....	90
Figura 20. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO4.....	91
Figura 21. Percentagens das respostas das atletas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO4.....	92
Figura 22. Percentagens das respostas dos atletas que já abandonaram, consoante o género, pelas diferentes categorias, na questão I4.....	93
Figura 23. Modelo do compromisso desportivo para os atletas activos.....	97
Figura 24. Modelo do compromisso desportivo para os atletas que abandonaram....	100

Índice de Anexos II (CD na contracapa)

A – Listagens dos atletas consoante o ano de entrada no Andebol (Amostra):

- . Entradas 00;
- . Entradas 01;
- . Entradas 02;
- . Entradas 03;
- . Entradas 04;
- . Entradas 95;
- . Entradas 96;
- . Entradas 97;
- . Entradas 98;
- . Entradas 99;

B – Registos das respostas dos atletas, nos questionários:

- . Entradas Abandono (Atletas que Abandonaram);
- . Entradas Activos (Atletas que estavam no Activo).

C – Listagens dos atletas consoante o ano de entrada no Andebol (Subamostra):

- . Sub-amostra 00;
- . Sub-amostra 01;
- . Sub-amostra 02;
- . Sub-amostra 03;
- . Sub-amostra 04;
- . Sub-amostra 95;
- . Sub-amostra 96;
- . Sub-amostra 97;
- . Sub-amostra 98;
- . Sub-amostra 99;

D - Teste de Pearson qui-quadrado (outputs).

E – Figuras (gráficos tendo por base as respostas dos questionários nas dimensões e componentes).

Resumo

O presente estudo subordinado à problemática do abandono desportivo no andebol insere-se no âmbito das Ciências Sociais.

Como é do conhecimento geral, a prática desportiva federada decresce com a idade, facto que tem a ver com uma panóplia de razões que levam os praticantes a abandonarem as suas modalidades.

Esta investigação tem como objectivos: fazer uma análise do sistema desportivo federado, no andebol, no período entre 1995 e 2004; Identificar as idades que conduzem a um maior abandono, bem como averiguar se o género constitui uma variável explicativa; Apurar quais são as razões que levam os praticantes ao abandono do andebol, e quais as que levam a se manterem na modalidade e por fim testar um modelo do compromisso desportivo para o andebol federado da R.A.M.

O quadro teórico desta investigação é composto por várias teorias e modelos, sendo a teoria do intercâmbio social de Thibaut e Kelley (1959) e o modelo do compromisso desportivo de Scanlan, *et al.* (1993) aqueles que serviram de suporte ao nosso estudo.

Para a primeira fase do nosso tese, a amostra foi recolhida tendo por base os atletas inscritos pela primeira vez na Federação Portuguesa de Andebol pela Associação de Andebol da Madeira, nas épocas 95/96 até 04/05 (10 épocas), o que totalizou 4721 indivíduos.

Na segunda fase, trabalhámos com uma sub-amostra, com as raparigas que iniciaram a modalidade entre os 10 e os 14 anos e com os rapazes que iniciaram entre os 10 e os 15 anos, num total de 2293 atletas.

Assim na terceira e última fase, aplicação dos questionários, a nossa amostra foi constituída por 230 atletas (180 no activo, 50 que abandonaram), tendo todos eles um nível competitivo Regional e representativo dos clubes situados nos Concelhos do Funchal, Santa Cruz, Machico e Santana, totalizando 8 Clubes.

No domínio metodológico, o estudo inclui uma primeira parte onde foram calculadas taxas médias de abandono para a amostra e sub-amostra tendo em conta a idade de entrada, o género, o número de épocas e a idade de abandono.

Na segunda parte do estudo foram aplicados questionários aos atletas que estavam no activo e aqueles que já tinham abandonado.

Os resultados do estudo indicaram que a taxa média de abandono por época, sobe à medida que aumenta a idade de entrada dos atletas, assim como, a percentagem de abandono nas primeiras épocas é tanto maior quanto maior for a idade de entrada dos mesmos. O género não constitui uma variável explicativa do fenómeno.

Os principais resultados da análise dos questionários apontaram no sentido que os atletas que estavam no activo eram mais comprometidos com o andebol do que aqueles que já tinham abandonado.

A análise do modelo do compromisso desportivo dos activos revelou que os andebolistas comprometeram-se com a modalidade porque sentiram-se competentes e com uma boa relação com os outros, duas componente da dimensão Divertimento.

No caso do modelo para os atletas que abandonaram, os resultados revelaram que o compromisso destes atletas com o andebol era explicado através dos Constrangimentos Sociais, da Percepção de Relação com os Outros e através dos Investimentos Pessoais, nomeadamente o número de anos e número de horas de treino.

Palavras-chave: Abandono, Andebol, Compromisso.

Abstract

The present study related to the problem of the sports dropout in handball, is included in the Social Sciences.

As we all know the practice of the federate sports decreases with the age, due to a lot of reason that lead the apprentices to dropout their sports.

This investigation has the purpose of doing an analysis of the federate sports system in handball between 1995 and 2004. Identify the ages that lead to a higher rate of dropout as well as to verify if gender constitutes a explicative variable. To investigate the reason that lead the apprentices to dropout and which ones lead them to stay in a particular sport. And finally to test a model of sports commitment for federate handball of R.A.M.

The theoretical chart of this investigation is formed by several theories and models, in which the theory of social exchange of Thibaut and Kelly (1959) and the model of the sports commitment of Scanlan, Carpenter *et al.* (1993) are those which were the support of our study.

For the first stage of our study, a sample was collected having as a support the athletes registered for the first time in the Handball Portuguese Federation by the Madeira Handball Association between 95/96 until 04/05 (10 seasons) which came to a total of 4721 athletes.

In the second stage we worked with a sub-sample, with the girls that started the handball between the ages of 10 and 14 years old and with the boys that started between 10 and 15 years old, in a total of 2293 athletes.

So, in the third and last stage, the enforcement of questionnaires, our sample was composed by 230 athletes (180 in the active and 50 that dropped out), all having a Regional competitive level and representative of the clubs situated in Funchal, Santa Cruz, Machico and Santana municipalities, totaling 8 clubs.

In the methodological domain the study includes a first part where were calculated the medium rates of dropout for the sample and sub-sample considering the starting age, the gender, the number of season and the age of dropout.

In the second part of the study questionnaires were enforced to the athletes who were in the active and those who have already dropped out.

The results of the study showed that the médium rate of dropout by season increases along side with the starting age of the athletes. Similiarly the dropout percentages during the first season is bigger if the starting age is higher. The gender does not constitute a explicative varaible.

The main results of the questionnaires analysis show that the athletes that were active were more involved with handball than the athletes who have dropped out.

The analysis of the model of the sports commitment of the actives, revealed that handballers committed with the sport, because they felt competent and had a good relationship with others, two sides of Enjoyment dimension.

In the case of the model for the athletes that dropped out the results show that the commitment of these athletes towards handball was justified through the Social Constraints, the Perception of the Relationship with Others and through Personal Investments, namely the numberof years and hours of practice.

Key-words: Dropout, Handball, Commitment.

Résumé

L'étude présentée est liée au sujet de l'abandon sportif en ce qui concerne le handball et fait partie de la thématique des Sciences Sociales.

En fait, la pratique sportive fédérée diminue avec l'âge, c'est un aspect qui est facilement prouvé par un ensemble de raisons qui mènent les pratiquants à l'abandon des modalités.

Cette recherche a comme objectifs: de faire une analyse du système sportif fédéré, dans le handball, entre 1995 et 2004; d'identifier l'âge qui produit plus d'abandon, ainsi comme les raisons qui mènent les pratiquants à l'abandonner et de vérifier l'âge qui se maintient le plus fidèle à la modalité, afin de tester le modèle de compromis sportif pour le handball fédéré à la RAM.

Le cadre théorique de cette recherche est composé de plusieurs théories et modèles, la théorie d'échange social de Thibaut et Kelley (1959) et le modèle de compromis sportif de Scanlan, *et al.* (1993) ont été les supports de notre étude.

Pour la première partie de notre thèse, l'étude s'appuie sur le nombre d'athlètes inscrits pour la première fois à la Fédération Portugaise de Handball, par l'Association de Handball de Madère, aux époques de 95/96 jusqu'à 04/05 (10 époques), ce qui a totalisé l'étude de 4721 individus.

Pour la deuxième partie, on s'est fondé sur l'analyse d'un petit échantillon, fait essentiellement avec les filles qui ont commencé à l'âge de 10/14 ans et avec les garçons qui ont commencé à l'âge de 10/15 ans, au total de 2293 athlètes.

La troisième et dernière parties de notre travail, application de questionnaires, sont constituées par l'étude de 230 athlètes (180 à l'actif, 50 qui ont abandonné) avec un niveau compétitif Regional et représentatif de clubs qui se situent à Funchal, à Sta Cruz, à Machico et à Santana, au total de 8 clubs.

Dans le domaine méthodologique, notre projet inclut une première phase où ont été calculés les taux moyens d'abandon, pour la première et la deuxième partie de notre travail, en ayant comme sujets d'analyse, l'âge au moment de l'entrée, le genre, le

nombre d'époques et l'âge d'abandon. Dans la seconde phase de notre projet, les questionnaires ont été appliqués aux athlètes qui étaient dans l'actif et ceux qui l'avaient déjà abandonné.

Les résultats de cette étude ont indiqué que la taxe moyenne d'abandon par époque est plus accentuée avec les athlètes plus âgés, ainsi comme, le pourcentage d'abandon aux premières époques est souvent plus fort selon l'âge d'entrée des pratiquants. Le genre n'est pas une variable explicative de ce phénomène.

L'analyse des questionnaires a montré que les athlètes qui se dédiaient activement au handball avaient un plus grand compromis avec la modalité, par rapport à ceux qui l'avaient abandonné.

L'analyse du modèle de compromis sportif des athlètes à l'actif a révélé que les handballeurs se compromettent plus avec la modalité parce qu'ils se sentent compétents et ils ont une bonne relation avec les autres, deux composants de la dimension Amusement.

Dans le cas du modèle pour les athlètes qui l'ont abandonné, les résultats ont montré que le compromis de ces athlètes avec le handball était expliqué par les Contraintes Sociales, de la Perception de la Relation avec les Autres et à travers des Investissements Personnels, liés au nombre d'années et au nombre d'heures d'entraînement.

Mots-Clés: Abandon, Handball, Compromis.

1. Introdução

O presente estudo subordinado à problemática do abandono desportivo insere-se no âmbito das Ciências Sociais.

Existe uma panóplia de razões para os praticantes abandonarem a prática, que na nossa perspectiva, e de uma forma generalizada e empírica, poderá estar associada a uma crise de valores por parte das pessoas que directa ou indirectamente se encontram ligadas ao desporto, pessoas essas que formam a estrutura das Instituições desportivas ou estão na tomada de decisão de políticas desportivas. Como reforço a esta frase, Correia (1999) afirma que a questão das escolhas estratégicas está associada aos valores que estão incorporados dentro das estruturas organizacionais e aos valores de quem recebe os recursos para implementar essas escolhas.

A realidade social e económica sofreu, nos últimos 10 anos, grandes alterações. Este fenómeno reflectiu-se nas pessoas e também nos hábitos desportivos.

Dos diversos autores que estudaram este tema, Orlick e Pang (1986, pp.169) citam o abandono desportivo como “uma descontinuidade permanente na participação desportiva”. Este estudo foi encarado num contexto de um participante que não está satisfeito com a sua prática, cujos direitos e necessidades não foram satisfeitos e cujo estilo de vida se tornava cada vez mais pobre, como consequência da sua participação no desporto. Esta relação entre a participação e a satisfação dos jovens praticantes deve manter-se como a principal prioridade das organizações desportivas. Uma justificação, possível para que isso aconteça, dada pela socióloga Marivoet (2002) é o facto de nunca ser possível saber com certeza absoluta se um jovem não tem talento para o desporto, ou se é possível vir a suprir essas carências com melhores programas de treino.

Para Stambulova (1995) a principal razão da satisfação numa carreira desportiva é a coordenação entre o nível de objectivos e o seu nível de alcance. Se o nível alcançado é igual ou superior ao nível de objectivos traçados, então existem razões para que os atletas se sintam satisfeitos. Segundo o autor citado anteriormente, as fases de transição entre cada um dos períodos da carreira desportiva são passíveis de gerar crises. Em conclusão, as saídas das crises estão sempre associadas com a troca de lugar e no

papel que o desporto ocupa na vida individual. No início, o desporto é como um jogo de prazer. Em seguida, passa a ser uma esfera de aprendizagem, depois, um modo de vida, seguindo-se, um caminho para se viver e, no fim, uma parte da história da vida individual.

“Existem momentos ou períodos da vida dos atletas descritos como particularmente difíceis, nos quais sentem tristeza, solidão e abandono. Situações destas ocorrem em momentos terminais, tais como: pós-competição, pós-época, pós-carreira desportiva e pós-lesão ou acidente. É um momento muito importante, já que a decisão de abandono precoce da actividade emerge as suas raízes, impedindo muitos jovens de se aproximarem do seu sonho, de se realizarem desportivamente” (Fernandes, 1991; pp.12). Vivemos muito agarrados ao modelo de desporto organizado, formal, com vista a atingirem-se resultados em participações competitivas.

A fim de melhor compreendermos este tema, é necessário ter em atenção diferentes variáveis, que vão desde os estilos de liderança dos treinadores, passando pela pressão competitiva, pela sede de resultados desportivos, que muitas vezes correspondem a maiores subvenções públicas (apoios financeiros). No entanto, a questão que se coloca é que, em muitos casos, esses apoios ao invés de reverterem para aqueles que por direito próprios os merecem, são canalizados para outros sectores.

A formação desportiva das crianças e jovens deve, em primeiro lugar, colocar ênfase nos processos de desenvolvimento, promovendo uma prática desportiva sustentada que produza indicadores, os quais possam garantir uma maior capacidade de desempenho desportivo ao mais alto nível, assim como uma maior longevidade e estabilidade nesse trajecto.

Aos responsáveis compete estruturar formas adaptadas, de modo a criar etapas sucessivas de um processo de desenvolvimento centrado no jovem praticante, onde todos possam expressar as suas capacidades e desenvolver a sua personalidade.

A prática desportiva direccionada para o alcançar dos melhores níveis de prestação, inserida no quadro da competição, continua a afirmar-se como um espaço de realização e de afirmação de competências, numa sociedade que dignifica o sucesso e a vitória (Marivoet, 2002). Infelizmente, segundo Sacadura e Raposo (1994) o resultado

desportivo é um critério bem objectivo para avaliar as capacidades e competências de atletas e treinadores. É igualmente um instrumento de referência e quase determinante na avaliação da qualidade de um sistema desportivo, determinado por concepções políticas. No entanto, não nos podemos esquecer que os clubes, tal como a família e a Escola, têm um papel muito importante na formação dos desportistas e na consecução do seu projecto de vida.

A participação de crianças e jovens em programas desportivos, regra geral, aumenta até aos 12 anos. Depois regista-se um decréscimo que decorre do menor número de entradas em idades avançadas e, simultaneamente, de um crescente número de Abandonos.

Como é do conhecimento geral, a prática desportiva federada decresce com a idade, e isso tem a ver com o percurso de formação desportiva. À medida que os jovens vão progredindo na modalidade, as exigências vão sendo cada vez maiores, e como nem todos conseguem chegar aos padrões de qualidade exigíveis, muitos acabam por abandonar.

Outro aspecto importante está ligado à “concorrência” que se estabelece entre a carreira escolar e a carreira desportiva, uma vez que a aposta das famílias e jovens é, normalmente, na carreira escolar (Marivoet, 2002). Até porque, como já vimos anteriormente, a oferta desportiva está demasiado virada para a competição que, por sua vez, se torna inconciliável com outras actividades complementares.

Os treinadores, os seus estilos de liderança e o planeamento dos treinos são tidos como grandes razões que levam ao abandono. Assim, numa actividade como a prática desportiva competitiva em que se procura alcançar o sucesso, muitos treinadores experimentam dificuldades ao tentarem atingir os seus objectivos. A maioria dos problemas que geralmente os vemos referir nesta matéria, apontam para a falta de colaboração recebida da parte dos pais, a existência de estilos de treino com uma eficácia duvidosa, a interferência de pais e espectadores no desenrolar da actividade (Robertson, 1998).

Estamos perante questões às quais os dirigentes desportivos não podem alhear-se, uma vez que estão na origem do aumento das taxas de abandono dos treinadores, tema este que deve adquirir uma importância no mínimo idêntica àquela que se atribui ao abandono por parte dos jovens (Robertson, 1998).

Por isso, para qualquer Federação, Associação ou Clube, o estudo do abandono desportivo deve constituir uma questão estratégica, dado que a manutenção dos praticantes funciona não só como um indicador do nível desportivo indispensável para a obtenção de subsídios estatais, mas também como factor de satisfação dos segmentos populacionais que procura uma dada modalidade.

Se aqueles que praticaram desporto quando jovens revelam hoje, como consequência da sua experiência anterior, uma menor competência na prática desportiva, uma ideia de desporto menos adequada e mostram possuir um conjunto de valores mais pobres acerca do espírito desportivo atribuindo um menor significado à actividade física, então há razões suficientes para encarar com alguma preocupação o modo como está a ser organizada a prática desportiva juvenil (Robertson, 1998).

O facto é que algumas pessoas desenvolvem um grande compromisso em continuar a sua prática, enquanto outras falham e desistem do desporto.

Com este estudo pretendemos abordar estas questões que são uma preocupação constante para quem trabalha no desporto e para o desporto.

Capítulo I – Revisão de Literatura

1. Introdução

O objectivo deste capítulo consiste em situar o desenvolvimento da investigação já realizada, relativamente ao abandono desportivo e à motivação para a participação por parte de jovens atletas.

Apesar deste estudo ser sobre o abandono desportivo, achamos que as questões relacionadas com a participação e a motivação para a prática do desporto deverão estar presentes.

Gould e Petlichkoff (1988) numa perspectiva integrada, afirmam que tanto o abandono como a participação desportiva é explicado por processos iguais, através de factores que lhes são comuns, não sendo por isso plausível estudar os motivos que levam os jovens ao abandono, sem reconhecer quais são aqueles que são inerentes à sua participação.

Deste modo, o enquadramento desta temática comportará uma primeira parte em que iremos explicar as causas conducentes ao abandono e à participação à luz de vários paradigmas teóricos e posteriormente, serão apresentadas estudos descritivos já realizadas por diversos autores sobre as duas temáticas.

2. Revisão de Literatura

Existe uma necessidade de analisar o abandono desportivo tendo como base os paradigmas teóricos. Alguns modelos explicativos da motivação dos indivíduos estão a ser utilizados pelos investigadores a fim de explicar e prever o comportamento dos indivíduos face ao abandono, em particular, a teoria da motivação para a competência (Harter, 1978) e a teoria de realização dos objectivos (Maehr e Nicholls, 1980; Nicholls, 1984). As investigações conduzidas a partir destes paradigmas teóricos permitiram colocar em evidência diferentes factores subjacentes do abandono, como o sentimento de incompetência (Burton e Martens, 1986; Feltz, Gould, Horn e Weiss, 1982; Feltz e

Petlichkoff, 1983; Klint e Weiss, 1987; Roberts, Kleiber e Duda, 1981) ou uma orientação bastante marcada da comparação social (Duda, 1989; Ewing, 1981; Petlichkoff, 1982). Outros estudos propuseram uma análise mais completa do fenómeno e utilizaram o paradigma do intercâmbio social (Carpenter, Scanlan, Simons e Lobel, 1993; Gould, 1987; Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons e Keller, 1993; Smith, 1986). Estas investigações contribuíram para uma melhor compreensão da complexidade do fenómeno. A influência do envolvimento sobre as pessoas e as decisões dos jovens atletas fez com que se avançasse com trabalhos para outros modelos: Brown (1985); Brown, Frankel e Fennell (1989) e Vallerand (1997).

É importante notar que a maioria dos estudos sobre o abandono desportivo se baseia na população Norte-Americana, em particular na dos Estados Unidos. Será prudente alargar o estudo a outras culturas, a fim de generalizar os resultados já obtidos.

2.1. TEORIA DA MOTIVAÇÃO PARA A COMPETÊNCIA

Harter (1978, 1981, cit. in Roberts, 1992; Cruz, 1996) formulou um modelo teórico com a finalidade de explicar a participação dos indivíduos em contextos de realização. Esta teoria baseia-se assim na percepção e expressão de competência nos domínios social, cognitivo e físico: uma tarefa de mestria bem sucedida (ex. aprender e demonstrar *skills* desportivos), leva o sujeito a formar uma percepção de competência positiva naquele domínio de realização, advindo esta como uma experiência positiva, elevando a motivação intrínseca e promovendo um maior empenho e continuidade na actividade, em virtude da utilização de critérios internos de avaliação.

Nos domínios social, cognitivo e físico, o sucesso e o insucesso é avaliado de uma forma significativa por terceiros (pais, professores, colegas, etc.), pelo que essas avaliações são encaradas pelos sujeitos como potenciadoras da percepção de competência e da motivação intrínseca, quando uma experiência de sucesso tem lugar, por oposição àqueles cujo sucesso não é alcançado e que se percebem como pouco competentes, originando a perda de auto-confiança, aumento da ansiedade e falta de empenhamento na tarefa (Roberts, 1993).

Alguns estudos testaram o modelo de Harter (Burton e Martens, 1986; Gould, Feltz, Horn, Weiss, 1982; Feltz e Petlichkoff, 1983; Klint e Weiss, 1987). Mesmo com alguns resultados contraditórios a maior parte dos estudos comprovaram a teoria de Harter (1978), ou seja, os indivíduos que praticam uma actividade física têm as percepções de competências físicas e cognitivas mais elevadas que os não praticantes.

Acerca da forma como a teoria da motivação para a competência pode conduzir ao abandono ou à participação desportiva, Harter (1978, 1981, cit. in Roberts; 1992) refere que tudo depende da forma como o jovem encara a sua percepção de competência (física, cognitiva e social) e de controlo (sobre o envolvimento). Se o sujeito sentir que tem uma habilidade adequada e um controlo situacional sobre determinado domínio de realização, vai envolver-se em comportamentos de mestria, persistindo mais tempo nesse domínio.

2.2. TEORIA DE REALIZAÇÃO DOS OBJECTIVOS

Segundo os estudos teóricos e empíricos de Maehr e Braskamp (1986); Dweck e Elliott (1983); Maehr e Nicholls (1980); Nicholls (1981, 1984 a, 1984 b, 1989) citados in Roberts (1992, 1993) e Duda (1989), a aproximação à realização de objectivos assumem como maior ponto de convergência a demonstração de competência e habilidade.

Contudo, para compreender a realização dos objectivos, é necessário reconhecer que sucesso e insucesso são estados psicológicos baseados na interpretação que os sujeitos fazem sobre o esforço despendido na obtenção de um determinado objectivo. Se o esforço na obtenção do objectivo é interpretado como reflectindo atributos desejáveis para o próprio sujeito, então o resultado é interpretado como um sucesso. Por oposição, se o resultado é visto como reflectindo qualidades indesejáveis do sujeito (ex. preguiça, falta de habilidade), então o resultado é interpretado como um insucesso.

De acordo com Maehr e Nicholls (1980, cit. in Weiss e Chaumeton, 1992) o modo como os sujeitos constroem a sua concepção de habilidade tem por base três conceitos distintos no contexto de realização: a) orientação para a habilidade – o sujeito esforça-se por demonstrar skills em comparação com os outros; b) orientação para a tarefa – adopta uma concepção de mestria, avaliando a sua habilidade desportiva por

comparação com performances passadas; c) aprovação social – os objectivos visam a obtenção de feedback positivo pelo esforço desenvolvido durante a participação, independentemente do resultado obtido, dado por pessoas importantes para os atletas (ex. treinadores, pais, colegas). Estas três linhas orientadoras, de acordo com a teoria, estão na base do desenvolvimento das principais perspectivas de objectivos que são perseguidos pelos sujeitos.

Roberts (1993) refere que, apesar de inúmeras terminologias utilizadas na definição dos objectivos de realização: aprendizagem v.s. performance orientada (Dweck, 1986; Dweck e Elliott, 1983; Elliott e Dweck, 1988); mestria v.s. habilidade focada (Ames, 1984, 1992); aquela que tem sido mais frequentemente usada na investigação é a de envolvimento na tarefa v.s. ego (Duda, 1989; Maehr e Nicholls, 1980; Nicholls, 1984, 1989).

No que diz respeito à orientação para a tarefa, esta verifica-se quando o sujeito tem uma perspectiva de que a mestria e a aprendizagem são tidas como importantes na obtenção de sucesso no seu desempenho. Deste modo, auto-percepções de habilidade são relacionadas com a melhoria de *skills*, evolução nas tarefas, empenhamento e participação activa na própria actividade, comparativamente ao seu melhor desempenho.

Sucesso e insucesso são assim encarados como dependentes da avaliação subjectiva da tarefa realizada ou da melhoria registada nesta.

Quando existe uma perspectiva de ego-envolvimento, o ênfase é posto na demonstração superior de competência assente num carácter normativo de comparação social, no qual a percepção de habilidade do sujeito e a consequente percepção de sucesso v.s. insucesso é inferida pela capacidade de derrotar terceiros (Roberts, 1992; Duda, 1989, 1993).

Para além destas duas perspectivas, Maehr e Nicholls (1980, cit. in Duda, 1989; Roberts, 1993; Biddle, 1993), referem ainda a existência de uma terceira, a aprovação social, que consiste na necessidade de obtenção de aprovação dada por terceiros (ex. pais, professores, colegas, etc.) nos contextos de realização.

2.3. TEORIA DO INTERCÂMBIO SOCIAL

A teoria do intercâmbio social, de Thibaut e Kelley (1959), começa com a concepção de que o comportamento humano é governado primeiramente pelo desejo de maximizar as experiências positivas e minimizar as experiências negativas. Nesta perspectiva, as pessoas participam em relações e actividades somente enquanto os resultados de participação são suficientemente favoráveis. O favoritismo é determinado pelo balanço entre os benefícios e os custos. Na maioria dos modelos, a análise dos custos/benefícios é expressa por uma variável atractiva, como satisfação (Rusbult, 1980, 1983) ou divertimento (Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons e Keeler, 1993b).

Os indivíduos devem estar satisfeitos com as suas relações ou actividades quando os benefícios ultrapassam os custos; a insatisfação ocorre quando os custos ultrapassam os benefícios.

De acordo com Thibaut e Kelley (1959), a decisão de manter-se numa relação ou numa actividade não é baseada somente no balanço entre os benefícios e os custos. A decisão de persistir ou abandonar também depende da visibilidade e da atracção pelas alternativas. Consequentemente, alguém pode escolher continuar envolvido no desporto, mesmo que os custos excedam os benefícios (recompensas) porque não existem alternativas ou não são acessíveis. No domínio desportivo, recompensas poderão envolver consequências tangíveis, como as medalhas, diplomas e outros troféus, ou até algumas vezes dinheiro. Mas também são psicológicas, como atingir os objectivos desejados.

Muitas investigações feitas no desporto para jovens utilizam a estrutura da teoria do intercâmbio social para explicar o compromisso desportivo e o abandono (Carpenter e Coleman, 1998; Gould, 1987; Johns, Lindner e Wolko, 1990; Scanlan, Carpenter, Lobel e Simons, 1993a; Scanlan, Carpenter, Schmidt, Simons e Keeler, 1993b; Scanlan, Simons, Carpenter, Schmidt e Keeler, 1993c; Schmidt e Stein, 1991; Smith, 1986). Geralmente, essas investigações aplicam o constructo do compromisso para descrever um conjunto de factores que expliquem a persistência num percurso de acção ou de relação, mesmo perante a adversidade (Becker, 1960; Brickman, 1987; Kelley, 1983; Rusbult, 1980). O paradigma do intercâmbio social foi aplicado no estudo de pares (Bui, Peplau e Hill, 1996; Duffy e Rusbult, 1986; Sprecher, 1988), na amizade (Rusbult,

1980), nas organizações (Farrell e Rusbult, 1981) e no trabalho (Rusbult e Farrell, 1983). Foi considerado efectivo na predição do compromisso e permite distinguir entre indivíduos que ficam numa relação ou no trabalho e aqueles que abandonam.

Guillet, Sarrazin, Carpenter, Trouilloud e Cury (2002), com o objectivo de entender o abandono em andebolistas francesas, utilizou os postulados da teoria do intercâmbio social em dois estudos complementares. No primeiro estudo, o objectivo foi explorar mais as formas de divertimento enfatizando a chave das variáveis na análise dos custos/benefícios. O segundo estudo testou o modelo inerente à teoria do intercâmbio social, usando uma equação estrutural como modelo de análise e um design prospectivo de 8 meses para prever o actual comportamento do abandono. Guillet *et al.* (2002) substituíram, no estudo um, o constructo do divertimento, proposto por Scanlan *et al.* (1993b), por benefícios percebidos.

Foi posto a hipótese de que quanto maior são os benefícios percebidos ligados ao Andebol, mais jogadores investirão neste desporto, menos atractivas irão parecer as alternativas do envolvimento e maior será o seu compromisso. Um alto compromisso irá levar a um baixo comportamento de abandono 8 meses depois.

Com base nesta teoria desenvolveram-se vários modelos:

2.3.1. Os Modelos Custos/Benefícios do Abandono

O modelo de Smith – modelo cognitivo-afectivo do stress

Smith (1986) refere que o processo de atrito desportivo comporta duas abordagens: *dropout* e *burnout*. Sustentado na teoria do intercâmbio social de Thibaut e Kelly (1959), o *dropout* consiste no abandono desportivo, assenta na análise de custos-benefícios das experiências desportivas, enquanto que o *burnout* é definido como o abandono desportivo, em reacção ao stress crónico, e tem por base as teorias do stress cognitivo-afectivo.

Relativamente ao abandono propriamente dito, *dropout*, apesar de a análise dos custos/benefícios ser realizada com base nas consequências da participação (recompensas materiais, sentimentos de competência, auto-estima, consecução de

objectivos, etc. v.s. sentimentos de insucesso, crítica feita por terceiros, etc.) a decisão em abandonar é avaliada com base no nível de comparação (expectativas face a uma dada actividade tendo como modelo experiências passadas ou pela observação de outros, bem como necessidades sentidas num determinado momento) e no nível de comparação das alternativas (nível mais baixo de resultados aceites pelo sujeito, que conduzem à permanência na actividade por oposição à escolha de outra) com os resultados obtidos.

Smith (1986) refere que as investigações com atletas desistentes e não participantes levaram à identificação dos motivos pelos quais o nível de comparação e o nível de comparação das alternativas aumentavam os custos de participação, visto os resultados obtidos situarem-se abaixo destes. Os motivos são o medo de falhar, a excessiva pressão competitiva, o não gostar do treinador, os conflitos com os colegas, as exigências temporais e energéticas e o aborrecimento.

Apesar de os sujeitos manifestarem satisfação para com as actividades desportivas, por vezes desistem (alternativas superiores aos resultados) e aqueles que manifestam insatisfação, permanecem (resultados inferiores ao nível de comparação mas acima do nível de comparação das alternativas (Smith, 1986; Schmidt e Stein, 1991).

Reportando-se a esta análise, Gould e Petlichkoff (1988) referem que caso não se verifiquem actividades alternativas as probabilidades de o jovem se manter envolvido aumentam. De qualquer modo, está em causa um processo de tomada de decisão que visa determinar se o seu envolvimento irá manter-se ao mesmo nível, se opta por um outro nível, ou se desiste da actividade desportiva para entrar numa actividade não desportiva.

Brustad (1993) salienta que a análise custos/benefícios poderá estar na origem da continuidade desportiva por parte dos jovens, uma vez que a investigação descritiva levanta múltiplos motivos não só para a participação como para o abandono. Por outro lado, a razão mais vezes apontadas para o abandono “ter outras coisas que fazer”, poderá sugerir a existência de inúmeras alternativas disponíveis durante a adolescência, relegando a actividade desportiva para segundo plano.

Contrariamente ao *dropout*, caracterizado por uma mudança de interesses ou reorganização de valores, Smith (1986) argumenta que o *burnout* retrata o abandono desportivo (psicológico, emocional e físico) originado pela indução de custos através da vivência de experiências de stress. Desta forma, actividades que à partida seriam agradáveis para o sujeito, transformam-se em fontes de aversão causadoras de stress, devido a perdas de energia, fadiga crónica e aumento da susceptibilidade para adoecer. Sentimentos de depressão, incapacidade na tomada de decisões, aborrecimento, tensão e irritabilidade são apontados como factores ao nível emocional, verificando-se ao nível comportamental baixa eficiência e performance irregular, a qual, a níveis extremos, poderá levar a comportamentos desajustados e, em última instância, ao abandono.

Na tentativa de conceptualizar a relação entre stress e *burnout*, o modelo de Smith (1986) é demonstrativo de como numa situação os factores “avaliação cognitiva” e “respostas fisiológicas e comportamentais” estão relacionados e são influenciados por níveis de personalidade e motivação, fig.1.

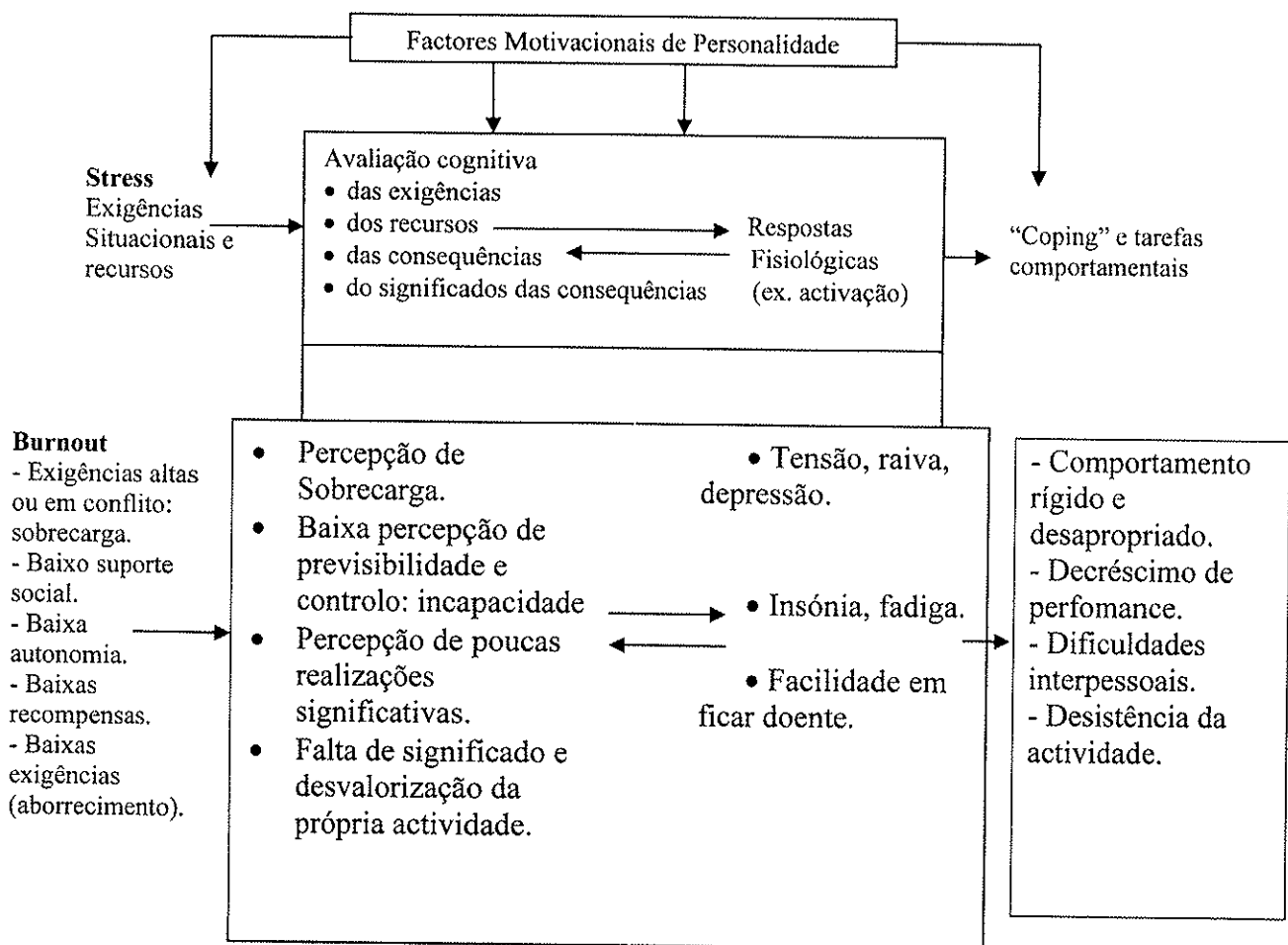


Figura 1 – Modelo do Stress Competitivo (adaptado de Smith, 1986).

Smith (1986) refere que este modelo é constituído por quatro componentes, reportando-se a primeira à situação, nomeadamente à forma como as exigências ambientais e os recursos pessoais e ambientais interagem, ocorrendo stress sempre que se verifica um desequilíbrio entre exigências e recursos, quer num quer noutra sentido.

Dependente da interpretação feita pelo sujeito acerca da situação, a avaliação cognitiva comporta quatro elementos explicativos da natureza e intensidade das respostas emocionais face ao stress: a) avaliação das exigências; b) avaliação dos recursos; c) avaliação das consequências; e d) avaliação do “significado” das consequências (feita com base no sistema de crenças pessoais). Exemplo deste facto são as respostas dadas por atletas cujos baixos níveis de autoconfiança e auto-eficácia, os conduziram a um desequilíbrio entre exigências que lhes são feitas e os recursos que possuem para lhes responder, ou ainda que considerem a sua auto-estima dependente do sucesso ou insucesso obtido nos resultados desportivos.

Deste modo, Weinberg e Gould, (1995) chama a atenção para o facto de os sujeitos assumirem o papel de vítimas em função das suas convicções irracionais acerca da forma como interpretam o sucesso e a aprovação social, conduzindo-os a reacções de stress desapropriadas.

A resposta fisiológica surge neste modelo quando a avaliação da situação é considerada cronicamente como perigosa ou ameaçadora, conduzindo o atleta a níveis desmedidos de activação fisiológica (Smith, 1986). Os atletas vítimas deste tipo de experiência, além de debilidade emocional, revelam poucas emoções positivas, conduzindo a que sentimentos de divertimento e gosto pela actividade desportiva dêem lugar a outros de tensão e irritação (Weinberg e Gould, 1995).

A quarta e última componente do modelo traduz o resultado dos comportamentos manifestados pelo sujeito na tentativa de lidar com as situações, tais como orientação para a tarefa e orientação social que, por sua vez, sofrem a influência de aspectos referentes às exigências situacionais, processos de avaliação cognitiva e respostas fisiológicas.

Paralelamente ao campo cognitivo-afectivo, a parte inferior do modelo apresenta a síndrome do *burnout*, no qual estão representadas as manifestações ou consequências

das componentes do stress enunciadas anteriormente (situacionais, cognitivas, fisiológicas e comportamentais).

A um nível situacional, investigações conduzidas com jovens revelaram que dificuldades com treinadores e dificuldades interpessoais com os colegas (baixo apoio social), exigências competitivas muito elevadas, exigências em termos de tempo e energia, falta de habilidade e aborrecimento podem ser fontes de stress desportivo (Gould, 1983; Gould e Horn, 1984 cit. in Smith, 1986; Orlick e Botteril, 1975). Para além destes dados, Smith (1986) refere ainda que a formação de grupos, a falta de autonomia pessoal criada por treinadores autocráticos, bem como o baixo apoio social e a falta de solidariedade estão associados às razões pelas quais os jovens desistem do desporto.

2.3.2. Modelo Integrador da Participação e do Abandono Desportivo

Com a finalidade de enquadrar os estudos que a investigação tinha produzido no que concerne à identificação dos motivos subjacentes ao abandono e à participação dos jovens no desporto, Gould e Petlichkoff (1988) construíram um modelo abrangente dessas investigações, o qual pretende sustentar os processos cognitivos inerentes a essas decisões.

Desta forma, o modelo vai sendo modificado com intuito de demonstrar a sua utilidade na explicação das razões que levam os jovens a abandonar e a participar no desporto (aumentando a sua motivação) para se fundir na explicação destas relações.

Assim, os modelos dividem-se em três componentes, e duas sub-componentes. Estas últimas são representativas das razões citadas para a participação e abandono desportivo (pessoais e situacionais) e dos constructos teóricos que reflectem essa tomada de decisão (orientação para a realização, motivação para a competência e stress cognitivo-afectivo).

No entender de Gould e Petlichkoff (1988) o abandono desportivo comporta duas análises completamente distintas, uma vez que este poderá ocorrer em relação a

uma determinada modalidade desportiva, assumindo um carácter específico, ou num sentido mais amplo poderá reportar-se a um abandono geral de toda a actividade desportiva.

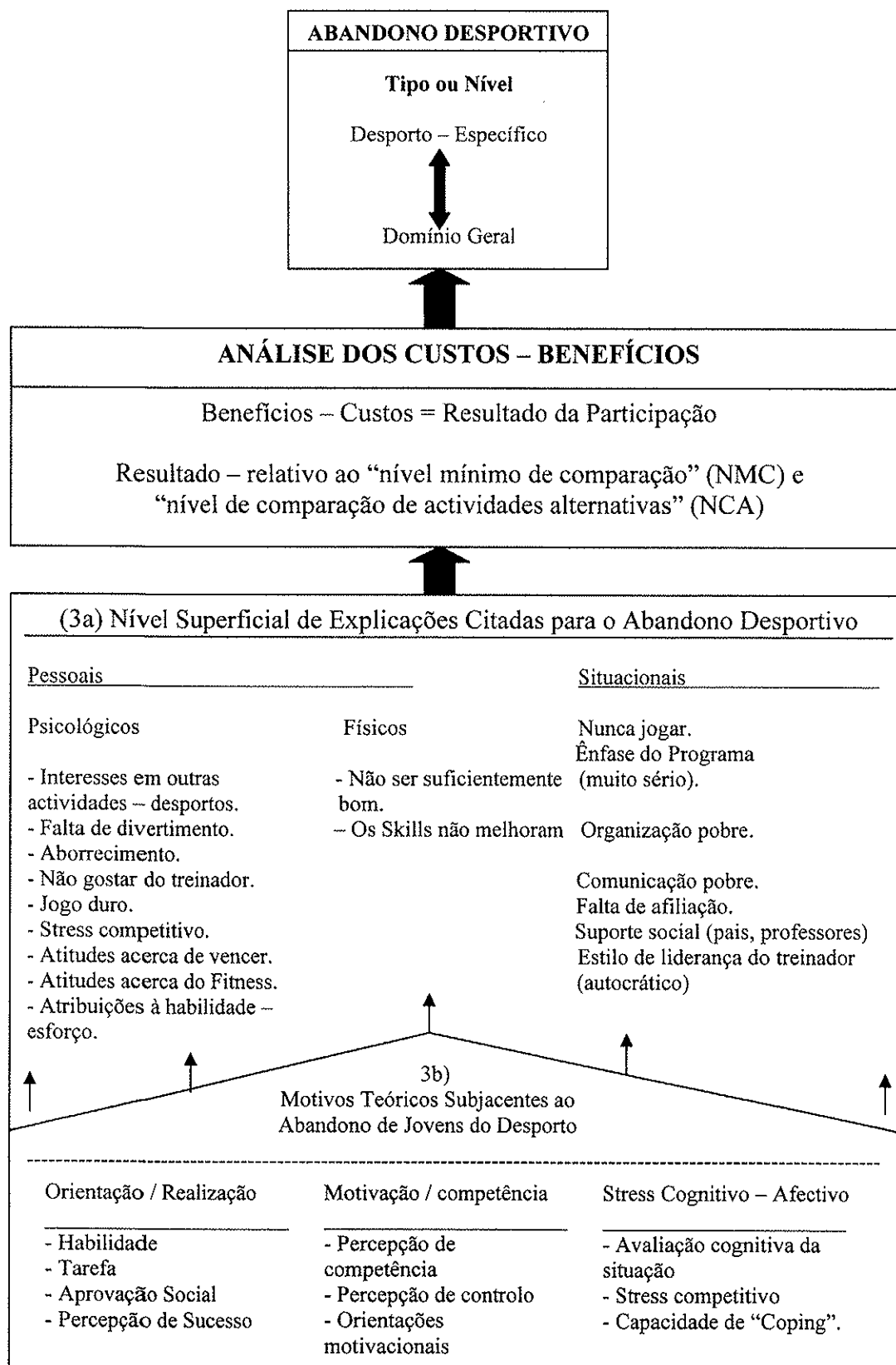


Figura 2. Modelo Motivacional para o Abandono Desportivo de Jovens (adaptado de Gould e Petlichkoff, 1988).

O abandono dos jovens da actividade desportiva ocorrerá se a sua percepção dos custos for superior à percepção dos benefícios e se as actividades alternativas forem tidas como mais atractivas. Verifica-se o contrário se o jovem estiver motivado para aumentar as recompensas e reduzir os custos, uma vez que o comportamento é motivado pela vontade de aumentar a possibilidade de ter experiências positivas através da redução da probabilidade de ter experiências negativas (Gould e Petlichkoff, 1988; Brustad, 1993).

Por outro lado, à semelhança do abandono, a participação desportiva poderá reportar-se também ao domínio geral (ex. participação num programa de férias desportivas englobando diversas modalidades) ou específico (ex. prática de uma só modalidade).

Apesar da opção pelo nível de envolvimento, Gould e Petlichkoff (1988), defendem que este integra em si uma dimensão de intensidade que conduzirá os jovens a um nível mais elevado de actividade (ex. ginasta com possibilidades de participação em grandes eventos, com treinos diários de 3 horas) ou a um nível menos elevado de actividade (ex. ginasta que pratique 3 horas por semana repartidas por três sessões).

Tal ideia parece ser comprovada pelos resultados obtidos por Klint e Weiss (1986), os quais referem que dos ginastas de competição entrevistados, 95% continuam envolvidos na modalidade a um nível mais baixo de intensidade ou optaram por outra prática desportiva.

Apesar de, neste modelo, o nível de intensidade ser considerado só em relação ao nível de participação desportiva, parece que o mesmo poderá determinar o abandono da modalidade. VanYperen (1997) concluiu, num estudo realizado com jovens futebolistas, que no fim da época, aqueles que tinham tido um maior desgaste energético, sem que tal fosse materializado em termos de resultados, expressavam uma grande vontade de desistir.

Por outro lado, Robinson e Carron (1982) salientam que, entre jogadores de futebol americano que iniciam o jogo (titulares), sobreviventes (suplentes – pouco tempo de jogo) e desistentes, existem diferenças em termos motivacionais. Comparativamente aos outros dois grupos, os titulares apresentam um maior gosto pela

prática e afiliação, bem como uma maior percepção de competência e habilidade para a modalidade, reforçando assim a sua continuidade na prática.

Quanto às componentes dos modelos, que englobam os níveis superficiais de explicação, estas subdividem-se nas que são representativas dos resultados obtidos pelas investigações descritivas e nos constructos teóricos que reflectem os motivos para o abandono e participação desportiva. Relativamente às primeiras, estas englobam factores pessoais (psicológicos e físicos) e situacionais, que sustentam os motivos enunciados pelos jovens (abandono e participação), enquanto que os segundos apresentam três orientações teóricas na procura da mesma explicação, que são: interpretação cognitiva da realização dos objectivos (Maehr's e Nicholl's, 1980), teoria da motivação para a competência (Harter, 1978, 1981) e o modelo do stress cognitivo-afectivo (Smith, 1986), todas já abordadas anteriormente.

Contudo, muitas investigações realizadas no contexto desportivo têm-se socorrido dos modelos acima referidos, na tentativa de explicar as causas de participação e abandono desportivo. Deste modo, referindo-se à teoria da realização dos objectivos, Gould e Petlichkoff (1988) dizem que as decisões manifestadas pelos jovens de desistirem do desporto assentam na realização dos objectivos e na percepção de sucesso ou insucesso aquando da sua realização, procurando demonstrações de grande habilidade e evitando as de baixa habilidade.

Por seu lado, Duda (1993) e Duda e Whitehead (1998) defendem que os ambientes poderão conduzir a uma maior ou menor preponderância de orientação para o ego ou para a tarefa, chamando a atenção para o facto de ambientes de competição interpessoal e avaliação do desempenho feita com base no feedback do público proporcionarem um maior envolvimento do ego, enquanto que situações de incidência em processos de aprendizagem, melhoria pessoal, e máximo esforço na procura do resultado, conduzam a um maior envolvimento na tarefa.

Contudo, Fry e Duda (1997) referem que em contexto de desporto académico, os sujeitos cujo envolvimento seja de orientação para a tarefa revelam um maior empenhamento, elevados níveis de gosto pela actividade que praticam e uma maior motivação intrínseca. Contrariamente, os sujeitos cuja orientação é para o ego surgem

associados a baixos níveis de auto-confiança “pré-competitiva” e manifestam grande preocupação com o desempenho.

Lindner, Johns e Butcher (1991) registou que os sujeitos orientados para o ego privilegiam a comparação social como fonte de informação sobre a sua percepção de competência, enquanto que aqueles cuja orientação era para a tarefa, enfatizam mais a mestria pessoal, o processo de aprendizagem e os seus progressos pessoais.

White e Duda (1994) também num estudo conducente a apurar qual das duas perspectivas conduzia a uma maior motivação para a participação, salientam que os atletas que revelavam uma grande orientação para a tarefa compreendiam a importância da prática, da aprendizagem e do exercício físico feito regularmente como um contributo para as suas experiências desportivas, advindo daí uma maior motivação intrínseca para o desempenho. O mesmo não se passava com os atletas orientados para o ego, os quais apontavam como factor primordial no seu envolvimento a importância de competir com outros, bem como as expectativas de virem a ser recompensados pelo seu desempenho.

Deste modo, o comportamento adoptado pelos sujeitos que estão orientados para o ego é bastante frágil face a uma dificuldade ou insucesso, optando quer pela desistência de se esforçarem na realização de uma determinada tarefa, atribuindo assim a sua fraca performance ao facto de não se terem empenhado o suficiente, quer pela escolha de tarefas muito difíceis ou muito fáceis, para justificarem o insucesso devido ao grau de dificuldade ou para garantirem um desafio bem sucedido (Roberts, 1993; Duda, 1989).

Relativamente aos efeitos provocados pelo stress cognitivo-afectivo neste modelo, Smith (1986) argumenta que o *burnout* ocorre num sub-grupo específico de jovens desistentes desportivos, os quais, devido à percepção de existência de um desequilíbrio entre as exigências e recursos durante um longo período de tempo, começam a encarar a participação desportiva como muito stressante, acabando por desistir. Assim, para este autor, o *burnout* é encarado como uma forma particular de abandono desportivo.

Analisando então o modelo de Gould e Petlichkoff (1988) numa perspectiva integradora, poder-se-á dizer que tanto o abandono como a participação desportiva é explicado por processos iguais, através de factores que lhes são comuns. Assim, não é plausível estudar os motivos que levam os jovens ao abandono, sem reconhecer quais são aqueles que são inerentes à sua participação.

Apesar dos modelos de Gould e Petlichkoff (1988) e de Smith (1986) oferecerem uma tentativa de criação de um campo teórico explicativo dos motivos conducentes à participação e ao abandono desportivo, Smith e Stein (1991), numa crítica a estes dois constructos, fazem referência a dois aspectos. Em primeiro lugar, o argumento temporal enunciado por Smith (1986) para explicar as diferenças entre o *dropout* e *burnout* não encontra suporte na teoria do intercâmbio social de Thibaut e Kelly (1959), uma vez que o carácter de cronicidade assumido pelo *burnout* é contrariado pelo facto de a teoria acima referida defender que, quando os resultados caem abaixo do nível de comparação das alternativas, o sujeito desiste do compromisso, não se chegando a verificar o *burnout*. Com efeito o sujeito abandona antes que haja tempo para que o stress atinja um nível crónico.

O segundo aspecto reporta-se ao facto de não haver uma diferenciação visível ao nível das recompensas, custos e modelos alternativos entre o *dropout* e *burnout*, sendo estes de difícil distinção.

Este modelo chama ainda a atenção para o facto de existirem diferenças individuais na percepção do stress por parte das crianças e na forma como lidam com ele. Contudo, se a percepção for de manifesta falta de competência e prazer, ela conduzirá a experiências de ansiedade.

2.3.3. Os Modelos do Compromisso de Rusbult (1980, 1983) e de Scanlan *et al.* (1993b)

Rusbult (1980,1983) propôs que o compromisso seja determinado pela satisfação desportiva, alternativas do envolvimento, investimentos pessoais, constrangimentos sociais e pelas oportunidades do envolvimento.

Os indivíduos estão satisfeitos com as suas relações ou actividades, quando os benefícios ultrapassam os custos, e a insatisfação ocorre quando os custos ultrapassam os benefícios. Assim, a análise dos custos/benefícios é sempre expressa por uma avaliação global do afecto positivo, como a satisfação, que sumariza as experiências afectivas individuais para uma relação ou actividade. Este modelo pretende provar que a grande satisfação está relacionada com um grande compromisso.

Scanlan *et al.* (1993b) apresentaram um modelo teórico específico para o desporto – o modelo de compromisso desportivo – que está centrado em processos psicológicos subjacentes à participação desportiva. Este modelo tem a sua base na psicologia organizacional e social.

Nestes modelos, a análise dos custos/benefícios é expressa por uma variável atractiva, como satisfação (Rusbult, 1980, 1983) ou divertimento (Scanlan *et al.*, 1993b).

Scanlan e Simons (1992) resumiram os preditores do divertimento como sendo: aprender/melhorar os *skills*, estar com os amigos/estar em equipa, sentir-se competente, receber instruções e encorajamento dos treinadores e ganhar. Num estudo no terreno, com um largo número de pessoas, de diferentes idades, etnias e género, Scanlan, Carpenter, Lobel e Simons (1993a), comprovaram a existência destas categorias para predizer o divertimento para atletas jovens. Esta análise deu-lhes uma maior compreensão e conhecimento do constructo divertimento e é mais consistente com a noção de custos e benefícios descritos na teoria do intercâmbio social (Thibaut e Kelley, 1959).

O compromisso é o termo que significa a força motivacional por trás da persistência. No domínio desportivo, Scanlan *et al.* (1993b) definem o compromisso como um constructo psicológico, que representa o desejo para continuar na participação desportiva. Em resumo, o compromisso representa o estado psicológico individual de ligação à sua participação ou uma força motivacional para continuar envolvido.

A literatura diz que o constructo do compromisso descreve um conjunto de factores, que explicam a persistência num percurso de acção, mesmo perante a adversidade (Becker, 1960; Brickman, 1987; Kelley, 1983; Rusbult, 1980).

Em geral, um grande compromisso é associado com alta satisfação, pouca atracção pelas alternativas e um grande investimento.

O compromisso desportivo pode ser estabelecido em função de quatro antecedentes:

1. A análise dos custos/benefícios, feita pelo atleta, da sua experiência desportiva;
2. Uma atracção ou não pelas alternativas desportivas;
3. Nível de investimento;
4. Os sentimentos do atleta acerca dos constrangimentos sociais.

Kelley (1983) identifica 3 classes de condições causais para o compromisso. A 1ª Classe identifica a extensão de como a relação é vista como atraente, p.ex., em termos de amar, gostar, satisfação, de divertimento. A 2ª Classe reflecte o grau de alternativas serem vistas como mais ou menos atraentes, e a última classe considera as forças impeditivas ou barreiras. Estas conseguem reter o indivíduo na actividade (Rusbult, 1980, 1983). Várias forças foram examinadas pela investigação e dois constructos foram frequentemente usados: investimentos pessoais e constrangimentos sociais.

No domínio desportivo, os investimentos são o tempo, o esforço e o dinheiro que os indivíduos colocam directamente no seu envolvimento e que não pode ser recuperado se ele desistir (Scanlan *et al.*, 1993b). Existe uma hipótese de que um grande investimento pessoal irá promover um grande compromisso desportivo.

O constrangimento social acentua a pressão social para participar, é necessário manter-se na actividade, para agradar outros (Becker, 1960; Kelley, 1983; Scanlan *et al.*, 1993b; Sprecher, 1988). Fazendo o transfere para o desporto significa que outros incluem pais, amigos, treinadores e outras pessoas no geral (Scanlan *et al.*, 1993b). É posto a hipótese que uma grande pressão das outras pessoas para se manter envolvido irá aumentar o compromisso.

No domínio desportivo, podemos incluir pais, amigos, treinador e outras pessoas como sendo agentes de pressão para se manter numa determinada actividade (Scanlan *et al.*, 1993b).

Uma revisão de literatura sobre a motivação em jovens atletas, nas fontes de divertimento desportivo e um estudo piloto com andebolistas, debruçaram-se sobre 6 dimensões importantes, nomeadamente, competência, autonomia, relação com os outros, progresso, apoio do treinador e jogar muito tempo. Os resultados mostraram que os jogadores que abandonaram percebem-se significativamente menos competentes, menos autónomos, menos relacionados com a sua equipa, fazem menos progressos, são menos apoiados pelo treinador e jogam muito menos nos jogos.

Em geral, um grande compromisso é associado com alta satisfação, pouca atracção pelas alternativas e um grande investimento. Assim, quanto mais os atletas se divertem a jogar, quanto mais investem no desporto, quanto mais oportunidades sentem por praticar desporto, quanto mais constrangimentos sentem que têm para continuar a jogar e quanto menos atractivas forem as alternativas do envolvimento, maior será o compromisso.

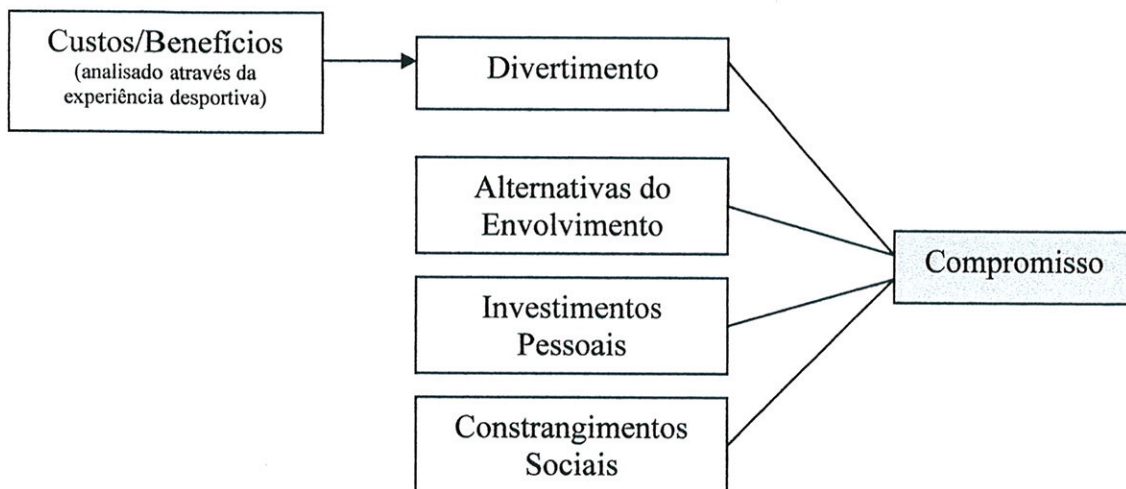


Figura 3. Modelo do Compromisso Desportivo de Scanlan *et al.* (1993b).

2.4. TEORIA DA AUTO-DETERMINAÇÃO

(Deci e Ryan, 1985, 1991, 2000)

Actualmente muitos estudos suportam a auto-determinação como determinante na análise do desporto (Vallerand e Losier, 1999).

Esta teoria foi determinada por Deci e Ryan (1991, 2000) e assume que as pessoas iniciam e persistem num determinado comportamento, porque elas acreditam que esse comportamento irá orientá-los para alcançar os objectivos desejados. Estes autores postularam que, se forem satisfeitas as necessidades fundamentais de autonomia, competência e relação com os outros, então existirá um aumento da satisfação. Consequentemente, o abandono desportivo irá diminuir.

Alguns estudos laboratoriais revelaram que os indivíduos que são induzidos a participar numa actividade por razões extrínsecas, persistem menos do que aqueles que estão intrinsecamente motivados (Deci e Ryan, 1985; Pelletier e Vallerand, 1993).

Sheldon, Elliot, Kim e Kasser (2001) mostrou que quando dizemos às pessoas para se lembrarem de experiências bastante satisfatórias, elas pensam em experiências onde se sentiram bastante autónomas, competentes ou onde se relacionaram muito bem com os outros.

Com base nesta teoria surgiu o modelo que passaremos a descrever.

2.4.1. Modelo Hierárquico da Motivação Intrínseca e Extrínseca (Vallerand, 1997)

Um dos modelos descritos pela literatura como sendo bem sucedido é o modelo hierárquico da motivação intrínseca e extrínseca, adiante designado por HMIEM (Vallerand, 1997). Baseado na teoria da auto-determinação (Deci e Ryan, 1985, 1991, 2000), o HMIEM facilita o entendimento dos processos envolvidos no abandono desportivo (Vallerand, Fortier e Guay, 1997) e recebe bastante suporte no terreno desportivo e nas actividades desportivas (Vallerand e Grouzet, 2001; Vallerand e Rousseau, 2001).

Em suma, o HMIEM subscreve cinco tipos de motivação diferentes. A motivação intrínseca é a mais autónoma e representa o protótipo de auto-determinação. Existem três formas de motivação extrínseca (regulação identificada, regulação introjectada e regulação externa), ordenada do mais alto nível de auto-determinação para o mais baixo, e situa-se entre a motivação intrínseca e amotivação.

A amotivação é o nível mais baixo de auto-determinação e refere-se a um comportamento que não é nem intrínseco nem extrínseco. Um exemplo diz respeito à situação em que os atletas dizem que não sabem porque ainda jogam andebol. Isso quer dizer que demonstram amotivação pelo andebol.

Vallerand, Pelletier, Blais, Brière, Senécal e Vallières (1993), Vallerand (1997), Vallerand e Bissonnette (1992), Vallerand e Losier (1999) propuseram a existência de 3 formas de motivação intrínseca:

- “ Intrinsic motivation toward knowledge” (implica participar no desporto pelo prazer e satisfação, proporcionado por uma experiência, que sirva para aprender, explorar ou tentar aprender alguma coisa nova).

- “ toward accomplishment” (resulta de praticar um desporto pelo prazer e satisfação “out-doing oneself” e o processo de tentar atingir novos objectivos pessoais).

- “toward experiencing stimulation” (refere-se em participar no desporto com o intuito de experimentar sensações estimulantes, como seja, prazer sensorial, divertimento e excitação).

Este modelo propõe uma sequência de quatro estágios causais:

Factores Sociais → Mediadores Psicológicos → Tipos de Motivação → Consequências.

Os quatro estágios acima descritos correspondem à afectividade, a parte cognitiva e às consequências comportamentais da motivação (Vallerand, 1997; Vallerand e Losier, 1999).

Segundo o modelo de Vallerand (1997) os factores sociais têm influência na motivação, com especial ênfase no papel do treinador.

Em contextos desportivos, o comportamento dos treinadores pode ter um impacto crucial na motivação dos atletas. Estes organizam as secções práticas, avaliam a performance. Em suma, eles estabelecem o clima motivacional (Ames, 1992) que pode ter um importante impacto na auto-determinação motivacional dos atletas, proporcionando nos mesmos sentimentos de competência, autonomia e socialização.

A investigação tem estado mais interessada nos efeitos de dois estilos interactivos: estilo controlador – o treinador actua de forma coerciva, pressionando de uma forma autoritária. O outro estilo é mais autónomo, onde o treinador promove a liberdade, encoraja a autonomia e implica o atleta na tomada de decisão.

Resultados em contextos tão diversos como a educação, o desporto ou o trabalho revelam que supervisores que adoptem um estilo mais autónomo produzem um aumento na auto-determinação motivacional. De outra forma, supervisores que adoptam um estilo mais controlador produzem uma diminuição na forma motivacional de auto-determinação (Vallerand, 1997).

Níveis baixos de auto-determinação motivacional levam ao desenvolvimento de intenção de abandonar o desporto. A investigação a nível da atitude revela que as intenções representam um predictor muito próximo do comportamento a tomar (Ajzen e Fishbeim, 1980; Ajzen, 1985, 1996; Eagly e Chaiken, 1993). Consequentemente, a intenção de desistir de uma modalidade desportiva, guia para comportamentos de abandono.

Mais recentemente, o envolvimento na tarefa ou envolvimento no ego foi também sugerido como um contexto que poderá ter um impacto na motivação dos atletas. No primeiro caso (envolvimento na tarefa) o objectivo do indivíduo é realizar tarefas, resolver problemas e fazer progressos. No segundo caso (envolvimento no ego), o objectivo do indivíduo é demonstrar uma alta habilidade ou evitar ter a percepção de incompetência. Nicholls (1989) sugere que quando o envolvimento na tarefa é encorajado, a motivação intrínseca aumenta, porque o atleta investe numa actividade para o seu próprio bem. Pelo contrário, o mesmo autor diz que quando o envolvimento no ego é encorajado, a auto-determinação motivacional diminui, porque a actividade se torna um meio para atingir um fim.

Alguns estudos demonstram que o envolvimento na tarefa está positivamente relacionado com a motivação intrínseca, enquanto que o envolvimento no ego está relacionado negativamente com a motivação intrínseca (Duda, 2001; Duda e Hall, 2000; Ntoumanis e Biddle, 1999).

O HMIEM diz que a percepção dos indivíduos de autonomia, competência e socialização constituem mediadores dos efeitos dos factores sociais na sua motivação intrínseca, porque essa percepção está relacionada com as necessidades fundamentais que um indivíduo procura satisfazer (Connell e Wellborn, 1991; Deci e Ryan, 1985, 1991; Vallerand, 1997). Consequentemente, os factores sociais que facilitem sentimentos de competência, autonomia e socialização irão aumentar a motivação intrínseca.

Alguns estudos empíricos revelaram que os indivíduos que são induzidos a participar numa actividade por razões extrínsecas persistem menos do que aqueles que estão intrinsecamente motivados (Deci e Ryan, 1985; Pelletier e Vallerand, 1993).

No domínio académico, dois estudos (Vallerand e Bissonnette, 1992; Vallerand, Fortier e Guay, 1997) investigaram o problema do abandono desportivo usando alguns dos elementos do modelo hierárquico da motivação intrínseca e extrínseca. Estes autores conduziram um estudo longitudinal com 1042 estudantes, para determinar e prever os efeitos das diferentes formas de motivação no comportamento de persistência ao longo do tempo. Eles demonstraram que os estudantes que foram mais persistentes tinham obtido anteriormente níveis mais altos de auto-determinação (motivação intrínseca, regulação identificada) e níveis mais baixos de regulação externa e de amotivação, que os estudantes que abandonaram.

Num contexto desportivo, é de esperar que o comportamento dos treinadores tenha efeitos importantes na motivação dos atletas, através do clima que estes ajudam a criar, proporcionando nestes percepções de competência, autonomia e socialização. Sendo assim, achamos importante realçar alguns estudos sobre a influência do comportamento do treinador no abandono desportivo.

2.4.1.1. A Influência do Comportamento do Treinador no Abandono Desportivo

Apesar dos inúmeros motivos apontados pelos jovens para o abandono desportivo, muitas são as vezes que estes referem o treinador como um dos principais responsáveis por esta tomada de decisão.

Exemplo deste facto é-nos dado por um estudo conduzido por Barnett, Smoll e Smith, (1992) que nos diz que problemas com treinadores estão incluídos nas cinco primeiras razões conducentes ao abandono desportivo, relatadas por jovens do sexo masculino e nas quatro primeiras apresentadas pelas suas congéneres do sexo feminino.

Orlick e Botteril (1975) chamam a atenção para o facto de que as crianças abandonam prematuramente a prática desportiva face a reacções adversas provocadas pela estrutura da competição e devido à ênfase dada pelo treinador à mesma competição. Neste quadro inserem-se atitudes como a falta de oportunidades para jogar e experiências negativas como não receber reforço positivo por parte do treinador ou do próprio envolvimento competitivo. E quando recebem esse reforço, o mesmo é sobreposto pela avaliação negativa, conduzindo os jovens a decidirem-se mais rapidamente pelo seu abandono.

Apesar das críticas, Robertson (1998) num estudo realizado com mais de 2000 crianças entre os 11 e os 13 anos de idade, concluiu que menos de 5% dos participantes referem o treinador como aquilo que gostam menos na sua prática desportiva, mas quando questionados sobre algo de importante que o treinador possa fazer por eles, mais de 50% dos inquiridos referiram: encorajar mais, ensinar melhor e ser mais compreensivo e paciente.

Weiss e Chaumeton (1992) dizem que, se o estilo adoptado pelo treinador for predominantemente crítico, este é interiorizado pelos atletas como uma informação acerca do seu valor pessoal, conduzindo a que estes percam a motivação para a aprendizagem e para a melhoria das suas habilidades, bem como o gosto pelo próprio desporto.

Smith (1998) chama assim a atenção para que um dos mais importantes objectivos a ter em consideração pelos treinadores é criar um bom ambiente social, no qual se verifiquem interações positivas entre os participantes, bem como boas situações de aprendizagem, de forma a possibilitar aos atletas aquisições de capacidades técnicas, conducentes ao sucesso individual e enquanto membros da equipa. Neste sentido, estratégias de reforço positivo influenciam com maior eficácia os comportamentos dos atletas, aumentando a motivação, a autoconfiança, o gosto pelo envolvimento e desempenho atlético.

Barnett, Smoll e Smith (1992) utilizando 18 treinadores e 202 atletas, na procura de estudar o efeito da relação treinador/atleta no abandono desportivo, sujeitaram 8 dos treinadores a um programa de intervenção psicológica (grupo experimental) enfatizando a utilização de comportamentos de reforço e do encorajamento, ao mesmo tempo que procuraram desencorajar comportamentos de falta de reforço, punição, instrução punitiva e comportamentos de controlo excessivo. Os resultados evidenciaram que os atletas pertencentes aos treinadores do grupo experimental viam os seus treinadores mais vezes envolvidos em comportamentos de reforço, encorajamento e instrução e menos em comportamentos punitivos, do que os seus colegas do grupo de controlo. Além disso, os atletas do grupo experimental indicaram que se divertiam mais a praticar basebol, percepcionavam o treinador como estando mais próximo e avaliavam-no como sendo um treinador melhor. Tais aspectos positivos também são extensivos à auto-estima, a qual se viu também incrementada neste grupo.

No que concerne à continuidade ou abandono da modalidade, dos 80 jovens que foram orientados pelos treinadores do grupo experimental, 95% regressaram no início da época seguinte, enquanto que, dos 108 pertencentes ao grupo de controlo, só 74% voltaram à actividade. Tal evidência, no entender dos autores, não foi devido ao facto das crianças, por vezes, associarem as experiências de sucesso ao número de vitórias versus derrotas, uma vez que as equipas em ambos os grupos, experimental e de controlo apresentavam taxas de vitórias na ordem dos 48,9% e 49,9%, respectivamente.

Os quatro jogadores, do grupo experimental, que desistiram apontaram como principal razão para tal atitude o conflito de interesses (perda de interesse, mudança nas preferências), sendo as razões apontadas pelos 27 desistentes do grupo de controlo a

falta de divertimento, o stress ou a insatisfação quanto à avaliação interpessoal, o que sugere a existência de uma experiência negativa no envolvimento desportivo deste grupo.

Serpa (1996) salienta que continua a ser evidente o interesse dos jovens pelo desporto, sendo a relação treinador/atleta uma das mais, ou mesmo a razão mais importante pela qual os jovens continuam envolvidos na prática desportiva.

Neste contexto, o treinador desempenha um papel crítico e decisivo na estruturação de ambientes desportivos que conduzam à identificação das necessidades dos jovens, de forma a influenciar o processo motivacional para a participação, através do fornecimento de experiências positivas e de qualidade. Deste modo, o processo pelo qual o treinador interage com os seus atletas irá determinar a natureza das experiências desportivas, bem como os resultados dessa participação, interferindo desta forma nas causas de abandono desportivo.

Torna-se urgente que a nossa cultura desportiva, no que concerne à competição dos mais novos, não traga apenas a público a valorização dos que ganham jogos ou competições, centrando apenas nesse factor a capacidade e desempenho de quem gere e orienta a prática.

Importa clarificar que os pressupostos que defendemos para as competições dos mais jovens não pretendem renegar o resultado desportivo. Entendemos é que vai mais além, pois pretendemos que a competição seja um espaço de motivação, de concretização de objectivos pessoais, devidamente orientados e enquadrados e que possam ao mesmo tempo revelar-se como um espaço de divertimento e bem-estar das crianças e jovens, sem que a exigência e seriedade deixem de estar presentes, não se reduzindo a competição apenas ao imediatismo da vitória ou da derrota.

A cultura da vitória no desporto infantil causa danos diariamente, muitos deles irreversíveis, nos praticantes mais jovens.

Horn (1987) criou uma carta de Direitos dos Jovens Jogadores que nos parece importante realçar, já que muitos aspectos desta carta são pertinentes e dizem respeito ao tema desta tese.

Assim temos: o direito ao prazer no treino e na competição, com alargada variedade de actividades que o vão distrair e facilitar a aprendizagem.

O direito de jogar como um jovem e não ser tratado dentro e fora do campo como um adulto.

O direito de participar em competições com regras simplificadas, adaptadas às suas aptidões e capacidades em cada etapa da sua evolução.

O direito de jogar em condições seguras.

O direito de participar em todos os aspectos do jogo.

O direito de ser treinado por treinadores competentes.

O direito de aprender a resolver a maior parte dos problemas que surgem durante o treino.

O direito a ser tratado com dignidade pelo seu treinador, companheiros e adversários.

O direito de jogar com jovens da sua idade e com as mesmas oportunidades de ganhar.

E por último o direito de não vir a ser um campeão.

2.5. PESQUISA SOBRE MOTIVAÇÃO DESPORTIVA

Um dos maiores problemas com que se tem deparado a sociedade moderna, prende-se com a necessidade de identificar os factores pelos quais os jovens aderem ao desporto e porque o abandonam. Vários têm sido os investigadores que, através dos seus estudos, têm procurado responder a esta problemática, sendo os resultados obtidos nas diversas investigações bastante consistentes no que concerne às razões apresentadas.

Uma das primeiras investigações que levaram à identificação dos motivos que motivaram os jovens para a prática desportiva foi conduzido por Alderman e Wood (1976, cit. in Gould, Feltz e Weiss, 1985) com base em atletas entre os 10 e 14 anos, praticantes de hóquei no gelo. Estes investigadores obtiveram como resultados, que os motivos mais importantes apontados pelos atletas foram no sentido da afiliação (fazer amigos), na excelência (fazer qualquer coisa bem feita) e na activação proporcionada pela modalidade (excitação), além da referência a aspectos de independência (fazer coisas sem a ajuda dos outros), poder (controlar os outros), estima (prestígio) e agressão (intimidar os outros).

Alderman e Wood (1976) adaptaram os sete incentivos sugeridos por Birch e Veroff (1966) para a situação desportiva: A independência, o poder, a afiliação, o stress, a excelência, a agressão e o sucesso (que estiveram na base do *Incentive Motivation Inventory*). Este questionário foi utilizado por alguns investigadores (Alderman, 1976, 1978; Alderman e Wood, 1976; Petlichkoff, 1982) e as conclusões principais foram as seguintes: a afiliação e a excelência eram os incentivos fundamentais, logo seguidos da excitação, o stress e o sucesso; a agressão, a independência e o poder não parecem estar relacionados com a adesão ao desporto.

Na Bélgica, Meuris (1977) levou a cabo um estudo com 1512 jovens, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Na sua amostra, 1295 eram desportistas de 11 modalidades diferentes e 217 eram não desportistas. Os resultados indicaram que para a prática desportiva, as razões de ordem pessoal (prazer do desporto, saúde e higiene, equilíbrio físico e intelectual, manutenção da forma e distração) eram mais importantes, comparativamente às de ordem social (encontrar-se com pessoas, popularidade, entre outras). Relativamente ao desejo de triunfar ou serem campeões na modalidade em que eram praticantes, só 32,3% dos rapazes e 20,8% das raparigas o referiram.

Também Alderman (1978) no Canadá, resolveu confirmar os dados que com Wood (1976) tinha obtido e voltou a avaliar os sete sistemas de incentivo em 2000 atletas, de diversos desportos, entre os 11 e os 18 anos. Os resultados foram exactamente os mesmos. A afiliação e a excelência como os incentivos mais importantes, seguidos da excitação, do stress e do sucesso. Como menos importantes a agressão, independência e o poder. Os resultados revelaram-se consistentes independentemente da idade, sexo, desporto e cultura dos atletas questionados.

Posteriormente, Sapp e Haubenstriker (1978, cit. in Brustad, 1993) estudaram um universo de 1000 rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 11 e 18 anos, praticantes de 11 modalidades, e concluíram que os motivos referidos esmagadoramente para a participação eram: divertimento (90%), melhorar os *skills* (80%) e usufruírem dos benefícios da actividade física (56%). Relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas, os primeiros pareciam ser mais influenciados pelo facto dos amigos praticarem (55% contra 50%), enquanto as raparigas eram mais orientadas para a procura de novos amigos (44%, contra 33%).

Griffin (1978) também pretendeu analisar os motivos mais importantes que levavam os jovens para a prática desportiva, nomeadamente no futebol americano, e inquiriu 531 atletas desse desporto, com idades compreendidas entre os 9 e os 15 anos. Os motivos referidos como mais importantes foram: o divertimento, estar em forma e conhecer novos amigos. Os futebolistas inquiridos também deram importância ao trabalho em equipa e aprender a jogar.

Fry, McClements e Sefton (1981, cit. in Gould e Horn, 1984), numa análise sobre os motivos referidos para a participação por parte de jovens praticantes de hóquei no gelo, obtiveram como resultados que, de entre as respostas dadas por esta amostra, 98% dos jovens esperavam divertir-se, 87% tornar-se bons jogadores, 68% queriam fazer amigos, 61% esperavam vencer um troféu e 54% queriam fazer exercício e viajar.

Também Robertson (1981) na Austrália, estudou 1288 atletas do desporto escolar, de 12 anos de idade, e encontrou como motivos mais importantes, para a prática desportiva, nesta idade, os que estavam relacionados com recompensas intrínsecas (divertimento, excitação, sensação de se sentir bem fisicamente e prazer). Os motivos menos importantes referidos estavam relacionados com recompensas extrínsecas (reconhecimento, troféus), reciprocidade social (amizade) e agressão.

Num outro estudo, Wankel e Pabich (1981) no Canadá, numa amostra de 132 indivíduos oriundos de três desportos (basebol, hóquei no gelo e futebol), com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos de idade, encontraram como motivos mais importantes para a participação desportiva o desenvolvimento das capacidades técnicas, a sensação de realização, o divertimento e o prazer na realização de gestos técnicos do jogo.

Petlichkoff (1982) numa investigação realizada nos E.U.A., em 270 atletas de desporto escolar, entre os 12 e os 18 anos de ambos os sexos, concluiu que os sistemas de incentivos mais importantes eram o sucesso, a excelência, a afiliação e a excitação. Os rapazes indicaram valores mais elevados que as raparigas para a agressão, independência e poder, enquanto estas, por sua vez, atribuíram maior importância à afiliação.

Gould, Feltz, Weiss e Petlichkoff (1982) nos E.U.A, procuraram analisar, em 365 jovens nadadores de competição de ambos os sexos, com idades entre os 8 e os 19 anos, os seus motivos para a participação desportiva, recorrendo ao questionário de motivos para a participação no desporto. Os principais motivos apontados pelos jovens foram os seguintes: o divertimento, a forma física, a saúde física, a melhoria de competências, o ambiente da equipa e o desafio. Agradar aos pais ou aos melhores amigos, acalmar a tensão, ser popular e viajar foram referidos como as razões menos importantes para a participação desportiva. Os autores, através da análise dos dados recolhidos, também conseguiram identificar sete factores de motivação para a prática desportiva: realização-estatuto, ambiente da equipa, excitação-desafio, forma-saúde física, descarga de energia, desenvolvimento de competências e amizade. Paralelamente, também foram registadas diferenças ao nível da idade e sexo. Os nadadores mais velhos atribuíram maior importância aos factores realização-estatuto, viagens, desejo de agradar aos pais e amigos e ter alguma coisa para fazer. Em relação ao sexo, foram as raparigas que atribuíram maior importância aos factores amizade e divertimento.

Gill, Gross e Huddleston (1981) nos E.U.A., com atletas de ambos os sexos dos 8 aos 18 anos de idade, abrangendo diversas modalidades, encontraram como motivos mais importantes, para os rapazes, o desenvolvimento de competências, o desafio, a competição, o divertimento, a aprendizagem de novas competências. Já para as raparigas, foram o desenvolvimento de competências, o divertimento, a aprendizagem de novas competências, sentir-se bem e o desafio. Os rapazes parecem estar significativamente mais orientados para os aspectos relacionados com a realização/estatuto, comparativamente às raparigas.

Gould, Feltz e Weiss (1985) estudaram praticantes de natação competitiva, numa amostra de 365 atletas de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 8 e os 19 anos. Identificaram como motivos principais para o envolvimento desportivo, o divertimento, a saúde, o “ambiente” da equipa, o desenvolvimento de competências e a excitação/desafio. Como motivos menos importantes, o viajar, a influência dos pais e amigos e a descarga de energia foram os mais referidos. As raparigas atribuíram valores mais elevados às razões relacionadas com saúde, amizade, algo para fazer e divertimento. Os atletas com idades mais baixas, atribuíram mais importância aos factores realização/estatuto, influência dos pais e amigos, algo para fazer, gostar do

treinador e utilização dos equipamentos. Paralelamente, os atletas com poucos anos de prática referiram como mais importante o desenvolvimento de competências.

Do mesmo modo, Wankel e Kreisel (1985) utilizando quatro amostras de praticantes (7-8, 9-10, 11-12 e 13-14 anos) pertencentes a um universo de 822 atletas praticantes de futebol, basebol e hóquei no gelo, concluíram que os motivos mais importantes justificativos do gosto pela actividade desportiva eram melhorar os *skills*, testarem as habilidades perante outros, a realização pessoal e a excitação do próprio jogo. Motivos sociais como pertencerem ao grupo e estarem com amigos foram também referidos moderadamente por todas as faixas etárias, enquanto como razões “agradar aos outros, obter recompensas e ganhar o jogo” foram aquelas que os jovens referiram como menos importantes.

Klint e Weiss (1987) também nos E.U.A., estudaram 67 atletas de ginástica artística, no escalão etário dos 8 aos 16 anos e verificaram, como principais motivos para a prática desportiva, os relacionados com a competência, a saúde, o desafio e o divertimento. A descarga de energias, a realização/estatuto e as razões extrínsecas (troféus, viajar, influência dos pais) foram referidas como razões menos importantes.

Longhurst e Spink (1987), na Austrália, realizaram um estudo com 404 atletas (187 rapazes e 217 raparigas), com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos de idade nas modalidades de natação, atletismo, *netball*, *cricket* e *rugby* com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos de idade. Este estudo parece ir ao encontro dos resultados já referidos, apontando como principais razões para a prática desportiva nos rapazes; melhorar e aprender novos *skills*, estar fisicamente em forma, competir e ter experiências desafiantes. Como motivos menos importantes, foram evidentes a descarga de energia, ter um bom equipamento, ser popular e a influência dos pais e amigos. Em relação às raparigas constatou-se que as razões mais importantes para se manterem na prática foram os seguintes: aprender/desenvolver competências, o competir, o estar bem fisicamente e o desafio, enquanto os menos importantes eram ser popular, ter um bom equipamento, libertar energias e a influência de pais e amigos. Quanto às diferenças em função da idade, os atletas mais novos (8-11 anos), comparativamente aos mais velhos (12-18), referiram como mais importantes a descarga de energias, o divertimento, o pretexto para sair de casa e ter algo para fazer. O divertimento não é apontado como um

factor crucial à sua participação, podendo este facto sugerir a existência de diferenças culturais nos motivos conducentes à participação de jovens no desporto.

Com base numa revisão de literatura sobre a motivação para a participação, também Weiss e Petlichkoff (1989) concluíram que os motivos mais importantes podem ser classificados dentro de quatro categorias gerais: a) competência (aprendizagem e melhorias de *skills*); b) filiação (fazer parte do grupo); c) estar em forma e d) divertirem-se.

Apesar das inúmeras razões apontadas pelos jovens conducentes à sua participação desportiva, Petlichkoff (1992) identificou o divertimento como o principal motivo pelo qual estes se mantêm envolvidos nas actividades ou a abandonam.

Contudo, embora crianças e adolescentes possam argumentar que a razão da participação em actividades desportivas é o divertimento, este pode não ter o mesmo significado para ambos. Para uma criança pode ter um significado relacionado com os aspectos do envolvimento desportivo e do próprio jogo, enquanto que para um adolescente pode ser conectado com a excitação competitiva (Brustad, 1993).

Weinberg e Gould (1995) apontam também como causas principais da motivação para a participação desportiva: o divertimento, aprender novas habilidades, fazer qualquer coisa que seja bom, estar com os amigos, fazer novos amigos, estar em forma, fazer exercício e ter experiências de sucesso.

Buonamano, Cei e Mussino (1995) realizaram um estudo em Itália, de norte a sul do país, que incluiu 2.589 sujeitos dos 9 aos 18 anos de idade (54,5% rapazes e 45,5% raparigas). Os motivos mais importantes para se manter na prática foram os relacionados com o divertimento (49%) e com motivos físicos (32%), enquanto os menos referidos estavam relacionados com razões sociais (8,9%), competitividade (4,2%), desenvolvimento de competências técnicas (2,9%) e estatuto social (2,8%).

2.6. INVESTIGAÇÃO SOBRE A MOTIVAÇÃO DA PRÁTICA DESPORTIVA EM PORTUGAL

Dado que as diferenças culturais de país para país ou de contexto social das várias culturas existentes podem ter algum impacto nas diferenças que se verificam nos motivos para a participação desportiva (Weiss e Chaumeton, 1992), torna-se pertinente analisar especificamente a investigação feita em Portugal nesta temática.

Em Portugal, só a partir da segunda metade dos anos 80, alguns investigadores começaram a debruçar-se sobre os motivos conducentes à participação desportiva. Nesta linha de investigação, um dos trabalhos pioneiros sobre esta temática foi conduzido por Cruz (1986, cit. in Cruz, 1996) cujos resultados foram confirmados mais tarde numa investigação conduzida por Cruz e Cunha (1990). Nesta data, num estudo realizado com jovens andebolistas entre os 14 e os 16 anos de idade participantes numa selecção regional, obtiveram como motivos para a continuidade na prática da modalidade o desenvolvimento de capacidades para atingirem níveis superiores de execução, a forma física, a saúde e o gosto pelo espírito de grupo e pelo trabalho em equipa.

Os instrumentos de avaliação psicológica, utilizados para o efeito, em Portugal, foram, por um lado, o “Questionário de Motivação para a Prática Desportiva” (QMPD), desenvolvido por Cruz e colaboradores (Cruz e Costa, 1988; Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro, 1988; Cruz, Costa e Viana, 1995; Cruz, 1986; Cruz e Cunha, 1990), com base em instrumentos similares desenvolvidos por Gill e colaboradores (1983), Gould e colaboradores (1982,1985) e Longhurst e Spink (1987). Por outro lado, tem sido utilizada também uma tradução do instrumento desenvolvido por Gill e colaboradores (1983): o “Questionário de Motivação para as actividades Desportivas” (QMAD).

Cruz e Costa (1988) num estudo com 108 voleibolistas e 42 ex-voleibolistas, com idades compreendidas entre os 13 e os 51 anos de idade, registaram como motivos mais importantes para a competição desportiva a forma física, o desenvolvimento de competências, a orientação para a equipa e o divertimento. Como motivos menos importantes, foram salientados a realização/ estatuto e a descarga de energias. Os

atletas, tal como os ex-atletas, parecem ser mais orientados para a manutenção da forma física, desenvolvimento de competências e equipa.

Num outro estudo, Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro (1988) com 90 andebolistas e 19 ex-andebolistas, entre os 15 e os 34 anos de idade, verificaram que os motivos mais importantes para o envolvimento desportivo foram a forma física, o desenvolvimento de competências e o divertimento; como motivos menos importantes foram evidentes a orientação para a equipa e a amizade/afiliação. Por outro lado, os atletas atribuíram maior importância a motivos relacionados com a realização/estatuto, o desenvolvimento de competências e o divertimento, comparativamente aos ex-atletas. Estes últimos valorizaram mais a amizade/afiliação e o espírito de equipa. Também neste estudo foram evidentes diferenças significativas em função dos escalões competitivos.

Costa (1991) num estudo com 101 atletas de voleibol de ambos os sexos (47 rapazes e 54 raparigas), dos 12 aos 14 anos, reteve como principais conclusões que trabalhar em equipa, espírito de equipa, melhorar as capacidades físicas e estar em boa forma, eram os motivos mais importantes para a prática desportiva. Os motivos menos importantes, por sua vez, eram o pretexto para sair de casa, descarregar energias, ter a sensação de ser importante, ser conhecido e viajar. Mais uma vez, foram evidentes as diferenças em função do sexo.

Ribeiro (1991) realizou um outro estudo na selecção nacional de trampolins (7 atletas juniores e 7 atletas seniores). Os factores motivacionais mais importantes foram o desenvolvimento de competências e o divertimento enquanto o menos importante foi a libertação de energias. Os atletas de maior nível atribuíram valores mais elevados ao desenvolvimento de competências e ao divertimento, comparativamente aos seus companheiros de nível mais baixo.

Serpa (1996) em mais um estudo junto de um grupo de atletas do desporto escolar, com idades compreendidas entre os 10 e 15 anos de idade, obteve como motivos mais importantes para a participação desportiva os seguintes: estar em boa forma física, trabalhar em equipa, fazer exercício. Como motivos menos importantes verificaram-se os seguintes: pretexto para sair de casa, entrar em competição, descarregar energias, ultrapassar desafios, ter a sensação de ser importante, viajar, ser reconhecido e ter prestígio.

De igual modo, Serpa (1996) refere que os jovens portugueses atribuem grande importância à condição física, ao trabalho em equipa, à aprendizagem de novas técnicas, ao espírito de equipa, à prática de exercício, à manutenção da forma, à obtenção de um nível desportivo mais elevado, à melhoria de capacidades técnicas e às novas amizades.

No futebol de alta competição, incluindo o profissional, Cruz, Pedrosa, Oliveira e Gonçalves (1993) avaliaram 45 atletas do sexo masculino, com a média de idades que rondava os 22 anos. Estes autores concluíram que o desenvolvimento de capacidade, a promoção e a manutenção da forma física e a orientação e gosto pelo trabalho, eram os factores principais do envolvimento na competição desportiva.

Numa outra modalidade, a ginástica artística, Fonseca e Fontainhas (1993) estudaram 55 atletas (ambos os sexos), entre os 6 e os 18 anos, tendo encontrado como motivos principais para a participação desportiva o desenvolvimento de competências e a condição física. Por outro lado, como motivos menos importantes apareceram a libertação de energia e o divertimento, sendo também de salientar a ocorrência de diferenças significativas entre os sexos e as idades.

Na modalidade de basquetebol, Pimentel (1993) avaliou uma amostra de 216 atletas da Associação de Basquetebol do Porto, que incluiu 104 rapazes (dos 16 aos 19 anos) e 112 raparigas (dos 14 aos 22 anos), concluindo que os motivos mais importantes eram o espírito de equipa, ganhar, trabalho em grupo, atingir um nível desportivo elevado, actividade física e aprender novas técnicas. Pelo contrário, os motivos menos importantes foram o pretexto para sair de casa, ser conhecido, viajar, prazer, influência de familiares e amigos e descarregar energias. Mais uma vez foram evidenciadas diferenças motivacionais em função do sexo e dos anos de prática da modalidade.

Cruz, Costa e Viana (1995, cit. in Cruz, 1996) numa análise sobre a motivação para a competição desportiva para atletas de andebol e voleibol, registaram que o gosto pelo exercício físico, o espírito de equipa, a obtenção de níveis superiores de rendimento, o gosto pela competição, o trabalho em equipa, a melhoria e aprendizagem de novas competências, o gosto pelo desafio, o pertencer a uma equipa e o ser fisicamente saudável, foram apontadas como os principais motivos enunciados pelos jovens.

Fonseca (1995) realizou um estudo com 155 alunos do desporto escolar, de ambos os sexos, dos 10 aos 15 anos, verificando que estes jovens apontavam como razões mais importantes para a sua participação desportiva a melhoria de competências físicas e a afiliação. Como motivos menos importantes, foram indicados o estatuto social, a procura de sensações e a libertação de energias.

Gonçalves (1996) num estudo sobre motivação e abandono desenvolvido no seio da comunidade de Oeiras, envolvendo rapazes e raparigas entre os 11 e os 15 anos de idade, concluiu que os jovens privilegiavam mais a aprendizagem e melhoria de *skills*, serem bem sucedidos ou vencer, estar com os amigos, fazer novos amigos, estar fisicamente em forma, divertirem-se e o facto da actividade agradar aos pais.

Reportando-se a praticantes e ex-praticantes de voleibol entre os 13 e 51 anos, envolvidos em competições do quadro competitivo nacional de juvenis, juniores e seniores, Cruz e Costa (1997) concluíram que o gosto pelo exercício, o espírito de equipa, o gosto pela progressão, o trabalho em equipa, a aprendizagem de novas capacidades e o gosto de competir, constituíam os seis principais motivos conducentes à prática do voleibol.

2.7. INVESTIGAÇÃO SOBRE O ABANDONO DA PRÁTICA DESPORTIVA

O trabalho pioneiro de Orlick e Pang (1986) sobre este tema foi certamente importante, uma vez que focalizou a componente social relacionada com o abandono da prática desportiva. Num primeiro momento, estes autores entrevistaram 60 praticantes de desporto, com idades compreendidas entre os 7 e os 18 anos e descobriram que a maioria dos atletas não continuaria a praticar desporto no ano seguinte, devido às más experiências acumuladas. Estas, entre outras, incluíam o pouco tempo de jogo, a ênfase excessiva na competição e o facto de não gostarem do treinador. Os estudos iniciais feitos pelos autores citados no início do tema, em 1974, sugerem que tantos os treinadores como os pais influenciam de forma significativa esta taxa de abandono, ao exercerem pressões indevidas sobre as crianças e os adolescentes. Nestes estudos, Orlick (1973, 1974) também descobriu diferenças nos motivos para o abandono, em função da idade. As crianças com menos de 10 anos referiam sobretudo o pouco tempo de jogo e a falta de experiências de sucesso, enquanto que as crianças com mais de 10

anos referiram mais frequentemente os conflitos de interesse, tais como outras actividades extra-curriculares ou compromissos com algum trabalho.

Hoje podemos afirmar que os estudos iniciais não reflectiram necessariamente a globalidade dos casos.

Orlick e Botterill (1975) num estudo com 60 ex-praticantes de vários desportos, dos 7 aos 19 anos, procuraram analisar as razões que levaram os jovens a abandonar as suas modalidades. Os resultados indicaram como principais motivos ou razões de abandono, o tipo de treino (67%), conflitos de interesse (21%), interesse por outros desportos (10%) e lesões (2%). Dos ex-atletas que referiram o tipo de treino como um dos factores para o abandono, 67% citaram a falta de divertimento, o carácter demasiado sério do desporto, a ênfase na vitória e o comportamento do treinador (não serem colocados a jogar, serem criticados e demasiadas exigências com os atletas).

Brustad, (1993) afirmou que nos E.U.A. foram elaborados vários estudos ao longo da década de 70 que pretendiam avaliar o padrão de envolvimento e abandono desportivo em alguns desportos tradicionais da América (basebol, *softball*, natação e basquetebol). Estes estudos concluíram que as crianças dos 5 aos 11 anos aumentavam a sua participação desportiva. A partir dos 11 anos não só diminuiu a adesão como se manifestou um padrão de abandono desportivo que continuou pela adolescência.

Sapp e Haubenstricker (1978, cit. in Brustad, 1993, Gould e Horn, 1984) pretenderam conhecer o padrão de participação desportiva em 1183 jovens, com idades entre os 11 e 18 anos e em pais de 418 atletas, com idades entre os 6 e 10 anos. A percentagem dos jovens que referiram que não continuariam no próximo ano foi de 37%, e 24% dos pais das crianças mais novas. As razões relacionadas com a experiência desportiva negativa contribuíram, em menos de 15 % dos casos, para justificar o futuro abandono. Nos jovens que indicaram que não participariam no próximo ano, a razão mais referida foi outros interesses e trabalho. Nos pais das crianças, as razões mais apontadas foram outras actividades e a falta de interesse pelo desporto. Não jogarem, não gostarem do treinador, lesões, os custos e não gostarem dos colegas da equipa foram outras razões apontadas pelos atletas e pelos pais dos atletas mais novos.

Na mesma linha das investigações já apresentadas, parecem estar os resultados obtidos por Fry, McClements e Sefton (1981) que indicam a incompatibilidade com outras actividades (31%), a falta de habilidade para a prática (15%), conflitos com o treinador (14%), jogo duro (10%) e os problemas de organização (horários pouco adequados) (10%) como principais causas de abandono desportivo. Este estudo foi realizado na modalidade de hóquei no gelo, com praticantes e ex-praticantes (200 jovens), dos 8 aos 16 anos.

Num estudo adicional com 68 ex-nadadores (6 aos 22 anos), Sefton e Fry (1981) encontraram como principais motivos para o abandono da modalidade, o excesso de tempo de treino (31%), a falta de satisfação (27%), o conflito de interesses (14%), o favoritismo dos treinadores (12%), os treinadores muito exigentes (12%), as lesões (9%) e o excesso de trabalho (9%). Para além destas, também concluíram que 58% destes jovens pensavam nunca mais voltar a participar em natação de competição, enquanto que 42% admitiam voltar a participar.

Robertson (1981), com jovens adolescentes de 12 anos de idade (405 rapazes e 353 raparigas), todos ex-praticantes, concluiu que 51% dos rapazes e 39% das raparigas apontaram o treino como factor principal do abandono (aborrecimento, falta de divertimento, muito duro, pouco interessante), enquanto 14% dos rapazes e 17% das raparigas apontaram principalmente o conflito de interesses (falta de tempo, vida social e trabalho) como causa do abandono.

No futebol, Pooley (1981) entrevistou intensamente 50 ex-praticantes, com idades entre os 10 e os 15 anos e concluiu que o conflito de interesses, o excesso de importância atribuída à competição e a falta de comunicação (54%, 33% e 10% respectivamente) foram os principais factores responsáveis pelo abandono desportivo.

Ainda Pooley (1981) assinala que a maior percentagem de abandono é encontrada no escalão etário dos 11 aos 14 anos. Mc Clements e Sefton (1981; cit. in Gould e Horn, 1984), assinalam que a maior percentagem de abandono se verifica entre o 1º e 4º anos de actividade, oscilando entre valores percentuais de 29% a 37%.

Numa outra tentativa para explicar o fenómeno do abandono desportivo, um estudo realizado por Gould, Feltz, Horn e Weiss (1982, cit. in Weinberg e Gould, 1995)

com uma amostra de 50 nadadores de competição de idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, foram retiradas as seguintes justificações: conflitos de interesse, não se divertiam, queriam praticar outro desporto, pensavam que não eram tão bons quanto desejariam, não gostavam do treinador, a pressão envolvente, o aborrecimento e o treino muito difícil. Porém, o conflito de interesses foi o principal motivo a que se fazia alusão para a descontinuidade.

Não obstante as inúmeras razões apontadas, foram também encontradas algumas diferenças em função do género e da experiência dos nadadores. Deste modo, enquanto os nadadores mais velhos apontaram a falta de trabalho de equipa, as opiniões dos pais e dos amigos, a falta de desafios e as lesões como os principais motivos de abandono desportivo, os mais jovens voltaram a referir o facto de terem outras coisas que fazer como o principal motivo explicativo de tal atitude.

Petlichkoff (1982) num estudo com 46 ex-praticantes de voleibol com idades entre os 12 aos 18 anos, identificou que as principais razões apontadas pelos jovens para o abandono desportivo como sendo terem outras coisas que fazer (78%), lesões (58%), não sentirem melhorias ao nível dos *skills* (52%) e não serem tão bons quanto desejariam (52%).

Numa perspectiva diferente, Robinson e Carron (1982) pretenderam examinar o abandono como consequência de factores pessoais e ambientais em três grupos de futebolistas: ex-atletas, atletas e iniciandos. Os resultados foram concludentes quanto à origem do abandono ser resultante de factores pessoais e situacionais. Os desistentes, comparativamente aos outros dois grupos, revelaram sentir-se menos envolvidos na equipa, divertiam-se menos, tinham menos apoio parental para participarem no desporto, atribuíam mais a falta de rendimento a factores relacionados com a capacidade, atribuíam menos sucesso ao esforço e viam mais vezes o treinador como autocrata. Segundo Gould (1987) este trabalho viria a ser preponderante em investigações posteriores nesta área, porque alertou para a conjugação de vários factores para o entendimento global do abandono desportivo.

Gould (1983) após analisar diferentes casos, chegou à conclusão que o aparecimento de outros interesses que entram em conflito com os anteriormente existentes, tal como outras modalidades desportivas ou actividades, falta de apoio

familiar, ausência de sucesso ou da melhoria da prestação, são as principais razões para o abandono da prática desportiva pelas crianças e jovens. As categorias que acabámos de apresentar não se excluem uma às outras, uma vez que pode existir uma evidente sobreposição de situações, em alguns casos combinando-se entre si.

Dishman, Sallis e Orenstein (1985) estimaram, após uma revisão bibliográfica, que nos Estados Unidos o abandono da prática desportiva era de cerca de 50%, numa pequena percentagem de praticantes, que ronda os 10 a 20% da população (dados que têm em consideração os indivíduos com idades entre os 18 e 65 anos e cuja actividade é suficientemente enérgica).

Burton e Martens (1986) quiseram compreender melhor as fontes dos motivos de abandono em atletas de luta. Para isso, inquiriram 83 lutadores e respectivos pais, 26 ex-lutadores e respectivos pais, assim como 69 treinadores de luta, acerca dos motivos que levam os jovens lutadores a abandonar a modalidade. Mais uma vez o motivo principal apontado foi o facto de terem outras coisas para fazer. Outros motivos também apontados foram a falta de interesse, a falta de divertimento e a falta de motivação.

Num estudo inovador para a época, Klint e Weiss (1986) inquiriram 37 ex-ginastas sobre os motivos para o abandono. Os mais apontados foram a busca de outros interesses, a pressão excessiva, a falta de divertimento e o excesso tempo de treino. Este estudo revelou ainda que somente duas das 37 ginastas abandonaram completamente a prática desportiva. Enquanto umas continuaram o seu envolvimento desportivo dentro da ginástica, mas noutras variantes que não a competitiva, outras atletas optaram pela prática de outros desportos. Este estudo pode ser considerado o culminar da evolução do conceito do abandono da prática de uma modalidade. Inicialmente, os estudos realizados só contemplavam o abandono competitivo, mas posteriormente foi demonstrado que, nem sempre que se abandona a competição isso significa que seja para sempre, nem que se abandone completamente a prática desportiva (Gould, Feltz, Horn e Weiss, 1982). Esta é uma variável que os estudos devem controlar, pois os atletas podem ter várias opções desportivas e o abandono de uma modalidade nem sempre significa o abandono da prática desportiva. Por exemplo (Gould, Feltz, Horn e Weiss, 1982) descobriram que os jovens nadadores que tinham abandonado a competição eram activos noutros desportos, enquanto 80% planeavam reentrar na natação no ano seguinte.

Gould (1987; cit. in Gould e Petlichkoff, 1988) referem que todos os anos, 35% dos jovens americanos que se encontram envolvidos na prática de determinada modalidade, a pretendem abandonar voluntariamente, no final dessa época desportiva. Este autor revela que, ao aumento do número de jovens que praticam desporto, corresponde invariavelmente um aumento da proporção dos que abandonam.

Burton (1988) menciona que as percentagens de abandono desportivo poderão eventualmente ser interpretadas de um modo optimista ou pessimista. Na primeira perspectiva, refere que o abandono desportivo faz necessariamente parte da natureza dos jovens e adolescentes que, pelo método experimental da tentativa e erro, procuram encontrar a actividade que mais lhes agrada e lhes permita atingir a natural necessidade de afirmação das suas capacidades.

Numa perspectiva pessimista, o mesmo autor indica que essas percentagens de abandono podem pôr em evidência que os programas e as exigências das diferentes modalidades desportivas não estão de acordo com o nível de capacidades e maturação dos jovens que as praticam. Esta situação impede que eles atingiram os objectivos que perspectivaram obter quando se envolveram na prática desportiva.

Brodkin e Weiss (1990) num estudo realizado às escolas desportivas de crianças e adolescentes, em França, chegou à conclusão de que seria necessário uma optimização da preparação das “esperanças” desportivas e uma diminuição dos abandonos dos nadadores dotados, entre a adolescência e a idade adulta.

Algumas das causas que levam, em França, os nadadores de alto nível a abandonarem a modalidade são diferentes das que determinam o abandono dos nadadores das categorias mais jovens.

Petlichkoff (1993a) refere que todos os anos cerca de 70 milhões de jovens atletas em todo o planeta, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos, aderem a práticas desportivas. Paradoxalmente, também estimou que até cerca dos 17 anos, 80% dos jovens abandonaram o desporto organizado em que estavam envolvidos.

Gould e Horn (1984) consideram que para se reduzir o abandono é necessário que exista uma inter-relação positiva entre as características do praticante, o meio social

onde o jovem está inserido, as motivações do praticante e a exigência das modalidades desportivas. Assim, a prática desportiva deve proporcionar situações de aprendizagem e desenvolvimento de aptidões, oferecer oportunidades de recreação, não devendo os jovens ser iludidos sobre os objectivos possíveis de atingir, face às suas reais capacidades. Estes aspectos devem ser do conhecimento dos treinadores, dado que se os objectivos procurados pelo jovem não forem satisfeitos ele muda de actividade desportiva.

Roberts (1984) sustentou que os jovens abandonam a prática desportiva, *dropout*, sempre que a modalidade que praticam põe em causa ou ameaça as capacidades que percebem possuir. O resultado é o critério utilizado para os atletas se compararem e avaliarem. As recompensas extrínsecas desempenham um papel importante no esforço que desenvolvem. Uma vez que estes atletas normalmente têm uma extensa história de sucessos, os esforços elevados e a participação contínua em competições, são habitualmente os atributos mais coerentes e estáveis para a comparação dos seus resultados com os dos opositores, permitindo-lhes assim inferir que possuem elevada capacidade. Os que obtêm sucesso continuam a praticar a modalidade desportiva a que estão ligados. Os que habitualmente perdem abandonam dado que percebem possuir baixas capacidades.

2.8. INVESTIGAÇÃO SOBRE O ABANDONO DA PRÁTICA DESSPORTIVA EM PORTUGAL

Em Portugal são poucos os estudos que se têm preocupado com a investigação do abandono desportivo, o primeiro dos quais foi efectuado na década de 80 (Cruz e Costa, 1988; Cruz, Costa, Rodrigues e Ribeiro, 1988).

Cruz, Costa e Viana (1995, cit. in Cruz, 1996) numa análise sobre a motivação para a competição desportiva e sobre razões conducentes ao abandono, em atletas de andebol e voleibol, registaram como motivos para abandonarem, terem outras coisas para fazer, razões profissionais, falta de tempo para a prática desportiva, problemas de relacionamento com o treinador, falta de competência e capacidade física e o facto de jogarem pouco tempo. Paralelamente, foram encontradas também diferenças significativas em função do sexo e da modalidade. Os atletas masculinos, relativamente

às suas colegas, referiram como motivo mais importante para o abandono da competição as razões relacionadas com o ambiente e a estrutura organizacional e com a falta de competências e capacidades. Por outro lado, os ex-atletas de voleibol, comparativamente aos ex-atletas de andebol, avaliaram a falta de competências como a razão importante para o abandono da competição. Neste estudo, os principais factores ou dimensões encontradas, relacionadas com o abandono da competição desportiva, incluíram os seguintes aspectos: frustração/falta de oportunidades, conflito de interesses, pressão competitiva/problemas de comunicação, mau ambiente e estrutura organizacional da equipa, razões situacionais, falta de competências e capacidades, problemas físicos e/ou profissionais.

Gonçalves (1996) num estudo sobre motivação e abandono, com jovens entre os 11 e os 15 anos, concluiu que a incapacidade de conciliação dos estudos com os horários das actividades desportivas, a pouca participação nas competições, outros interesses na ocupação de tempos livres e aborrecimento (práticas monótonas, mau ambiente) eram os motivos que mais levavam os jovens a abandonar o desporto.

Cruz e Costa (1997) num estudo com ex-praticantes de voleibol entre os 13 e 51 anos, envolvidos em competições do quadro competitivo nacional de juvenis, juniores e seniores, concluíram que a falta de tempo, motivos profissionais, coisas mais importantes para fazer, falta de recompensas pelo trabalho e esforço e dificuldades de relacionamento com dirigentes e treinador eram os motivos mais importantes para terem abandonado a prática desportiva.

Vasconcelos (2003) num estudo sobre o abandono na modalidade de natação, chegou aos seguintes resultados, por ordem de importância: cansaço do calendário competitivo ou estilo de vida, falta de meios para ir mais longe, obtenção dos seus objectivos pessoais, dificuldade na conciliação de desporto/estudos, deterioração dos resultados.

3. O Modelo do Estudo

O nosso modelo de estudo aparece enquadrado neste capítulo, já que este é retirado da literatura e apenas são feitas pequenas adaptações. Este modelo emerge da teoria do intercâmbio social de Thibaut e Kelley (1959) e é uma adaptação do modelo do compromisso de Rusbult (1980,1983) ao contexto desportivo, realizado por Scanlan *et al.* (1993b).

Examinando o envolvimento desportivo, optámos por utilizar o modelo do compromisso desportivo de Scanlan *et al.* (1993b) por duas razões: Primeiro, o compromisso esteve na base de algumas teorias e no estudo de diversas disciplinas científicas que estudam o comportamento (Becker, 1960; Kelley, 1983; Rusbult, 1980); segundo, este modelo foi facilmente modificável para o domínio desportivo, permitindo uma melhor compreensão do estado psicológico que está subjacente ao envolvimento desportivo. Por exemplo, o compromisso associado à motivação para participação desportiva (Weiss e Petlichkoff, 1989) e cessação (Gould, 1987).

O modelo do compromisso desportivo pode ser associado a um programa particular, a um determinado desporto, ou ao desporto em geral. Nesta investigação, o compromisso está associado ao nível de um desporto específico – andebol.

O compromisso desportivo é “o constructo psicológico representativo do desejo de continuar a participar no desporto” (Scanlan, *et al.*, 1993b, pp.1).

Assim, neste modelo, o divertimento foi definido como “a resposta afectiva positiva à experiência desportiva que reflecte sentimentos generalizados, como o prazer, o gostar e a diversão” (Scanlan, *et al.*, 1993b, pp.1). Este constructo afectivo mostrou-se ser importante para a motivação dos jovens e foi encontrado como sendo a variável mais determinante do compromisso (Scanlan e Lewthwaite, 1986; Scanlan e Simons, 1992; Scanlan, Stein e Ravizza, 1989; Wankel e Sefton, 1989). Assim, foram feitos vários estudos no sentido de explorar as diferentes formas de divertimento. Scanlan e Simons (1992) resumiram os preditores do divertimento como sendo: aprender/melhorar os *skills*, estar com os amigos em equipa, sentir-se competente, receber instruções e encorajamento dos treinadores e ganhar.

Com base numa extensa revisão de literatura sobre a motivação desportiva de jovens atletas (Gill *et al.*, 1981; Gould, 1987; Gould *et al.*, 1985; Harter, 1988; Nicholls, 1989; Petlichkoff, 1993a; Ryckman e Hammel, 1995; Smith, 1986; Vallerand, 1997; Wankel e Kreisel, 1985; Weiss e Petlichkoff, 1989) e num estudo piloto feito com andebolistas francesas, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos (Guillet e Sarrazin, 1997), definimos como componentes do Divertimento a Percepção de Competência, Autonomia, Relação com os Outros, Progresso, Suporte dado pelo Treinador como sendo as mais importantes para o envolvimento desportivo e foram alvo de análise na nossa investigação. Para além destas cinco componentes, alguns estudos também consideram que o Tempo de Jogo influencia a satisfação do jogador (Petlichkoff, 1993b). Para além disto, num estudo realizado por Guillet *et al.* (2002), o modelamento das equações estruturais (MES) revelou uma variável a que chamaram benefícios percebidos, que são subjacentes às Percepções de Competência, Autonomia, Relação com os Outros, Suporte dado pelo Treinador e Tempo de Jogo e eram preditoras da satisfação dada pelo andebol.

As Alternativas do Envolvimento foram definidas como “a atracção pelas alternativas, em vez do esforço em continuar a participar no desporto.” (Scanlan, *et al.*, 1993b, pp.5). Este constructo mede o grau de atracção dos atletas pelas actividades alternativas, sendo mais ou menos desejáveis em relação à participação no programa corrente.

As Alternativas do Envolvimento estão na linha da investigação que diz que os conflitos de interesse e/ou interesses por outras actividades eram os motivos mais consistentes para o abandono desportivo (Gould, 1987). Esta situação é mais pertinente durante a adolescência, um período caracterizado por uma necessidade emergente de independência e de mudança de interesses (Lindner, Johns e Butcher, 1991)

As componentes dos Investimentos Pessoais são definidas como “recursos pessoais que são colocados na actividade e que não podem ser recuperados se a participação for interrompida” (Scanlan, *et al.*, 1993b, pp.7). Exemplos destes recursos irrecuperáveis são o tempo, o esforço e o dinheiro. A importância relativa desses recursos podem variar de desporto para desporto. Pensamos que um grande investimento pessoal irá promover um grande compromisso desportivo.

Os Constrangimentos Sociais foram definidos como “expectativas ou normas sociais que criam sentimentos de obrigatoriedade para manter-te numa actividade” (Scanlan, *et al.*, 1993b, pp.10). Esta definição especifica a pressão social para continuar a participação numa actividade. É medida pelo grau de sentimento do atleta que tem de ficar na actividade para agradar outras pessoas. Quanto maior for a pressão para continuar, maior será o nível de compromisso. A hipótese subjacente a esta relação é que a pressão para continuar é uma consequência de sanções negativas que poderão sofrer, por outros, da sua relação, se ele abandonar o desporto.

Acrescentamos ao nosso modelo uma última dimensão, a qual chamamos Outras Razões. Aqui colocamos algumas questões que nos foram confidenciais por atletas que efectivamente já tinham abandonado o andebol e que não constavam nas dimensões anteriores. Muitas deles estão fora do controlo do próprio atleta, como seja o caso lesões, motivos disciplinares ou lei de transferência de atletas.

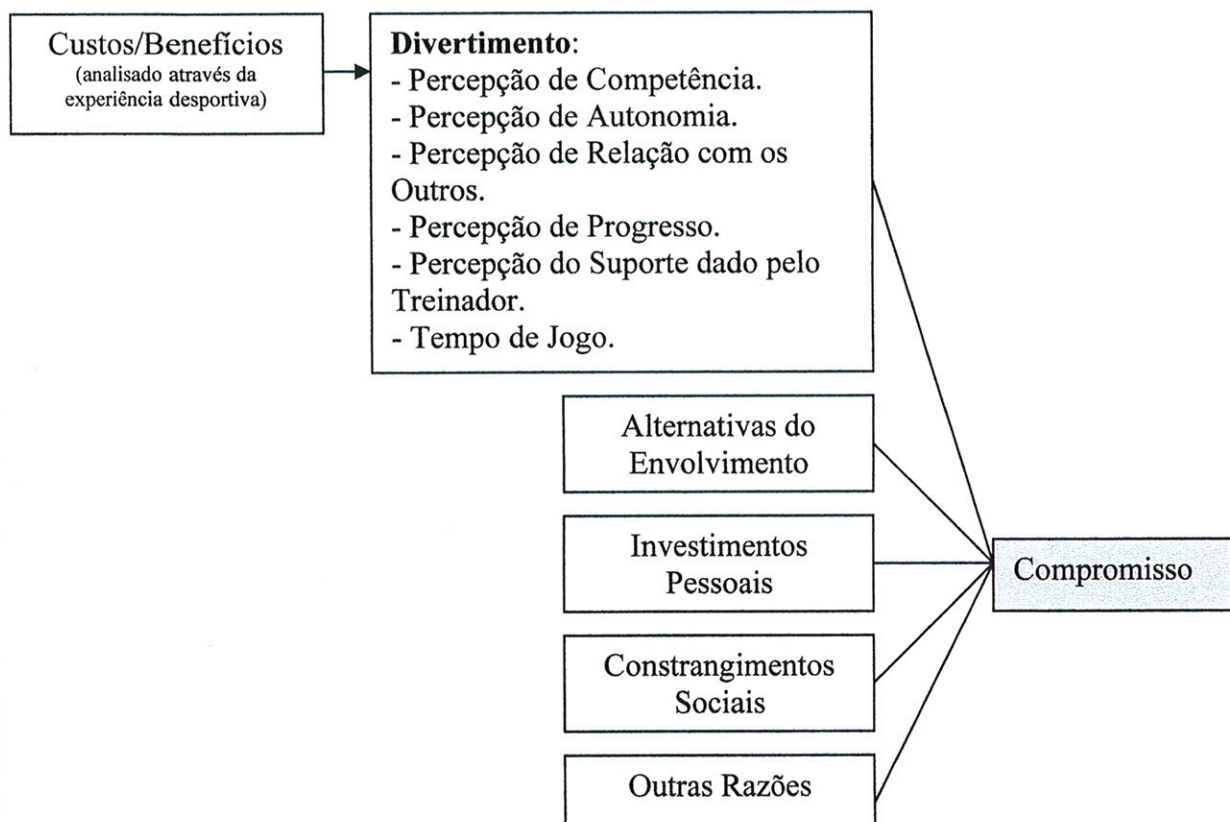


Figura 4. Modelo do Compromisso Desportivo de Scanlan *et al.* (1993b), adaptado pelo autor.

4. O Conceito de Abandono Desportivo

O processo de “desgaste” a que o jovem está sujeito na prática desportiva, termina quando ele abandona a modalidade onde estava inserido. No entanto, é um erro considerar-se que esse jovem não volta a praticar desporto. Klint e Weiss (1986), referem que os jovens indicam diferentes níveis de abandono. Muitos deixam de praticar uma modalidade para se envolverem noutra. Esta situação, foi ilustrada pelo facto de 35 de um grupo de 37 jovens que abandonaram a ginástica para participarem noutra modalidade desportiva, não colocarem de parte regressar posteriormente à prática da ginástica.

Contrariamente a este estudo, Petlichkoff (1982; cit. in Weineberger e Gould, 1995), constatou que 59% dos juniores que participam em vários programas desportivos abandonaram as modalidades que praticavam e não tinham intenção de voltar a praticar desporto.

Smith (1986) definiu uma posição extrema de abandono desportivo, *burnout*, como uma situação na qual um jovem abandona completamente o desporto e o envolvimento desportivo onde se encontra, como resposta a estado de stress crónico consequente muitas vezes de uma especialização precoce e do elevado tempo dispendido na actividade. Weinberger e Gould (1995) indicam que o *burnout* é uma resposta psicofisiológica do atleta, como resultado de frequentes, extremos e geralmente ineficazes esforços, para conseguir o encontro do treino excessivo com bons resultados. São feitos investimentos e reinvestimentos sucessivos em tempo e energia na prática da modalidade, sem as correspondentes recompensas. O *burnout* envolve pois um abandono psicológico, emocional e físico de uma actividade, como resposta a uma situação de descontentamento e stress excessivo. Caracteriza-se por uma exaustão psicológica e emocional, baixa auto-estima, depressão, elevada ansiedade, medo de falhar, preocupações com as expectativas dos adultos e permanente aumento do stress.

O stress do jovem a caminho do *burnout* nunca diminui, antes pelo contrário, aumenta permanentemente. Deste modo, o *burnout* é visto por Weinberger e Gould (1995) como a situação lógica consequente de um longo período de stress.

Coackley (1993) refere que este tipo de praticante se percepção mais como atleta do que como estudante ou líder de actividades escolares. Segundo o mesmo autor, estes jovens caracterizam-se por terem um poder de decisão mínimo sobre as suas opções ou destinos. Tudo é controlado de fora para dentro. Os pais ou treinadores tomam as grandes decisões ou opções das suas vidas sem a sua interferência. Segundo este autor, este controlo exagerado origina grande diminuição da motivação intrínseca do praticante.

Posteriormente, Gould *et al.* (1993) numa investigação efectuada em tenistas juniores que deixaram de praticar a modalidade e abandonaram definitivamente o desporto, *burnout*, constataram que o modelo de Smith (1986) é o que melhor interpreta o *burnout*. Concluíram igualmente que o *burnout* é consequência de um stress apoiado num continuo desgaste físico, social, emocional e psicológico do atleta que pratica uma modalidade muito tempo, verificando que os custos e reinvestimentos efectuados pelo jovem na modalidade, não foram claramente superados pelos benefícios obtidos.

Existem vários tipos de abandono referidos na literatura. Assim é importante definir o conceito de abandono desportivo que vamos utilizar para este estudo. Consideramos abandono desportivo no andebol (que adiante designaremos apenas por abandono), como sendo o abandono da prática federada do andebol.

A forma de calcular a taxa de abandono também é algo que merece uma atenção especial, uma vez que nos estudos encontrados na literatura indicam-se vários processos, muitos deles com limitações. Este facto tem como consequência que a comparação dos resultados deve ser feita com muitas reservas, uma vez que os valores apresentados, habitualmente, não são determinados do mesmo modo.

A forma que nós adoptámos, consistiu em seguir os mesmos atletas durante um certo período de tempo tendo como referência a idade de entrada no sistema. Esta referência foi um factor relevante na nossa análise uma vez que, desta forma, foi possível ter uma ideia mais precisa dos seus comportamentos, nomeadamente se o tempo de prática é aproximadamente constante independentemente da idade de início de actividade ou se, alternativamente, é a idade de abandono que é aproximadamente a mesma. Além disso, procurou-se saber se o indivíduo abandonou ou não a prática da modalidade, ao fim de quanto tempo e com que idade.

No entanto, como todo o estudo tem uma duração temporal limitada, para alguns indivíduos, não é possível saber exactamente qual o seu comportamento face ao abandono, uma vez que continuam em actividade. Todavia, o facto de sabermos que um atleta está a praticar a modalidade há duas, três ou mais épocas é uma informação útil que não deve ser desprezada. Como tal, uma outra abordagem para a problemática do abandono é através da Análise de sobrevivência, a qual permite incorporar a informação anterior na análise de dados. As observações para as quais não foi observado o acontecimento de interesse (no nosso caso, o abandono), são designadas por observações censuradas.

Capítulo II – Objecto de Estudo

1. Enunciado do Problema

Quais são as razões que influenciaram a decisão de abandono ou de participação na prática do andebol federado da Região Autónoma da Madeira (R.A.M.), em jovens de ambos os sexos?

Neste sentido, faremos inicialmente um levantamento de dados relativos à demografia federada do andebol na R.A.M, durante dez anos (época 95 até 2004), para responder às seguintes questões: Quais são os níveis de captação (quantos entram no sistema, por época)? Quais são as taxas de abandono em diferentes idades?

De seguida, pretendemos verificar se as nossas suspeitas relativamente às variáveis que julgamos influenciar o abandono desportivo são válidas ou não, de acordo com o modelo adoptado para esta investigação.

2. Objectivos do Estudo

- . Fazer uma análise do sistema desportivo federado, na modalidade de andebol, no período entre 1995 e 2004, no sentido de perceber quais são as tendências futuras.
- . Identificar as idades que conduzem a um maior abandono, bem como averiguar se o género constitui uma variável explicativa.
- . Apurar quais são as razões que levam os praticantes ao abandono da prática desportiva, na modalidade de andebol, e quais as que levam a se manterem na modalidade.
- . Testar o modelo do compromisso desportivo para o andebol federado da R.A.M.

3. Justificação do Estudo

Os jovens de hoje têm interesses, expectativas e motivos de adesão à prática desportiva diferentes. São uma geração exigente, inteligente e com opinião própria. Como tal, é necessário que repensemos uma série de questões que irão ao encontro deste novo quadro de referências e que, de certa forma, permitirão o enquadramento da prática desportiva de acordo com as necessidades dos jovens praticantes, no sentido de lhes proporcionar satisfação, prazer, superação e aquisição de valores que os enriquecerão como seres humanos.

Nesse sentido, Correia (1999) afirma que as alterações sociais e económicas colocam novos desafios à gestão das organizações. As alterações contextuais e o incremento da concorrência, levam as organizações a repensar os processos de gestão. Perante o cenário descrito, indica-se como solução para as organizações a adopção da gestão estratégica, o que possibilitará uma adaptação às mudanças.

Face a esta diversidade de “estares” e de necessidades sociais sentidas, a estruturação da oferta desportiva ganha novos desafios. A grande aposta, parece-nos ser o investimento da diversidade por parte das organizações que promovam a prática desportiva.

Analisando esta problemática sob o ponto de vista macro, podemos questionar-nos: será as políticas desportivas estão adaptadas a estes jovens? Ou será que o desporto infanto-juvenil rege-se pela mesma estrutura do desporto federado dos adultos, onde o que é importante é o número de campeões que “se fabricam” e o jovem não é analisado em todas as suas vertentes?

As constantes alterações sociais e económicas colocam permanentemente novos desafios à sobrevivência das organizações (Correia, 1999). As Instituições desportivas que não têm esta atitude estratégica de adaptação, actualmente, passam por momentos de grande crise, já que não conseguem seduzir os jovens para a prática desportiva das suas modalidades e isso reflecte-se a nível de captação de jovens e continuação destes na prática desportiva. Pensamos que o grande problema não está na captação dos jovens, porque apesar destes terem características diferentes, continuam a gostar de

experimentar “coisas” novas, de sentir as emoções fortes transmitidas pelo desporto. O que se passa depois é aquilo que gostaríamos de estudar.

Inicialmente, com esta tese pretendíamos ser mais abrangentes e trabalhar o tema do abandono para várias modalidades pertencentes Sistema Desportivo Regional. O andebol foi apenas a primeira modalidade a ser analisada, não por ser onde o fenómeno do abandono é mais evidente mas por uma questão de escolha pessoal e de ligação profissional à modalidade. Depois de apercebermo-nos do volume de trabalho que esta tese implicava e dos prazos estipulados para o terminus da mesma, concluímos que seria impossível estabelecer comparações entre as modalidades e assim ter uma visão geral do Sistema Desportivo Regional. Por isso este estudo é apenas sobre o andebol.

4. Limitações do Estudo

. Diferencial entre o acontecimento e o ano de aplicação do questionário. Este desfasamento justifica-se pelo tempo que se utilizou na primeira parte do trabalho (elaboração de *check-list* sobre o abandono e posterior análise estatística).

. Circunscrever o fenómeno à Ilha da Madeira.

. Enquanto que aqueles que abandonaram foram inqueridos entre dois a três anos depois de se registar o fenómeno (recorrendo à memória), a prova contrafactual baseou-se nos indivíduos que expressaram a sua opinião no presente.

. A margem de erro da amostra dos atletas que abandonaram é muito alta. Apesar de considerarmos uma limitação, optámos por aplicar o questionário apenas aos atletas que abandonaram na última época do nosso estudo, apresentando um N=123, o que é muito baixo. Se assim não fosse aumentaríamos o tempo existente entre o fenómeno e o preenchimento do questionário.

Capítulo III – Métodos e Procedimentos

1. Seleção e Caracterização da Amostra

Para a primeira fase do nosso estudo, a amostra foi recolhida tendo por base os atletas inscritos pela primeira vez na Federação Portuguesa de Andebol pela Associação de Andebol da Madeira, nas épocas 95/96 até 04/05 (10 épocas), o que totalizou 4721 indivíduos. O número médio de entradas por ano, por género e por idade pode ser observado nos gráficos da figura 5.

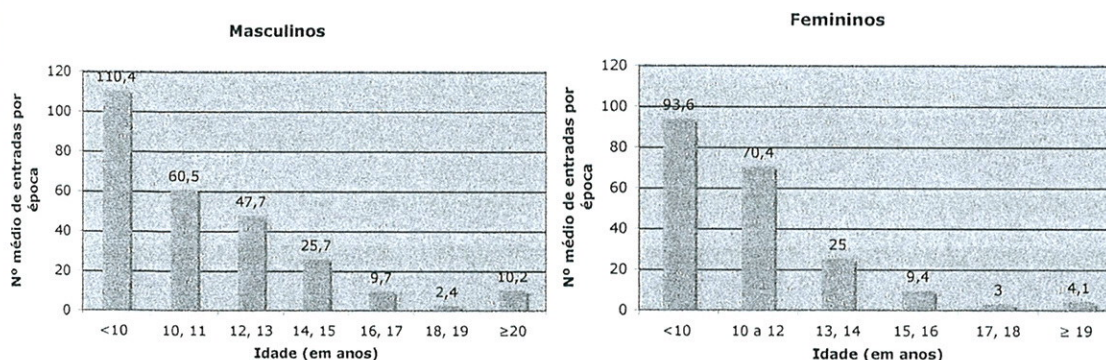


Figura 5. Número médio de entradas por ano.

Na segunda fase, e para tratar especificamente as questões do abandono, delimitámos a nossa amostra em termos de idade. Assim, trabalhámos com as raparigas que iniciaram a modalidade entre os 10 e os 14 anos (correspondentemente a dois escalões: 10 a 12 anos, 13 e 14 anos) e com os rapazes que iniciaram entre os 10 e os 15 (correspondentes a três escalões: 10 e 11 anos, 12 e 13 anos, 14 e 15 anos).

Deste modo, relativamente à amostra inicial, considerámos 46.4% dos indivíduos femininos e 50.2% dos indivíduos masculinos, perfazendo um total de 2293, com a distribuição que se apresenta na figura 6.

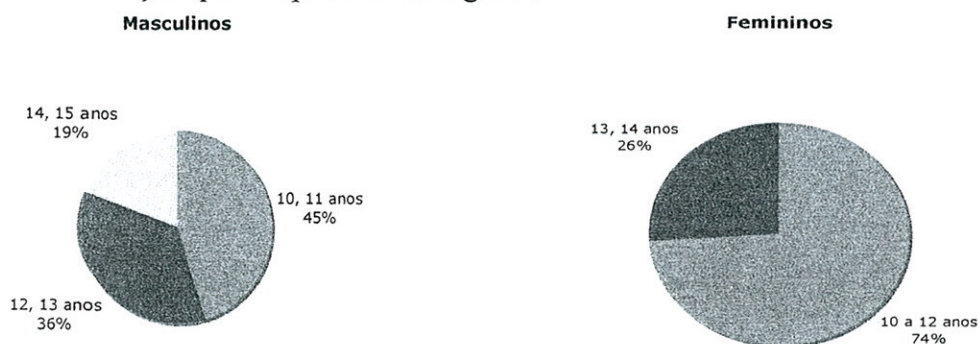


Figura 6. Caracterização da sub-amostra.

A justificação para esta selecção teve por base os seguintes pontos:

. Os atletas com menos de 10 anos foram excluídos da análise pois nesta etapa de formação os objectivos passam por sensibilizar os atletas para a modalidade. Apesar de esses atletas representarem a maior percentagem da amostra em todas as épocas, como em média cerca de 45% abandonaram após a primeira época, pressupomos que muitos deles estão em fase de experimentação e, por tentativa e erro, irão optar por esta modalidade ou por outra.

. Com a ressalva do ponto anterior, os atletas que pretendemos analisar são aqueles cujas idades apresentam as maiores percentagens de entradas. De facto, a percentagem de entradas decresce bruscamente para além dos escalões considerados em cada género. Além disso, o principal período de desenvolvimento de competências para a prática desta modalidade situa-se entre os 10 e os 15 anos. Para um atleta que se inicie na modalidade após esta idade, será difícil ainda conseguir atingir níveis técnicos e táticos que permitam uma competição federada satisfatória.

Pretendemos aplicar os questionários aos atletas que tenham abandonado a prática desportiva federada, de ambos os sexos e das idades onde esse processo acontece com maior frequência. Obviamente que iremos à procura daqueles que abandonaram apenas na última época do nosso estudo (2004/2005), para que não haja um distanciamento muito grande do acontecimento estudado.

Todos os atletas que estão no sistema e que tenham as idades determinadas pelo estudo, serão igualmente interrogados.

Na terceira e última fase, aplicação dos questionários, a nossa amostra foi constituída por 230 atletas (180 atletas no activo, 50 atletas que abandonaram), tendo todos eles um nível competitivo Regional, e representativo dos clubes situados nos Concelhos do Funchal, Santa Cruz, Machico e Santana, totalizando 8 clubes.

A aplicação dos questionários foi realizada na época 2006/2007. Dos 350 andebolistas com as idades correspondentes ao estudo e de ambos os géneros, apenas conseguimos encontrar 180. Sendo 92 rapazes e 88 raparigas. Por motivos de ordem

logística e de incompatibilidades de horários não foi possível aplicar o questionário nos andebolistas de dois clubes. Obviamente nem todos os atletas se encontravam no treino aquando da aplicação dos questionários. A margem de erro foi de 5%.

Dos 50 andebolistas que abandonaram, 30 são rapazes e 20 são raparigas, Estes 50 atletas foram retirados de uma sub-amostra de 123 andebolistas que abandonaram na última época do nosso estudo e que se encontravam nessa altura dentro das idades estabelecidas pela nossa investigação. Esta amostra foi por conveniência porque muitos dos atletas encontrados não quiseram participar no estudo e outros não se encontravam na ilha. A margem de erro foi de 10% o que significa uma limitação do estudo.

2. Métodos e Procedimentos

A base deste trabalho enquadra-se nos paradigmas da investigação qualitativa, cujos procedimentos foram prescritos pelo método descritivo. É um estudo de natureza transversal.

A primeira fase consta de um levantamento da demografia federada da R.A.M., na modalidade de andebol, no sentido de recolher dados que serão essenciais para responder ao problema de investigação. Para isso, fomos consultar as listas nominais de todos os atletas inscritos nas diferentes épocas, dados estes cedidos pela Federação de Andebol. Constatou-se que o número de atletas por época é diferente daquele apresentado pelo Instituto do Desporto da Madeira, facto que fica a dever-se ao extravio de alguns dados por parte da Federação. Assim, este estudo refere-se apenas ao controlo dos atletas que constam nas citadas listas. Para cada ano (época), foram criadas listas de entrada de atletas. Deste modo, ficámos com o registo de quantos atletas entraram, quantos permaneceram e quantos abandonaram, ao longo das diferentes épocas. O levantamento foi feito a partir das épocas 93/94, de modo a ser mais assertivo em relação às entradas de atletas de 95/96.

A segunda fase englobou a recolha de dados sobre os desportistas que abandonaram, através dos registos biográficos (nos Clubes) ou através das fichas de inscrição de atleta federado (nas Associações). Depois, foi aplicado o respectivo

questionário. Simultaneamente foram inquiridos os atletas que estavam ainda a praticar. Assim ficámos com uma perspectiva integrada do andebol federado da Região Autónoma da Madeira.

2.2. INSTRUMENTOS

2.2.1. Questionários

Com base no nosso modelo de análise e a teoria que lhe está subjacente e após a leitura de algumas experiências realizadas sobre o abandono desportivo, nomeadamente um estudo realizado por Guillet *et al.* (2002), seleccionámos algumas dimensões e componentes e acrescentámos outro que considerámos importantes para o nosso estudo. Para cada dimensão e respectivas componentes foram criadas frases, sendo a escala de Likert, de 1 a 5 a utilizada. Para melhor compreender a forma como foi estruturado os nossos questionários apresentaremos o quadro que se segue, na subsecção seguinte.

2.2.2. Dimensões Componentes e Questões

Dimensões	Componentes	Indicadores	Questões
Satisfação/Diver- timento <i>(Rusbult, 1980, 1980, Scanlan e t al., 1993b)</i>	<u>Percepção de Competência (C)</u> (Perceived competence in life domains scale, PELOS; Losier, Vallerand e Blais, 1993)	- Comparação Social - Comparação Temporal	C.1. Eu sinto-me melhor jogador que os outros colegas de equipa. C.2. Eu sinto que faço parte do grupo dos melhores jogadores. C.3. Eu sinto que domino os outros jogadores da minha equipa. C.4. Eu sinto que estagnei tecnicamente no Andebol. C.5. Eu acho que aprendo poucas coisas novas no Andebol. C.6. Eu penso que melhorarei tacticamente no Andebol.
	<u>Percepção de Autonomia (A)</u> (Perceived Autonomy toward life domains scale, PALDS; Blais, Vallerand e Lachance, 1990)	- Afirmação do eu - Carácter voluntário - Liberdade - Poder de expressão - Tomada de decisão	A.1. No Andebol sinto-me livre para fazer tudo o que quero. A.2. No Andebol eu faço as coisas livremente e não por obrigação. A.3. No Andebol sinto-me livre para agir como eu quero. A.4. No Andebol, sinto-me livre para me exprimir como quero. A.5. No Andebol, sinto-me habitualmente livre para tomar as minhas Decisões.
	<u>Percepção de Relação com os Outros (R)</u> (Feeling of Relatedness scale, FRS; Richer e Vallerand, 1998)	- Aceitação pela equipa - Confiança - Ligação - Cumplicidade - Amizade	R.1. Eu sinto-me próximo dos meus colegas de equipa. R.2. Eu tenho a percepção de que as minhas colegas confiam em mim. R.3. No seio da minha equipa, eu sinto-me ligado à maioria dos jogadores. R.4. Eu sinto uma cumplicidade com a maioria dos jogadores da minha equipa. R.5. Eu tenho a impressão que sou considerado um amigo para os jogadores da minha equipa.

	<p><u>Percepção de Progresso (P)</u> (Guillet e Sarrazin, 1997)</p>	<p>- Aprendizagem ———→ P.1. Eu tenho a impressão que o meu treinador fica contente quando cada jogador da equipa aprende alguma coisa nova. - Progressão ———→ P.2. O meu treinador está muito atento aos progressos técnicos da equipa. - Encorajamento ———→ P.3. O meu treinador encoraja os jogadores a trabalharem para melhorar os seus pontos fracos.</p>	
	<p><u>Suporte dado pelo Treinador (T)</u> “Echelle des comportements Interpersonnels” (ECI; Pelletier e Otis, 2001)</p>	<p>- Preocupação com o atleta ———→ T.1. Eu sinto que o meu treinador está preocupado comigo. - Focalização da atenção nos melhores ———→ T.2. O meu treinador presta muita atenção às vedetas da equipa. - Ambiente ———→ T.3. O meu treinador não cria um bom ambiente. - Pressão competitiva ———→ T.4. O meu treinador impõe uma pressão competitiva excessiva.</p>	
<p>Alternativas do Envolvimento (AE)</p>	<p><u>Tempo de Jogo</u> Atração por outras actividades (Scanlan, Simons, Carpenter, Schmidt e Keeler, 1993)</p>	<p>- Tempo de jogo ———→ 1. Participas activamente no jogo? - Amigos ———→ AE.1. Os meus amigos praticam outras modalidades. - Outras actividades ———→ AE.2. Tenho outras coisas para fazer. - Estudos ———→ AE.3. Não consigo conciliar o Andebol com os estudos. - Namoro ———→ AE.4. Comecei a namorar. - Família ———→ AE.5. Passo pouco tempo com a família. - Mudança ———→ AE.6. Mudei de casa/Escola/localidade.</p>	
<p>Constrangimentos Sociais (CS) (Scanlan <i>et al.</i>, 1993b)</p>		<p>- Satisfação dos pais ———→ CS.1. Eu jogo Andebol para agradar aos meus pais. - Estar com os amigos ———→ CS.2. Eu jogo Andebol para poder estar com os meus amigos. - Satisfação do treinador ———→ CS.3. Eu jogo Andebol para agradar ao meu treinador.</p>	

		<p>- Obrigação → CS.4. Eu jogo Andebol porque sinto-me obrigado.</p> <p>- Não desiludir os outros → CS.5. Eu jogo Andebol sobretudo para não desapontar as pessoas que acreditam em mim (pais, outros familiares, amigos, namorado(a), treinadores).</p>
Investimentos Pessoais (I) (Scanlan <i>et al.</i> , 1993b)	<p>- Anos de prática → I.1. Quantos anos praticaste Andebol?</p> <p>- Tempo por semana → I.2. Quantas horas treinavas por semana?</p> <p>- Dinheiro → I.3. Quanto dinheiro a tua família investiu no Andebol?</p> <p>- Grau de empenhamento → I.4. Davas o teu melhor no Andebol?</p>	
Compromisso (CO) (Bentler, 1980; Byrne, 1994)	<p>- Determinação em jogar → CO.1. Eu estou dedicado ao Andebol. → CO.2. Eu estou determinado em continuar a jogar Andebol. → CO.3. É difícil para ti abandonar o Andebol? → CO.4. O que és capaz de fazer para não abandonares o Andebol?</p>	
Outras Razões (estas razões foram invocadas informalmente por alguns atletas que fazem parte do estudo)	<p>- Lesão → O.1. Tive uma lesão.</p> <p>- Disciplina → O.2. Fui posto fora da equipa por motivos disciplinares.</p> <p>- Clube → O.3. O Andebol deixou de ser praticado no meu Clube.</p> <p>- Normativo → O.4. O clube não abriu o meu escalão/género. → O.5. A lei de transferência não permitiu que eu fosse para outro Clube. - Vitória → O.6. Não ganhava jogos.</p>	

Nota: As questões serão adaptadas consoante forem dirigidas aos atletas que já abandonaram ou àqueles que ainda continuam na prática.

Quadro 1. Dimensões, componentes e questões que serviram de base à elaboração dos questionários.

2.2.3. Dimensões e Escalas

Dimensão – Divertimento

Componente – Percepção de Competência (C)

- C.1. Eu sinto-me melhor jogador que os outros colegas de equipa.
- C.2. Eu sinto que faço parte do grupo dos melhores jogadores.
- C.3. Eu sinto que domino os outros jogadores da minha equipa.
- C.4. Eu sinto que estagnei tecnicamente no andebol.
- C.5. Eu acho que aprendo poucas coisas novas no andebol.
- C.6. Eu penso que melhorei tacticamente no andebol.

Componente – Percepção de Autonomia (A)

- A.1. No Andebol sinto-me livre para fazer tudo o que quero.
- A.2. No Andebol eu faço as coisas livremente e não por obrigação.
- A.3. No Andebol sinto-me livre para agir como eu quero.
- A.4. No Andebol, sinto-me livre para me exprimir como quero.
- A.5. No Andebol, sinto-me habitualmente livre para tomar as minhas decisões.

Componente – Percepção de Relação com os Outros (R)

- R.1. Eu sinto-me próximo dos meus colegas de equipa.
- R.2. Eu tenho a percepção de que as minhas colegas confiam em mim.
- R.3. No seio da minha equipa, eu sinto-me ligado à maioria dos jogadores.
- R.4. Eu sinto uma cumplicidade com a maioria dos jogadores da minha equipa.
- R.5. Eu tenho a impressão que sou considerado um amigo para os jogadores da minha equipa.

Componente – Percepção de Progresso (P)

- P.1. Eu tenho a impressão que o meu treinador fica contente quando cada jogador da equipa aprende alguma coisa nova.
- P.2. O meu treinador está muito atento aos progressos técnicos da equipa.
- P.3. O meu treinador encoraja os jogadores a trabalharem para melhorar os seus Pontos fracos.

Componente – Suporte dado pelo Treinador (T)

- T.1. Eu sinto que o meu treinador está preocupado comigo.
- T.2. O meu treinador presta muita atenção às vedetas da equipa.
- T.3. O meu treinador não cria um bom ambiente.
- T.4. O meu treinador impõe uma pressão competitiva excessiva.

Escala: 1 = Discordo totalmente 2 = Discordo em parte 3= Não concordo nem discordo 4 = Concordo em parte 5 = Concordo totalmente.

Componente – Tempo de Jogo

- TJ.1. Participas activamente no jogo?

Escala: 1 = Quase nunca 2 = Poucas vezes 3 = 1ª ou a 2ª parte 4 = Muitas vezes
5 = Quase sempre.

Dimensão – Alternativas do Envolvimento

Componente – Atracção por Outras Actividades

- AE.1. Penso abandonar o andebol porque os meus amigos praticam outras modalidades.
- AE.2. Se tiver outras coisas para fazer, abandonarei o andebol.
- AE.3. Não consigo conciliar o andebol com os estudos.
- AE.4. Não consigo conciliar o namoro com o andebol.
- AE.5. Eu penso abandonar o andebol porque passo pouco tempo com a família.
- AE.6. Se eu mudar de casa/Escola/ localidade, terei de abandonar o andebol.

Escala: 1 = Discordo totalmente 2 = Discordo em parte 3= Não concordo nem discordo 4 = Concordo em parte 5 = Concordo totalmente.

Dimensão – Constrangimentos Sociais

- CS.1. Eu jogo andebol para agradar aos meus pais.
- CS.2. Eu jogo andebol para poder estar com os meus amigos.
- CS.3. Eu jogo andebol para agradar ao meu treinador.
- CS.4. Eu jogo andebol porque sinto-me obrigado.
- CS.5. Eu jogo andebol sobretudo para não desapontar as pessoas que acreditam em mim (pais, outros familiares, amigos, namorada(o), treinadores).

Escala: 1 = Discordo totalmente 2 = Discordo em parte 3= Não concordo nem discordo 4 = Concordo em parte 5 = Concordo totalmente.

Dimensão – Investimentos Pessoais

I.1. Há quantos anos /épocas praticas andebol?

Escala: A. 1 a 2

B. 3 a 4

C. 5 a 6

D. 7 a 8

E. 9 ou mais

I.2. Quantas horas treinas por semana?

Escala: A. 2 a 3 horas

B. 4 a 6 horas

C. 7 a 8 horas

I.3. Quanto dinheiro investes a tua família no andebol?

Escala: 1= Muito pouco 2= Pouco 3= Nem pouco /nem muito 4= Muito
5= Muitíssimo

I.4. Dás o teu melhor no andebol?

Escala: 1= Quase nunca 2= Poucas vezes 3= Às vezes 4=Muitas vezes
5= Quase sempre

Dimensão – Compromisso

CO.1. Eu estou dedicado ao andebol.

Escala: 1= Nada dedicado 2= Pouco dedicado 3= Dedicado 4= Muito dedicado
5= Muitíssimo dedicado

CO.2. Eu estou determinado em continuar a jogar andebol.

Escala: 1= Nada determinado 2= Pouco determinado 3= Determinado
4= Muito determinado 5= Muitíssimo determinado.

CO.3. É difícil para ti abandonar o andebol?

Escala: 1= Nada difícil 2= Pouco difícil 3= Difícil 4= Muito difícil
5= Muitíssimo difícil

CO.4. O que és capaz de fazer para não abandonares o andebol?

Escala: 1= Nada 2= Poucas coisas 3=Algumas coisas 4= Bastantes coisas
5= Muitas coisas

Dimensão – Outras Razões

- O.1. Tive uma lesão.
- O.2. Fui posto fora da equipa por motivos disciplinares.
- O.3. O andebol deixou de ser praticado no meu clube.
- O.4. O clube não abriu o meu escalão/género.
- O.5. A lei de transferência não permitiu que eu fosse para outro clube.
- O.6. Eu penso que vou abandonar o andebol porque não ganho muitos jogos.

Escala: 1=Discordo totalmente 2= Discordo em parte 3= Não concordo nem
discordo 4=Concordo em parte 5= Concordo totalmente

2.2.4. Aplicação do Questionário

Os questionários que aplicámos aos atletas que abandonaram e àqueles que ainda se mantinham no sistema desportivo foram muito semelhantes. As diferenças prendem-se com questões relacionadas com os tempos verbais e com a dimensão – Outras Razões, que com excepção da O6, só foram colocadas aos atletas que efectivamente já tinham abandonado.

Depois de seleccionar os atletas que já tinham abandonado, optámos por procurá-los nas escolas da sua área de residência e aplicar-lhes directamente os questionários. O envio do questionário para casa pareceu-nos pouco eficaz, visto que muitos dos atletas foram contactados primeiro por telefone e demonstraram pouca receptividade para o assunto. Outra questão que constatámos prendeu-se com o facto de muitos atletas já terem regressado à prática da modalidade em questão e outros não estarem na região, por vários motivos.

Pretendíamos obter informações relativas a três situações: atleta, razões que levaram ao abandono e, paralelamente, razões pelas quais os atletas se mantêm na prática.

2.2.5. Validação dos Questionários

Após a escolha de um modelo e a construção de um instrumento que permita medir esse modelo, é necessário concluir sobre a utilidade deste, numa perspectiva de abordagem científica. Neste sentido validar os instrumentos torna-se crucial na procura da credibilidade necessária à obtenção de resultados o mais verosímeis possível.

Uma parte integrante da validade é a fiabilidade, que resulta da consistência de uma medida. Para avaliar essa consistência dos questionários utilizamos o cálculo do coeficiente de “alpha” de Cronbach e obtivemos os seguintes valores: para o questionário aplicado aos atletas activos o valor foi “alpha” = 0.692 e mediu 48 itens. Para o questionário aplicado aos atletas que abandonaram o valor foi “alpha” = 0.784 e mediu 53 itens.

Podemos assim dizer que no primeiro caso a consistência interna é aceitável e no segundo é considerada boa.

2.3. TRATAMENTO DE DADOS E PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

No tratamento e descrição dos dados resultantes do estudo utilizámos:

- . Software Excel
- . Software SPSS 15

1. No tratamento de dados:

- . Para caracterização da amostra utilizamos medidas de localização (médias), por género e por faixa etária. Esta informação foi complementada através de um gráfico.

- . Relativamente a sub-amostra, para além do procedimento anterior, apresentamos mais medidas de localização (mínimo, primeiro quartil, mediana, terceiro quartil e máxima) referentes ao número de épocas à idade de abandono, por género e por faixa etária. Além disso utilizámos a análise de sobrevivência para determinar as estimativas de Kaplan-Meier da função de sobrevivência, por género, quer relativo ao número de épocas, quer à idade de abandono.

2. Os procedimentos estatísticos utilizados nos questionários foram:

- . Teste de Pearson do qui-quadrado;
- . Gráficos de barras para caracterização das respostas de algumas questões;
- . Regressão ordinal para testar o modelo do compromisso desportivo.

Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

1. Apresentação e Discussão das Taxas de Abandono

Com base na amostra inicial, a taxa média de abandono, por época, nas raparigas é de 37%, enquanto que nos rapazes é de 33%. No entanto, em ambos os géneros, as taxas têm valores díspares ao longo das épocas, embora sem apresentar qualquer tipo de tendência. Além disso, a variação ao longo das épocas não é do mesmo tipo para ambos os géneros, ou seja, o aumento do abandono numa determinada época para um dos géneros não é obrigatoriamente verdade para o outro. Desde já podemos verificar que dificilmente obteremos um padrão fiável, eventualmente devido à variedade e complexidade dos factores que influenciam o abandono. Por outro lado, também por isso, torna-se mais evidente a necessidade do uso de uma sub-amostra, pois indivíduos com idades próximas têm comportamentos mais semelhantes.

Relativamente à sub-amostra, no caso do género feminino, verificámos que a taxa média de abandono é de 38% para as atletas que iniciaram a modalidade entre os 10 e os 12 anos e de 44% entre os 13 e os 14. Quanto ao género masculino, a taxa é de 27% entre os 10 e os 11 anos, de 37% entre os 12 e os 13 e de 50 % entre os atletas que iniciam com 14 ou 15 anos.

Uma vez que existe uma correlação negativa significativa entre a idade em que o atleta se iniciou na modalidade e o número de épocas que se manteve em actividade, ou seja, quanto menor é a idade de entrada maior é o número de épocas, averiguámos a percentagem de abandono de acordo com o número de épocas, tendo em conta a idade de início.

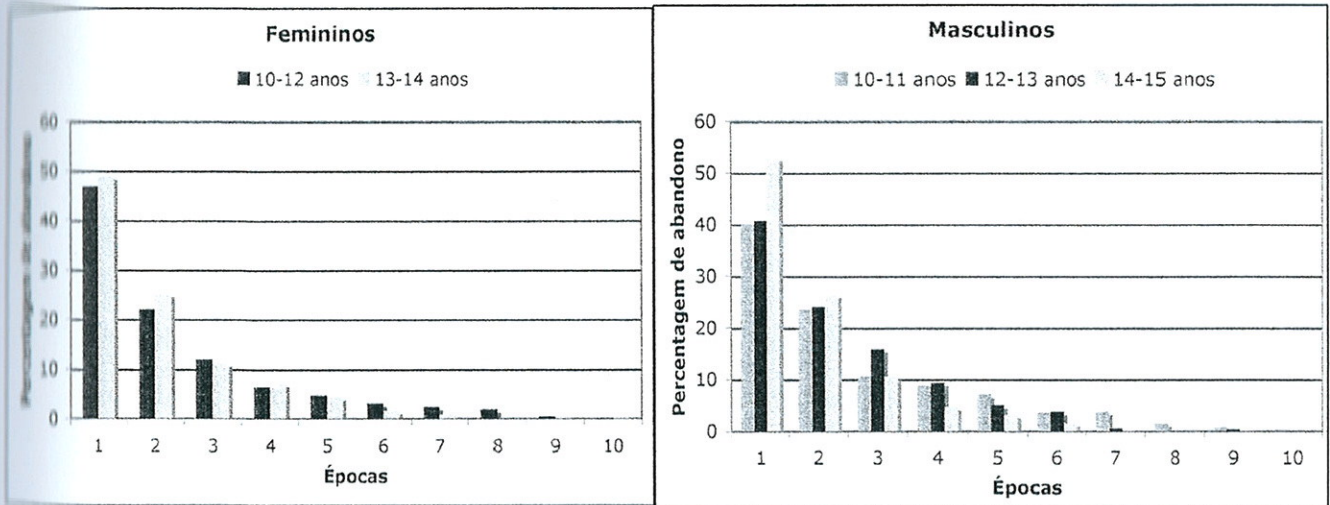


Figura 7. Percentagens de abandono, por época, faixas etárias e género.

Ao observar os gráficos da figura 7 podemos notar que a percentagem de abandono é muito elevada nas duas primeiras épocas, tanto no género masculino como no feminino. Nas raparigas a percentagem é semelhante para as duas faixas etárias ao longo das épocas embora a faixa etária dos 13 e 14 anos apresente um ligeiro acréscimo nas duas primeiras épocas, compensado por um decréscimo notório a partir da sexta época. Nos rapazes, à excepção da terceira e da sétima época, a percentagem de abandono é semelhante para as faixas etárias 10 e 11 anos e 12 e 13 anos. Relativamente aos 14 e 15 anos, a percentagem é muito elevada nas primeiras épocas, observando-se 90% de abandono ao fim de apenas três épocas.

Ao analisar a sub-amostra globalmente comparámos as distribuições da idade de abandono e do número de épocas nos dois géneros.

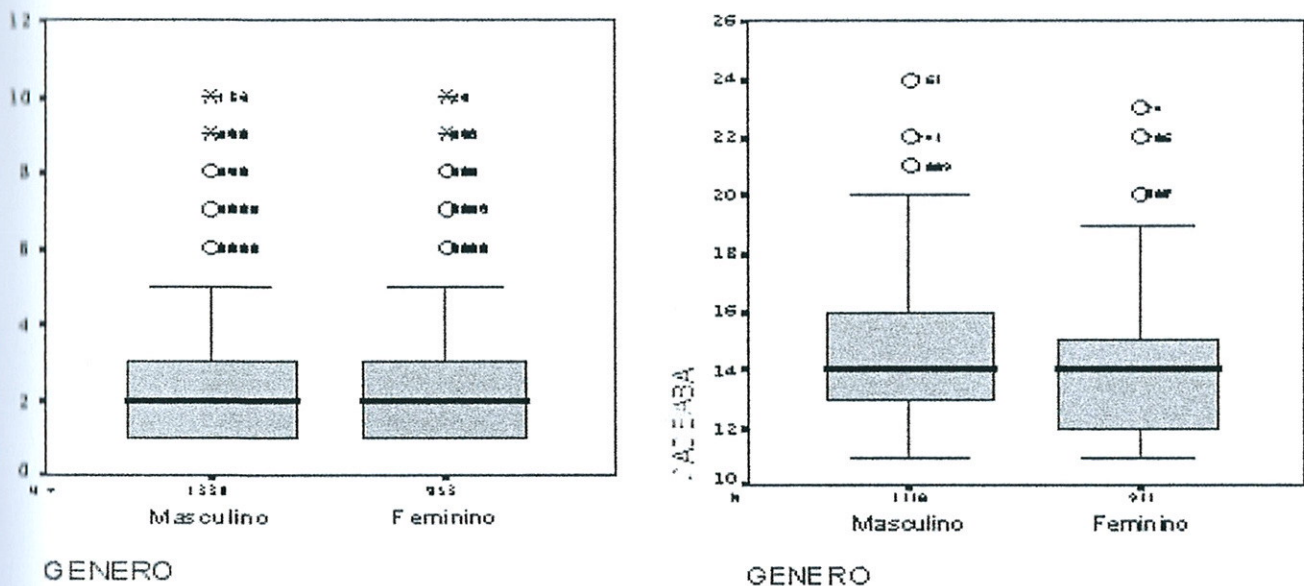


Figura 8. Distribuições do número de épocas e da idade de Abandono nos dois géneros.

A semelhança dos dois géneros relativa ao número de épocas é bem visível, pois os valores do mínimo (1), primeiro quartil (1), mediana (2), terceiro quartil (3) e máximo (10) coincidem. No entanto, sob o ponto de vista da idade de abandono, as semelhanças resumem-se as mínimo (11) e à mediana (14). Quanto às diferenças, 25% das raparigas abandonam até aos 12 anos, enquanto que os rapazes só o fazem até aos 13. Observa-se o mesmo tipo de diferença relativamente aos 75%, com as raparigas a abandonarem até aos 15 anos e os rapazes até aos 16. Assim, no geral, podemos concluir que as raparigas abandonam a modalidade mais cedo do que os rapazes.

No que diz respeito à aplicação da análise de sobrevivência, começámos por determinar as estimativas de Kaplan-Meier da função de sobrevivência, por género, onde o tempo de vida é o tempo desde que o atleta inicia a modalidade a nível federado até ao abandono. Os resultados encontram-se na figura 9, sendo que, no primeiro caso tivemos em conta o número de épocas, enquanto que no segundo foi a idade de abandono.

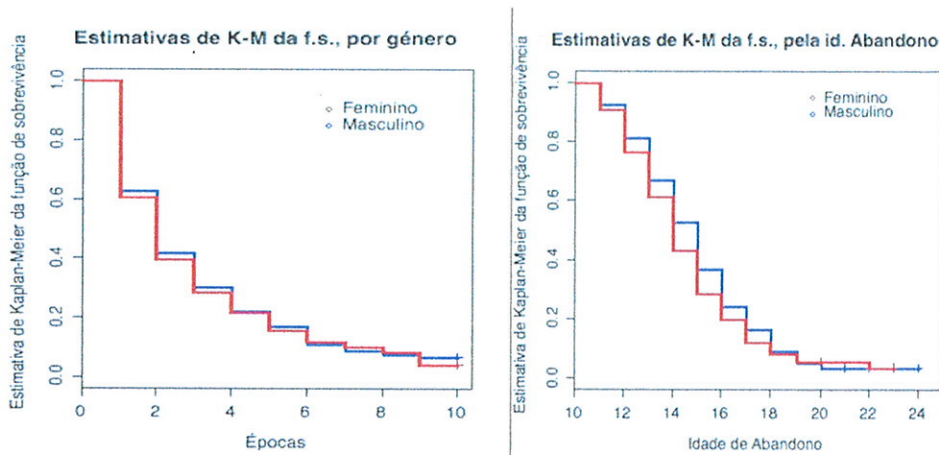


Figura 9. Estimativas de K-M da f.s., por género.

Ao analisar o comportamento dos atletas através do número de épocas, novamente é visível a ausência de diferença significativa entre os dois géneros. No entanto, ao analisarmos através da idade de abandono, já podemos notar que, até aos 18 anos, as raparigas têm uma taxa de abandono mais elevada. Além disso, também se observa uma quebra acentuada da prática desportiva dos 13 para os 14 anos nas raparigas e dos 14 para os 15 nos rapazes.

2. Apresentação e Discussão das Dimensões e Componentes dos Questionários

Apesar de não pretendermos que este estudo seja descritivo, parece-nos importante realçar algumas diferenças encontradas na análise dos questionários, nomeadamente no género e entre os atletas activos e os que abandonaram. Essas diferenças foram detectadas através do teste de Pearson do qui-quadrado. Apenas iremos apresentar e discutir os dados cujos valores de p sejam significativos, com a seguinte interpretação:

- . Entre 0,05 e 0,01 existem diferenças significativas (*);
- . Entre 0,01 e 0,001 existem diferenças muito significativas (**);
- . Menor 0,001 existem diferenças extremamente significativas (***)

As figuras que apoiam o texto correspondem às questões que apresentam diferenças muito significativas (**) e extremamente significativas (***)

Iremos organizar esta parte do trabalho tendo em atenção as dimensões do modelo do compromisso e as diferentes componentes que posteriormente deram origem às questões.

Na dimensão Divertimento e especificamente na componente Percepção de Competência começamos por apresentar o quadro com os valores do teste de Pearson do qui-quadrado.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
C1	p = .005	p = .815	p = .587	p = .498	———
C2	p < .000	P = .222	p = .027	p = .150	———
C3	p < .000	P = .477	p = .457	p = .013	———

Quadro 2. Valores do qui-quadrado para as questões C1, C2, C3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

- C.1. Eu sinto-me melhor jogador que os outros colegas de equipa.
- C.2. Eu sinto que faço parte do grupo dos melhores jogadores.
- C.3. Eu sinto que domino os outros jogadores da minha equipa.

Nas primeiras três questões, as raparigas, que ainda estão no activo apresentam percepções de competência diferentes das dos rapazes. Isto é visível através do teste de Pearson do Qui-Quadrado, e através da análise das figuras 10 e 11 (ver anexos II, fig.25).

A sua relação com o resto da equipa não é tão individualista, no sentido em que não se colocam num patamar superior em relação ao resto da equipa. De facto, a percentagem das raparigas que discordam totalmente é cerca do dobro da dos rapazes em todas as questões (ver anexo II, fig. 3). Podemos assim dizer que os rapazes percebem-se mais competentes em relação ao resto da equipa do que as raparigas.

Percepção de Competência (C2)

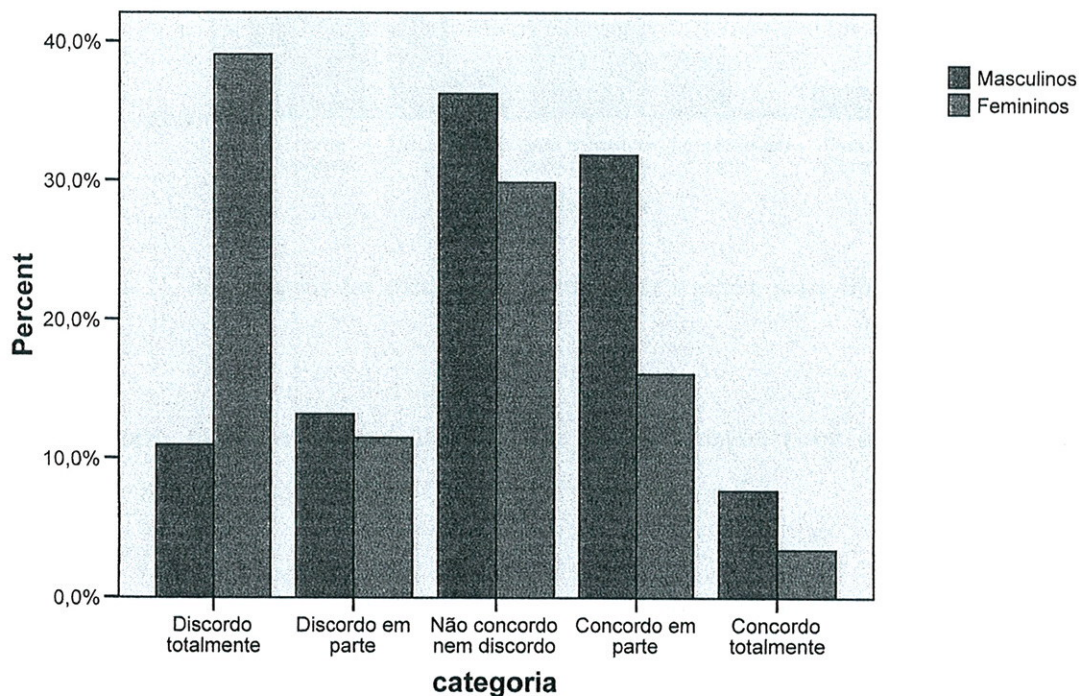


Figura 10. Percentagens referentes ao género masculino e feminino pelas diferentes categorias, da percepção de competência dos atletas activos, na questão C2.

Podemos verificar, na figura 10, na categoria concordo em parte, que existe uma percentagem consideravelmente superior por parte dos rapazes.

Assim podemos dizer que nas raparigas a tendência é no sentido de discordância enquanto que nos rapazes há uma maior homogeneidade na distribuição das respostas.

Percepção de Competência (C3)

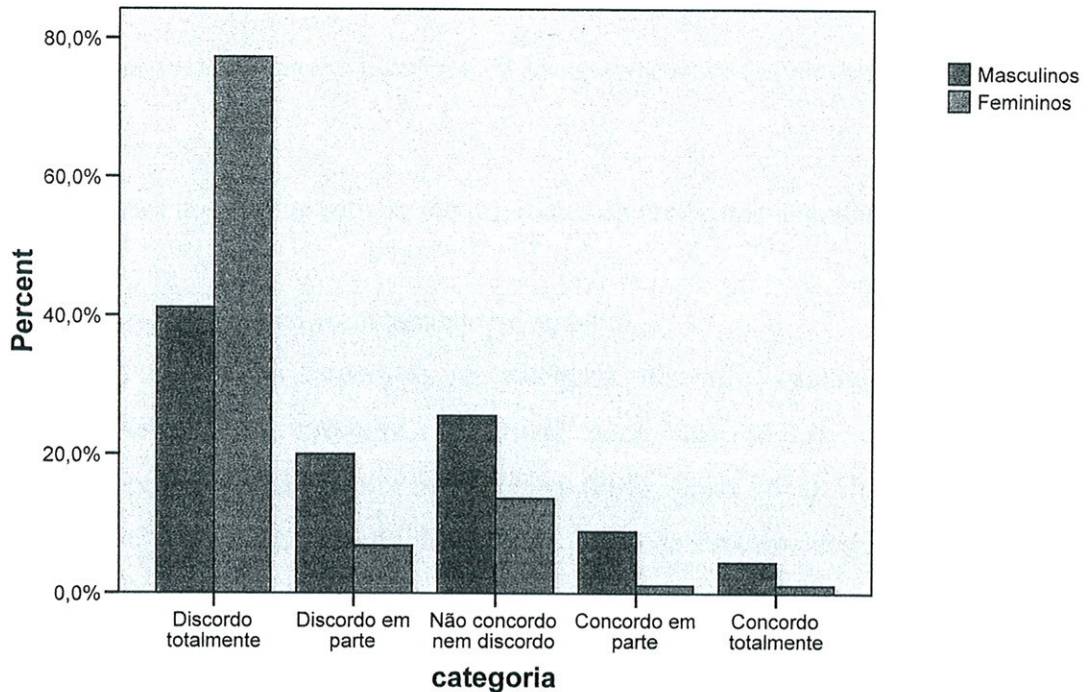


Figura 11. Percentagens dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão C3.

Existem também diferenças entre os atletas activos e os que abandonaram, nomeadamente nos masculinos, no C2, e nos femininos, no C3.

Na questão C2, curiosamente os atletas que abandonaram apresentam o triplo da percentagem, na categoria concordo totalmente. Este facto pode indiciar um eventual subaproveitamento ou subvalorização destes atletas, ou pelo menos, ser essa a sua percepção (ver anexos II, fig.27).

Na questão C3, quase nenhuma das raparigas que estão no activo concordam com esta afirmação, 78% discordam totalmente, enquanto que as atletas que abandonaram apresentam uma percentagem de (60%) na mesma categoria. Ainda existe uma percentagem de raparigas (15%) que já abandonaram que concordam totalmente (ver anexos II, fig.28).

Passamos de seguida a apresentar os resultados referentes às questões C4 e C6:

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
C4	p = .252	p = .430	—	—	p = .018
C6	p = .766	p = .096	—	—	p = .034

Quadro 3. Valores do qui-quadrado para as questões C4, C6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

As percepções dos atletas activos são diferentes daqueles que abandonaram.

C.4. Eu sinto que estagnei tecnicamente no andebol.

As maiores diferenças situam-se na categoria discordo totalmente e não concordo nem discordo. Na primeira, é curioso notar que são os atletas que abandonaram que apresentam uma maior percentagem (60% versus 36%). Uma possível explicação para este facto é a percepção dos atletas que ainda estão no activo ser mais realista e actual. Alguns atletas refugiaram-se na última categoria citada anteriormente, pelo facto de terem dúvidas em relação ao significado da palavra “estagnei” (ver anexos II, fig.29).

C.6. Eu penso que melhorei tacticamente no andebol.

As grandes diferenças situam-se nas categorias discordo em parte e concordo em parte. Assim, os atletas activos concordam mais e os que abandonaram discordam mais. Estes resultados estão de acordo com aquilo que seria esperado.

Em termos gerais tanto os atletas que estão no activo, como aqueles que abandonaram têm a percepção de que não estagnaram tecnicamente e melhoraram tacticamente no andebol (ver anexos II, fig. 31).

De seguida apresentaremos os resultados referentes à questão **C5**:

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
C5	p = .081	p = .018	p = .168	p = .012	—

Quadro 4. Valores do qui-quadrado para a questão C5, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

C.5. Eu acho que aprendo poucas coisas novas no andebol.

As percepções dos atletas que abandonaram são diferentes consoante o género. Nesta questão os rapazes são mais determinados do que as raparigas, já que optaram maioritariamente pelas categorias dos extremos (discordo totalmente, 62%; concordo totalmente, 18%). Apesar de uma grande maioria dos inquiridos discordar desta afirmação, tanto as raparigas como os rapazes apresentam percentagens de 12% concordo em parte e concordo totalmente (ver anexos II, fig. 26).

Existem ainda diferenças entre as atletas activas e aquelas que já abandonaram. A maior parte das primeiras discorda totalmente da afirmação (62%) e apresenta semelhanças entre si nas restantes categorias. Nas raparigas que abandonaram, embora a maior percentagem também se situe na categoria discordo totalmente (40%), há um decréscimo suave do valor ao longo das restantes categorias (ver anexos II, fig. 30).

Os andebolistas inquiridos, na sua generalidade, discordam desta afirmação.

Na dimensão de Divertimento, na componente Percepção de Autonomia, só existem diferenças nas questões A1 e A4.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
A1	p = .143	p = .195	———	———	p = .044
A4	p = .104	p = .035	p = .218	p = .006	———

Quadro 5. Valores do qui-quadrado para a questão A1 e A4, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

A.1. No andebol sinto-me livre para fazer tudo o que quero.

As diferenças são entre os atletas activos e aqueles que abandonaram. Embora todos os atletas apresentem uma maior tendência para discordar, os activos são mais convictos na sua discordância (ver anexos II, fig. 33).

A.4. No andebol, sinto-me livre para me exprimir como quero.

Os rapazes e as raparigas que abandonaram apresentam percepções de autonomia diferentes, constatadas através do teste de Pearson.

Assim, podemos verificar que na categoria discordo em parte e na concordo em parte, os dois géneros apresentam opiniões opostas. Enquanto que nas raparigas a tónica está no discordo em parte, nos rapazes está no concordo em parte, o que significa que os rapazes sentem-se mais livres para se exprimirem como querem (ver anexos II, fig. 32).

Nesta questão, existem também diferenças entre as atletas activas e as que abandonaram.

Percepção de Autonomia(A4)

Femininos

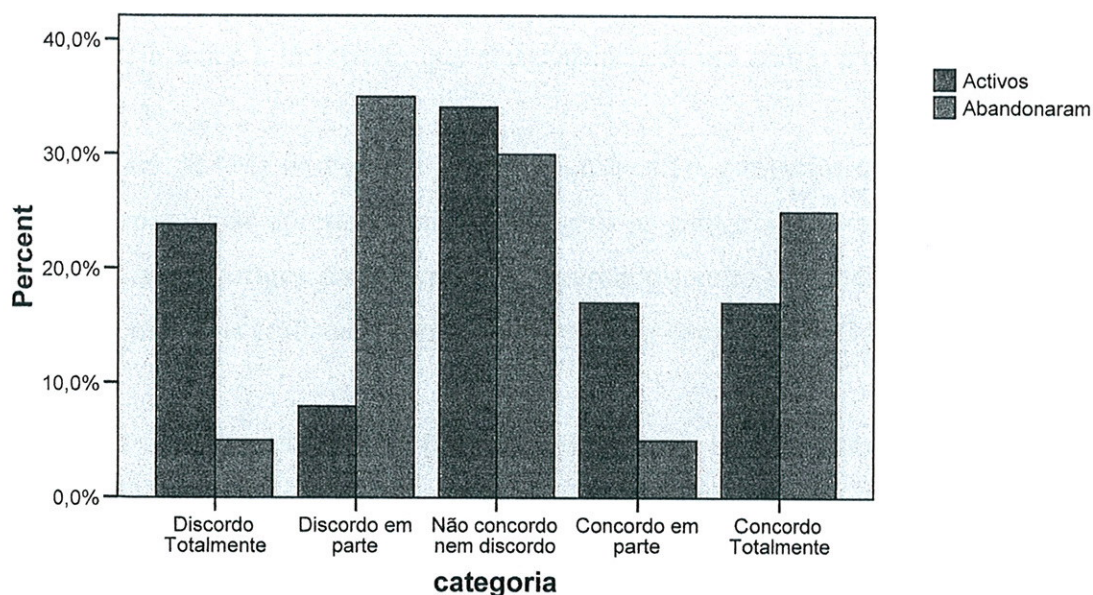


Figura 12. Percentagens das raparigas que estão no activo e daquelas que abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão A4.

Existe uma tendência clara das raparigas em relação à discordância, pois na categoria discordo totalmente, as activas, apresentam uma percentagem de 24%, enquanto que as atletas que abandonaram têm uma percentagem de 35% na categoria discordo em parte. No entanto, existe uma diferença assinalável na categoria concordo em parte, as atletas activas apresentam o triplo da percentagem.

Ainda na dimensão Divertimento, mas na componente Percepção de Relação com os Outros, de uma forma geral não existem diferenças significativas.

Os atletas inquiridos apresentam uma boa relação com os outros, já que existe uma tendência clara para concordarem com as afirmações.

A única diferença comprovada através do teste de Pearson, refere-se à questão R5, no género, nos atletas activos.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
R5	p = .046	p = .403	p = .674	p = .341	———

Quadro 6. Valores do qui-quadrado para a questão R5, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

R5. Eu tenho a impressão que sou considerado um amigo para os jogadores da minha equipa.

Apesar do teste de Pearson ter sido significativo, pensamos que isso se deve ao facto dos rapazes não apresentarem percentagens na categoria discordo totalmente. No entanto, se nas raparigas juntarmos as categorias discordo totalmente e discordo em parte obteremos dois gráficos muito semelhantes (ver anexos II, fig.34).

Outra componente que faz parte da dimensão do Divertimento é a Percepção de Progresso. De seguida apresentamos a tabela com os valores do qui-quadrado.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
P1	p = .046	p = .024	p = .522	p = .027	———
P2	p = .134	p = .107	———	———	p = .049
P3	p = .017	p = .693	p = .791	p = .026	———

Quadro 7. Valores do qui-quadrado para as questões P1,P2, P3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

P.1. Eu tenho a impressão que o meu treinador fica contente quando cada jogador da equipa aprende alguma coisa nova.

As raparigas e os rapazes que estão no activo apresentam percepções de progresso diferentes. Apesar destes valores, quando analisamos o gráfico 35 (ver anexo II), os dois géneros apresentam o mesmo tipo de movimentação. A maior diferença encontra-se na categoria concordo totalmente, já que as percentagens são de 70% para as raparigas e 54% para os rapazes. Podemos assim dizer que as raparigas apresentam uma percepção mais determinada do que os rapazes, não só pela categoria atrás referida, como também na análise da categoria não concordo nem discordo.

Ainda na questão P1, para os atletas que abandonaram, existem diferenças significativas entre os géneros.

Mais uma vez as raparigas são mais determinadas na resposta e apresentam valores na categoria concordo totalmente muito mais altos, 73% versus 49%. Para além disso, todas elas têm opiniões formadas, ao contrário dos rapazes onde 15% não concordam nem discordam (ver anexos II, fig.37).

Quando analisamos as diferenças entre os atletas activos e os que abandonaram, deparamo-nos com o facto de ser no género feminino onde isso mais acontece. Nas duas questões, as raparigas que abandonaram apresentam percentagens superiores àquelas que ainda estão no activo, na categoria concordo totalmente (ver anexos II, fig.38).

P.2. O meu treinador está muito atento aos progressos técnicos da equipa.

Existem diferenças significativas entre os atletas activos e os que abandonaram. Todos eles apresentam percentagens altas na categoria concordo em parte e concordo totalmente. No entanto, são os atletas que abandonaram que obtiveram percentagens mais altas nas duas categorias. Podemos salientar ainda uma certa indecisão por parte dos atletas, já que apresentam percentagens mais altas na categoria não concordo nem discordo (ver anexos II, fig.39).

É importante realçar que na questão P3 (activos/abandonaram), existem 12% das raparigas que estão no activo que discordam totalmente desta afirmação (ver anexos II, fig.40).

P.3. O meu treinador encoraja os jogadores a trabalharem para melhorar os seus pontos fracos.

Nos atletas activos os dois géneros apresentam percepções de progresso diferentes. As raparigas apresentam percentagens maiores do que os rapazes, na categoria concordo totalmente, 48% versus 37%, assim como na categoria de discordo totalmente, 11% versus 4%, verificando-se o contrário nas restantes categorias (ver anexos 2, fig.36).

Podemos acrescentar que nesta componente as raparigas apresentam-se mais satisfeitas com o papel do treinador na sua percepção de progresso.

Ainda na dimensão Divertimento a componente Suporte dado pelo Treinador, apresenta diferenças significativas no género, nos atletas activos e entre os activos e os que abandonaram. Isso acontece nas questões T2 e T4.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
T2	p = .260	p = .533	—	—	p = .049
T4	p = .022	p = .338	p = .065	p = .010	—

Quadro 8. Valores do qui-quadrado para as questões T2 e T4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

T.2. O meu treinador presta muita atenção às vedetas da equipa.

Nesta questão a percentagem dos atletas que abandonaram é superior, na categoria discordo totalmente (40% versus 28%) e são os atletas que estão no activo que concordam mais com esta afirmação (ver anexos II, fig.42).

T.4. O meu treinador impõe uma pressão competitiva excessiva.

Nos atletas activos, os dois géneros apresentam percepções diferentes sobre a pressão competitiva imposta pelo treinador.

As raparigas apresentam o dobro da percentagem quer em relação ao discordo totalmente quer na resposta concordo totalmente. Os rapazes são mais moderados nas suas respostas (ver anexos II, fig.41).

Ainda na mesma questão, podemos verificar que existem diferenças significativas entre as raparigas activas e aquelas que abandonaram. As últimas sentiam menos pressão competitiva do que aquelas que ainda estão no activo e logicamente são estas que concordam mais com esta afirmação (ver anexos 2, fig.43).

A componente Tempo de Jogo, também foi analisada como fazendo parte da dimensão Divertimento. Não se verificaram diferenças entre os atletas activos e os que abandonaram, nem tão-pouco entre os géneros. No entanto, quer os atletas activos quer os que abandonaram apresentam percentagens bastante elevadas (quase 50%) na categoria quase sempre.

Apesar de alguns estudos referirem o tempo de jogo como um critério relevante para o estudo do abandono no desporto, isso não se verificou na nossa investigação.

Passaremos de seguida à análise de outra dimensão do nosso modelo, Alternativas do Envolvimento. Foi criado apenas uma componente, para estudar esta dimensão, que definimos como Atracção por Outras Actividades. Ao fazer o teste de qui-quadrado obtivemos diferenças nas seguintes questões:

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
AE2	p = .040	p = .162	p = .015	p = .120	———
AE3	p = .024	p = .541	p = .102	p = .222	———

Quadro 9. Valores do qui-quadrado para as questões AE2, AE3, dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

AE.2. Se tiver outras coisas para fazer, abandonarei o andebol.

Nos atletas activos, o género tem influência nas respostas dadas na AE.2. Na categoria discordo totalmente as raparigas apresentam percentagens de 69% versus 48% (ver anexos II, fig.44).

Existem também diferenças significativas entre os rapazes activos e aqueles que abandonaram. Tanto os activos como os que abandonaram apresentam percentagens elevadas e próximas na categoria discordo totalmente. No entanto, são os atletas que

abandonaram que têm uma percentagem maior (22%) na categoria Concordo totalmente, nesta afirmação (ver anexos II, fig.46).

AE.3. Não consigo conciliar o andebol com os estudos.

Nos Atletas activos os dois géneros apresentam respostas diferentes. As raparigas conseguem conciliar melhor os estudos com o andebol, já que a percentagem na categoria discordo totalmente é mais elevada. No entanto, em termos de discordância (total e parcial) as percentagens têm valores próximos. Significa que, de uma maneira geral, os atletas inquiridos conseguem conciliar os estudos com o andebol (ver anexos II, fig.45).

AE.4. Não consigo conciliar o namoro com o andebol.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
AE4	p = .001	p = .456	p = .004	p = .629	—

Quadro 10. Valores do qui-quadrado para a questão AE4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

Alternativas do Envolvimento (AE4)

Atracção por outras Actividades

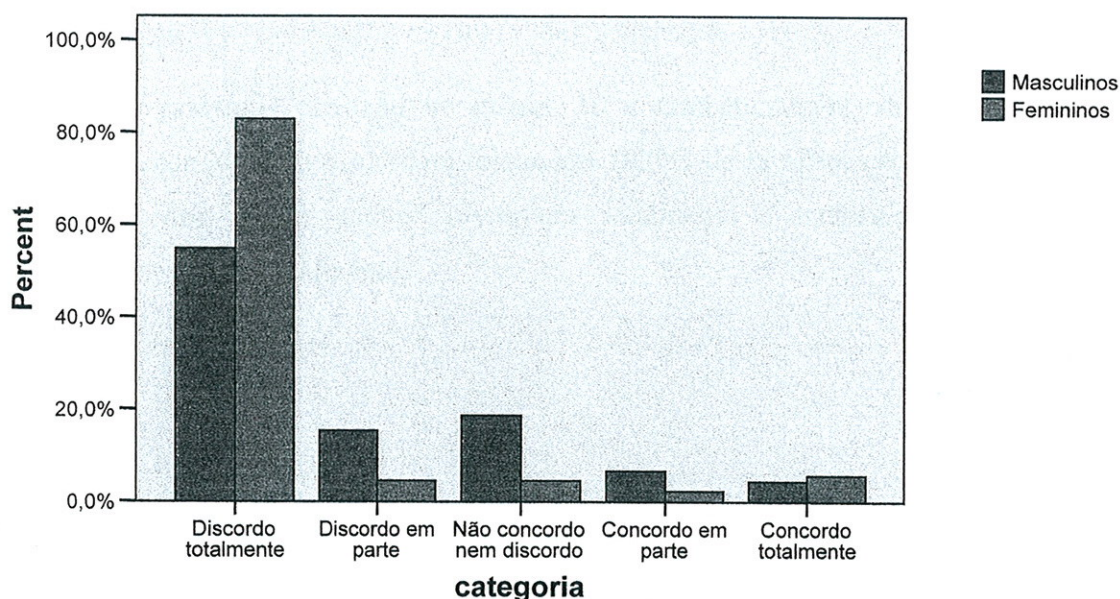


Figura 13. Percentagens das respostas dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão AE4.

Existem diferenças entre os géneros, nos atletas activos. Mais de 80% das raparigas discordam totalmente nesta questão, enquanto que nos rapazes apenas 55% tiveram a mesma opinião. Na categoria não concordo nem discordo, os rapazes apresentam uma percentagem maior, já que muitos deles poderão não ter namorada ou não querer expor-se.

Alternativas do Envolvimento (AE4)

Atracção por Outras Actividades

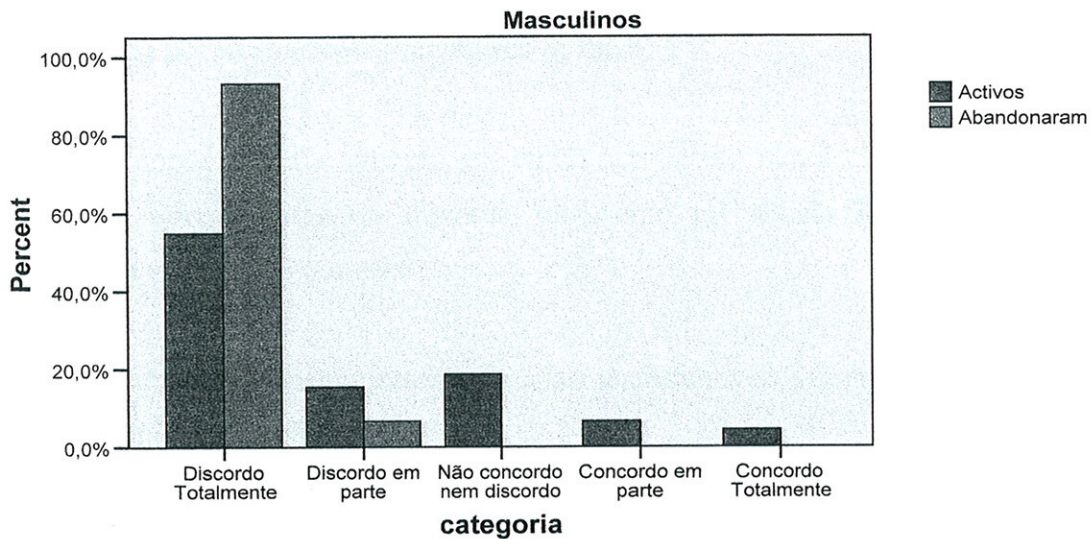


Figura 14. Percentagens das respostas dos atletas activos/Abandonaram, no género masculino pelas diferentes categorias, na questão AE4.

Como podemos constatar no quadro 10 e também através da figura 14, os rapazes que abandonaram discordam totalmente (92%) desta afirmação, enquanto que apenas 55% dos atletas activos discordam totalmente e inclusive alguns deles concordam em parte e totalmente.

AE.6. Se eu mudar de casa/Escola/ localidade, terei de abandonar o andebol.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
AE6	p = .089	p = .053	p = .031	p = .336	———

Quadro 11. Valores do qui-quadrado para a questão AE6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

Nesta questão os rapazes que abandonaram têm opiniões diferentes daqueles que ainda estão no activo. Os primeiros discordam quase na totalidade (92%) desta afirmação. A total discordância dos rapazes provavelmente deve-se ao facto de não terem passado por esta situação (ver anexos II, fig. 47).

Em termos gerais a atracção por outras actividades não é uma realidade nesta amostra, já que, a categoria discordo totalmente foi aquela que obteve maior percentagem em todas as questões.

Na dimensão Constrangimentos Sociais analisámos as seguintes questões, com base no valor do qui-quadrado.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
CS1	p = .098	p = .048	p = .084	p = .235	———
CS3	p = .026	p = .555	p = .133	p = .529	———
CS4	p = .006	p = .516	p = .250	p < .000	———

Quadro 12. Valores do qui-quadrado para as questões CS1, CS3, CS4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

CS.1. Eu jogava andebol para agradar aos meus pais.

Nos atletas que abandonaram há diferenças entre os géneros. Todos os rapazes discordam totalmente desta afirmação, ou seja, nenhum jogava andebol para agradar aos pais. Embora exista uma grande percentagem (72%) das raparigas que discordam totalmente, cerca de 22% discorda só em parte e ainda 4% concorda em parte (ver anexos II, fig. 49).

CS.3. Eu jogo andebol para agradar ao meu treinador.

Nos atletas activos a opinião difere consoante o género. Na categoria discordo totalmente, as raparigas apresentam uma percentagem de 80%, enquanto que os rapazes apresentam percentagens de 60 % (ver anexos II, fig. 48).

CS.4. Eu jogo andebol porque sinto-me obrigado.

Constrangimentos Sociais (CS4)

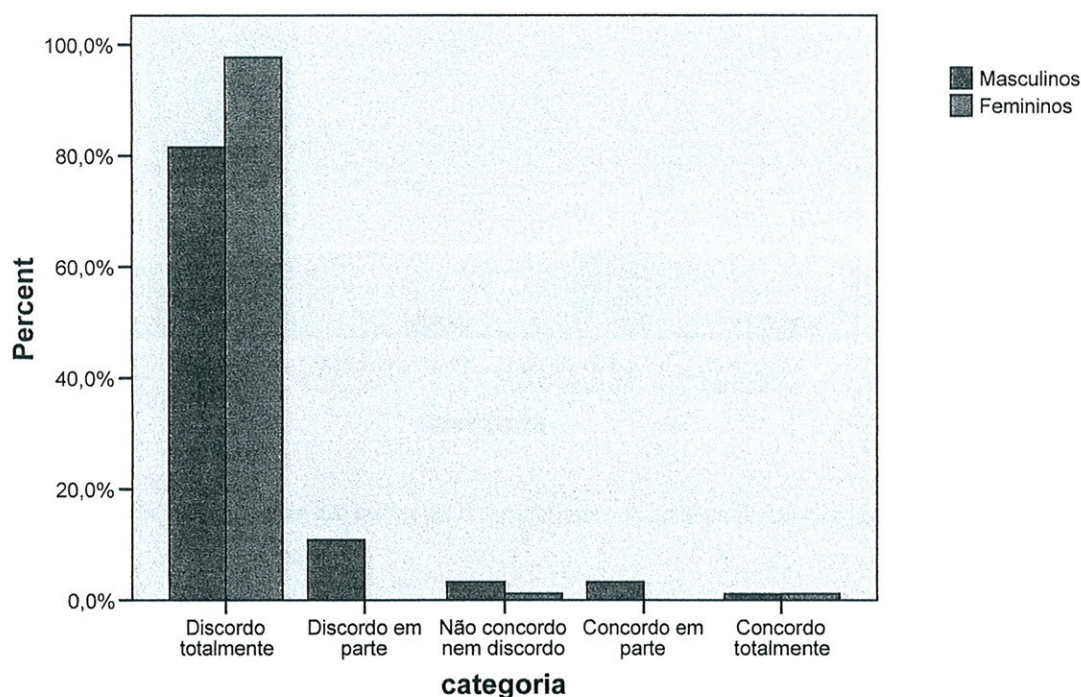


Figura 15. Percentagens das respostas dos atletas activos, consoante o género pelas diferentes categorias, na questão CS4.

Nos atletas activos, existem diferenças entre os géneros. Nas raparigas 91% discordam totalmente desta afirmação, sendo a restante percentagem distribuída igualmente apenas pelas categorias, não concordo nem discordo e concordo totalmente. Já nos rapazes, não só apenas 80% discorda totalmente como também existem respostas em todas as categorias remanescentes.

Constrangimentos Sociais (CS4)

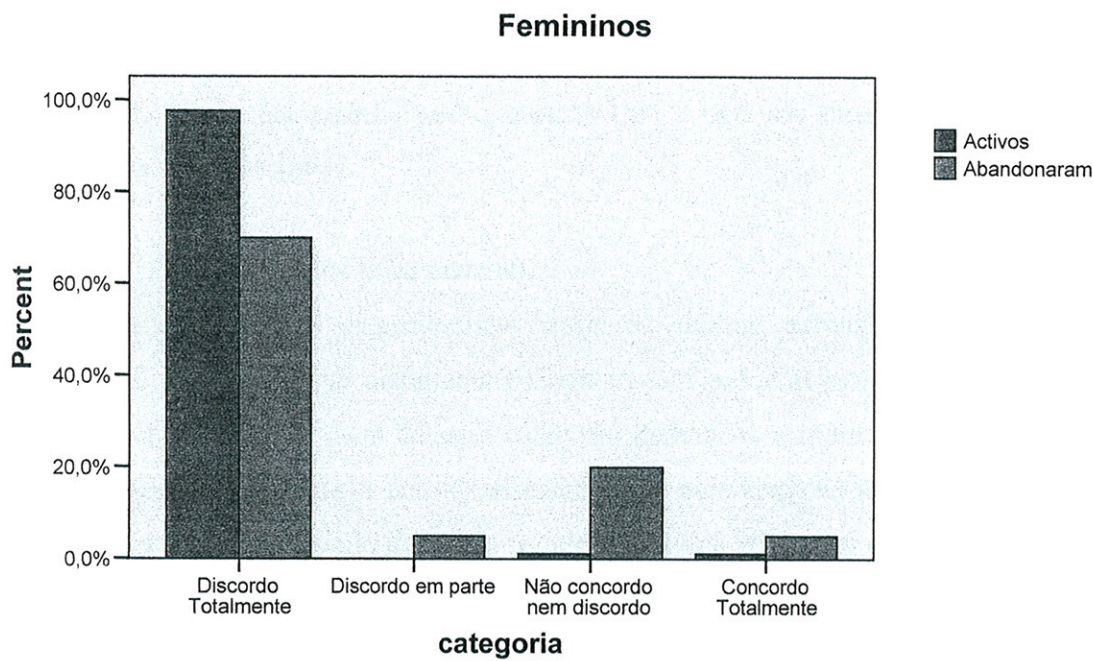


Figura 16. Percentagens das respostas das raparigas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CS4.

Ainda na questão CS4, as raparigas activas apresentam percentagens extremamente diferentes das que abandonaram. Como podemos constatar na figura 16, as activas situam-se maioritariamente na categoria discordo totalmente, enquanto que, as que abandonaram discordaram totalmente em cerca de 65%, havendo uma distribuição pelas outras categorias. Isto pode querer dizer que algumas dessas atletas sentiam-se realmente obrigadas a lá estarem.

Em termos gerais, os atletas inquiridos não têm preocupações em agradar aos pais e aos treinadores, apesar da tendência para agradar ao treinador ser ligeiramente superior.

Na dimensão Compromisso analisámos as questões que apresentam diferenças significativas, com base no teste de Pearson, qui-quadrado.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
CO1	p = .215	p = .145	————	————	p = .040
CO2	p = .786	p = .100	————	————	p < .000

Quadro 13. Valores do qui-quadrado para as questões CO1 e CO2 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

CO.1. Eu estou dedicado ao andebol.

Existem diferenças significativas entre os atletas activos e aqueles que abandonaram. Os atletas que abandonaram apresentam percentagens superiores em 3 categorias. Há que realçar duas delas, a categoria dedicadas e muito dedicado, já que nestas duas, seria normal que os activos apresentassem percentagens superiores.

Na categoria muitíssimo dedicado os atletas activos atingiram mais do dobro das percentagens dos que abandonaram (ver anexos II, fig.52)

CO.2. Eu estou determinado em continuar a jogar andebol.

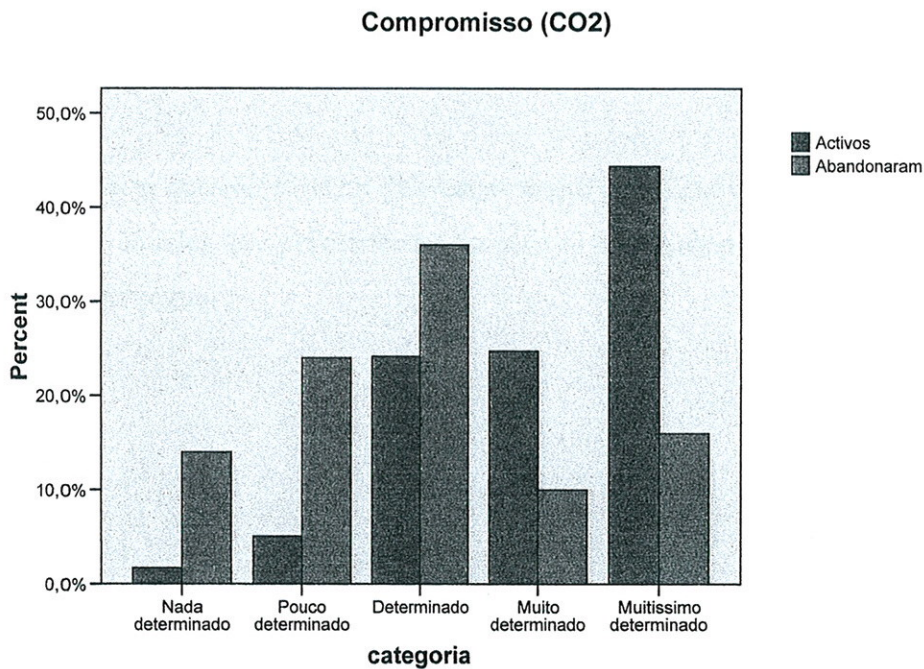


Figura 17. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO2.

Existem diferenças extremamente significativas entre os atletas activos e os que abandonaram. Nesta questão, os atletas activos apresentam percentagens claramente superiores nas categorias muito determinado e muitíssimo determinado. Os atletas que abandonaram apresentam uma percentagem muito superior nas categorias nada determinado e pouco determinado.

Como as questões CO3 e CO4 apresentam muita informação apresentaremos o quadro com os valores do qui-quadrado isoladamente.

CO.3. É difícil para ti abandonar o andebol?

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
CO3	p = .010	p = .435	p = .001	p < .000	—

Quadro 14. Valores do qui-quadrado para as questões CO3 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

Nos atletas activos há diferenças significativas entre os dois géneros. As raparigas apresentam cerca do dobro da percentagem na categoria muitíssimo difícil. No entanto, podemos constatar que para quase todos os atletas é difícil abandonar o andebol, 95% das raparigas e 90% dos rapazes (ver anexos II, fig.50).

Ainda nesta questão existem diferenças muito significativas entre os rapazes que abandonaram e aqueles que permanecem no activo. Isso pode-se verificar com a ajuda do gráfico que se segue.

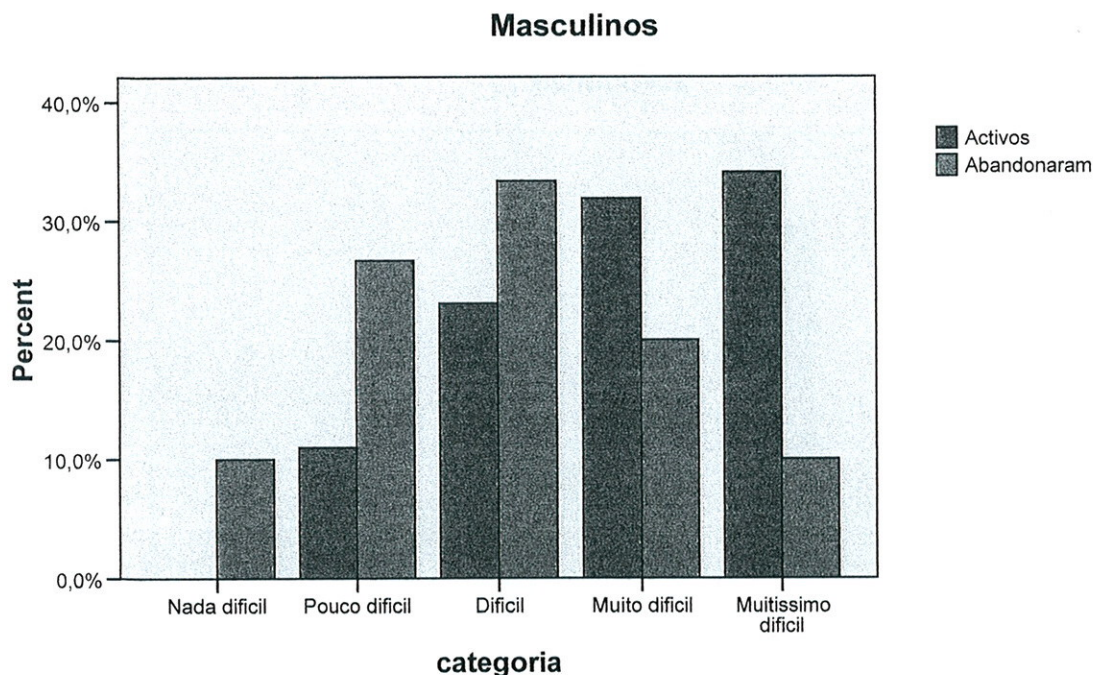
Compromisso (CO3)

Figura 18. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO3.

As diferenças são mais expressivas nas categorias de muitíssimo difícil, onde os activos apresentam uma percentagem de 35% e os que abandonaram apenas 9% aproximadamente. Nas categorias nada difícil e pouco difícil, os atletas que abandonaram apresentam percentagens muito superiores às dos activos, com a particularidade de nenhum destes últimos ter assinalado a primeira categoria.

Existem diferenças extremamente significativas entre as raparigas que estão no activo e aquelas que abandonaram, como podemos verificar no quadro 14 e na figura que se segue.

Compromisso (CO3)

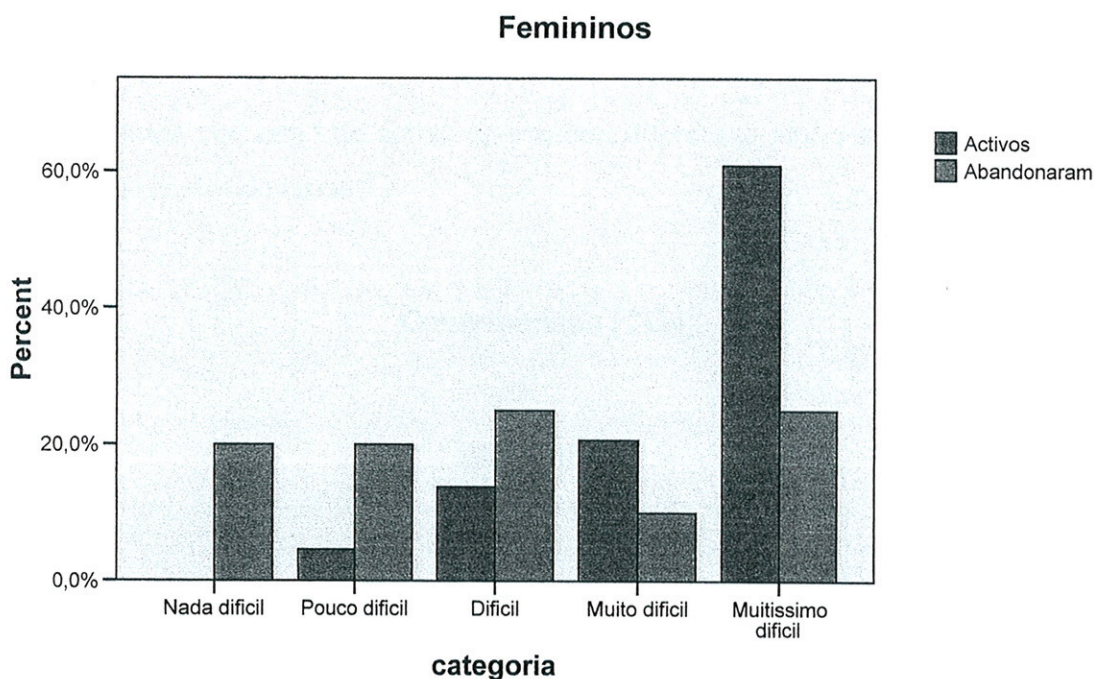


Figura 19. Percentagens das respostas das atletas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO3.

As grandes diferenças prendem-se com as categorias dos extremos, ou seja, as activas optaram maioritariamente pela categoria muitíssimo difícil e apresentam uma percentagem nula na categoria nada difícil. As atletas que abandonaram distribuíram-se por todas as categorias de uma forma mais ou menos homogénea.

CO.4. O que és capaz de fazer para não abandonares o andebol?

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
CO4	p = .048	p = .085	p = .001	p < .000	—

Quadro 15. Valores do qui-quadrado para as questões CO4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

Nos atletas activos as opiniões diferem consoante o género. A diferença mais marcante está na categoria, poucas coisas, em que os rapazes apresentam uma percentagem de 10% e nenhuma das raparigas escolhe esta opção. Além disso, as raparigas apresentam valores mais elevados nas categorias bastantes coisas e muitas coisas. Isto pode revelar um maior compromisso por parte das raparigas (ver anexos II, fig.51).

Os rapazes que estão no activo apresentam diferenças muito significativas em relação aos que já abandonaram.

Compromisso (CO4)

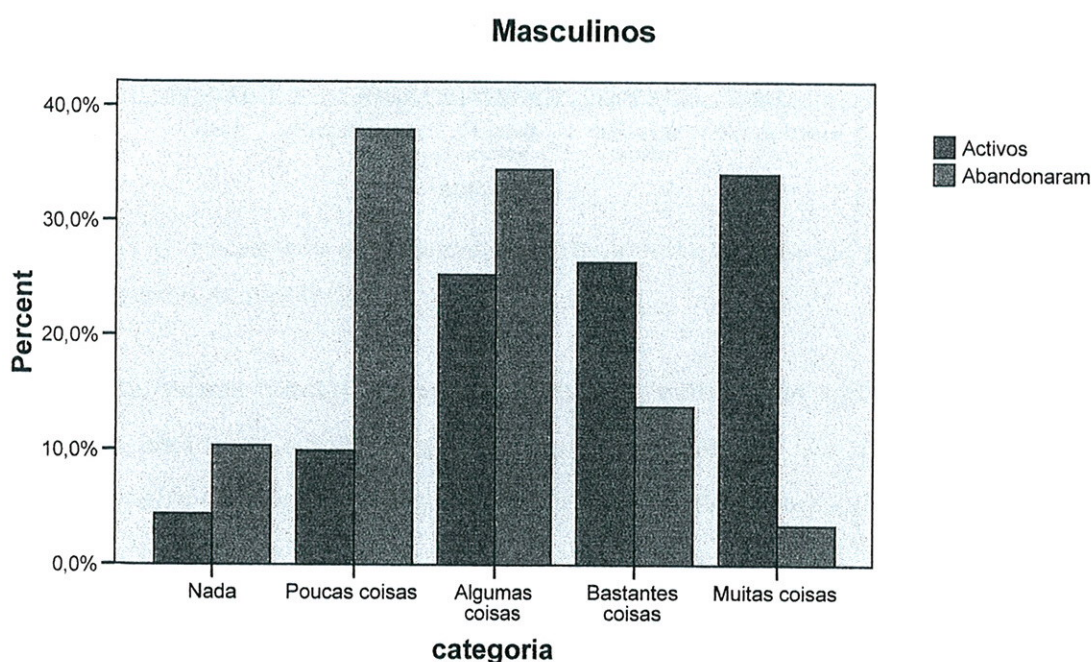


Figura 20. Percentagens das respostas dos atletas activos e daqueles que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO4.

Podemos verificar claramente essas diferenças nas categorias poucas coisas e muitas coisas. Na primeira são os atletas que já abandonaram que têm uma percentagem de 38% versus 9% e na segunda os activos 35% versus 3%.

Compromisso (CO4)

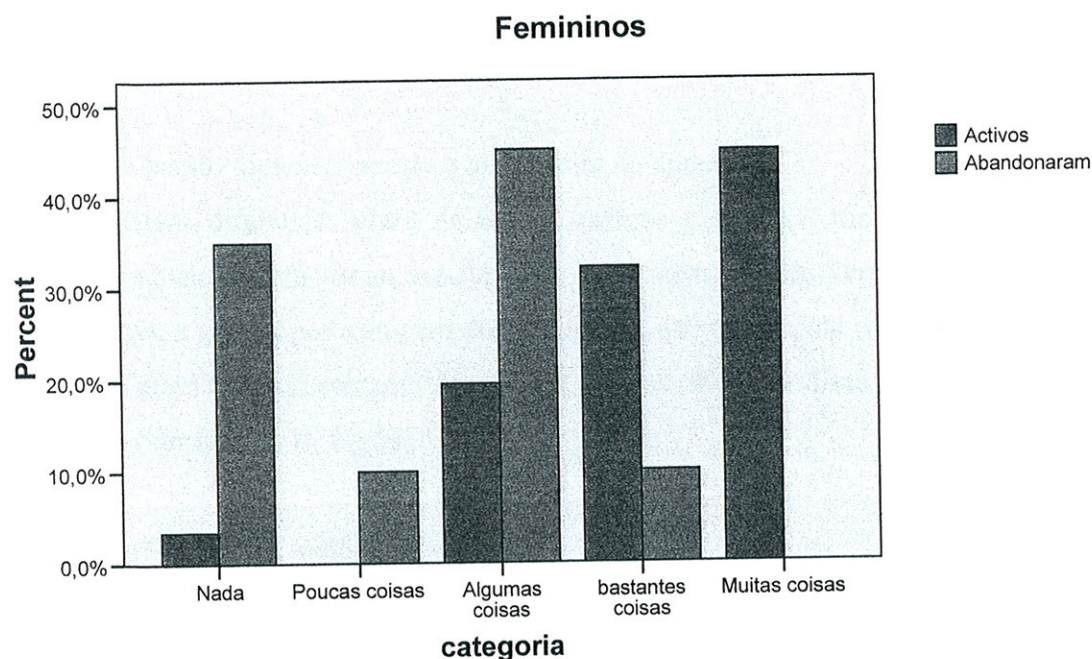


Figura 21. Percentagens das respostas das atletas activas e daquelas que já abandonaram, pelas diferentes categorias, na questão CO4.

Nesta mesma questão existem diferenças extremamente significativas entre as atletas que estão no activo e aquelas que abandonaram. As primeiras optaram claramente pelas categorias bastantes coisas e muitas coisas, enquanto que as raparigas que já abandonaram têm uma maior percentagem nas categorias nada e algumas coisas.

Na dimensão Investimentos Pessoais a tabela que se segue ilustra os valores do qui-quadrado, nos quais nos baseamos para comentar as questões.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
I1	p = .012	p = .194	p = .404	p = .217	—
I3	p = .248	p = .255	—	—	p = .010
I4	p = .193	p = .004	p = .022	p = .021	—

Quadro 16. Valores do qui-quadrado para as questões I1, I3, I4 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

I.1. Há quantos anos /épocas praticas andebol?

Nos atletas activos, existem diferenças entre os géneros. As grandes diferenças prendem-se com as categorias 3 a 4 anos e 5 a 6 anos, sendo a percentagem dos rapazes mais elevada na primeira, sucedendo o contrário na segunda. Embora a percentagem seja semelhante nos dois géneros, a partir daí nota-se uma quebra acentuada nos rapazes, o que não acontece com as raparigas (ver anexos II, fig.53).

I.3. Quanto dinheiro investe a tua família no andebol?

Existem diferenças entre os atletas activos e aqueles que abandonaram. Os atletas que abandonaram foram aqueles que investiram menos. Temos a realçar ainda dois aspectos, a grande percentagem dos inquiridos que optou pela categoria nem muito nem pouco e ainda a percentagem dos atletas activos (8%) que disse que investiu muito no andebol (ver anexos II, fig.54).

I.4. Davas o teu melhor no andebol?

Investimentos Pessoais (I4)

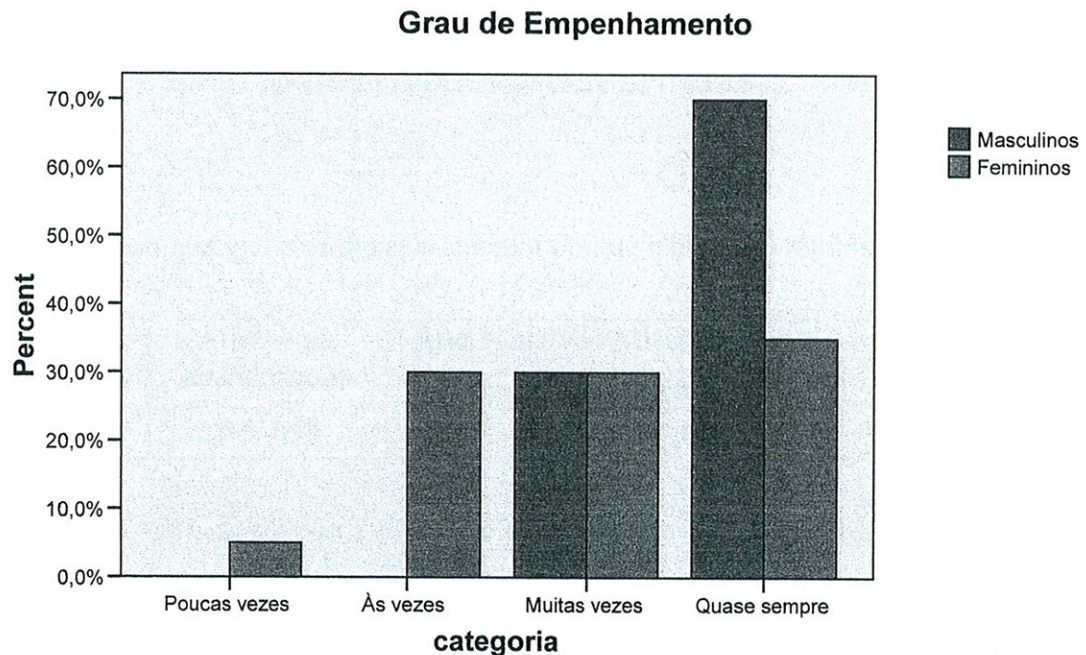


Figura 22. Percentagens das respostas dos atletas que já abandonaram, consoante o género, pelas diferentes categorias, na questão I4.

Os atletas que abandonaram apresentam opiniões diferentes consoante o género. Os rapazes apresentam um forte empenho, pois quase 70% optou pela categoria quase sempre e o restante muitas vezes. A maioria das raparigas distribui-se homogeneamente pelas categorias às vezes, muitas vezes e quase sempre, sendo que apenas 5% responderam poucas vezes.

Nesta mesma questão, ainda existem diferenças entre os atletas activos e os que abandonaram. Os rapazes que abandonaram são aqueles que têm uma maior percentagem na categoria quase sempre. Este dado pode ser revelador de que os atletas se sentem injustiçados ou sentem que, mesmo com um grau de empenhamento elevado, não conseguem atingir determinados patamares (ver anexos II, fig.55).

Em relação às raparigas, são as activas que apresentam percentagens mais elevadas na categoria quase sempre e muitas vezes. Aqui as raparigas que abandonaram distribuem-se de uma forma homogénea pelas três últimas categorias (ver anexos II, fig.56).

A dimensão Outras Razões foi criada neste estudo com o objectivo de invocar alguns razões que foram enunciadas por atletas que já tinham abandonando a prática do andebol. Como já referimos anteriormente a questão O6 foi a única que foi colocada a todos os inquiridos e apenas apresentou diferenças entre os rapazes que abandonaram e os activos.

O.6. Eu penso que vou abandonar o andebol porque não ganho muitos jogos.

	Atletas activos	Atletas que abandonaram	Atletas activos/Atletas que abandonaram		
			Masculinos	Femininos	Todos
O6	p = .064	p = .058	p = .048	p = .381	———

Quadro 17. Valores do qui-quadrado para a questão O6 dos atletas activos e dos que abandonaram em relação ao género.

Curiosamente são os atletas que abandonaram que mais discordam desta afirmação (98%) e ainda são os atletas activos que apresentam uma percentagem maior de concordância (ver anexos II, fig.57).

As restantes questões desta dimensão apresentam uma discordância quase unânime. Portanto não nos parece que tenham sido a causa do abandono destes atletas.

Por último iremos analisar as respostas à questão relacionada com os familiares ligados ao andebol. Assim verificámos que apenas existiram diferenças significativas entre os atletas que estão no activo e aqueles que abandonaram, $p = .027$. Os primeiros apresentam percentagens, na categoria, não, de 59% enquanto que os segundos ficaram muito próximos dos 80%. Na categoria, sim, são os activos que apresentam percentagens superiores, 41% versus 22% (ver anexos II, fig.58).

3. Apresentação e Discussão dos Resultados em Função do Modelo de Análise

Depois de termos feito uma análise muito específica e comparativa dos questionários passaremos a apresentar e discutir os resultados em função do modelo do compromisso desportivo. Assim, todas as questões foram analisadas em função das questões do Compromisso.

Na base de dados dos activos foram retirados dois atletas que não responderam a nenhuma questão do Compromisso.

Utilizámos o mesmo critério de apresentar e discutir os dados cujos valores do qui-quadrado fossem significativos.

Depois de uma análise geral dos resultados chegámos à conclusão que deveríamos apresentar os dados de uma forma diferenciada, apresentando o modelo para os atletas activos e para os atletas que abandonaram. Não separámos por género já que esta variável não foi significativa em nenhum dos casos.

De seguida apresentaremos uma tabela com todos os valores que foram significativos aquando do teste do qui-quadrado.

Atletas activos	Masc.	Fem.
C5/gen./Compromisso	* —	p=.001
C6/gen./Compromisso	p<.000	p=.008
A3/gen./Compromisso	p=.004	* —
AE2/gen./Compromisso	p<.000	p<.000
AE3/gen./Compromisso	* —	p=.002
AE4/gen./Compromisso	p=.043	* —
AE5/gen./Compromisso	p=.041	* —
AE6/gen./Compromisso	p=.039	* —
R1/gen./Compromisso	* —	p<.000
R2/gen./Compromisso	* —	p=.036
R3/gen./Compromisso	p<.000	* —
R5/gen./Compromisso	p=.033	p=.016
CS5/gen./Compromisso	p=.019	* —
I2/gen./Compromisso	p=.001	* —
I4/gen./Compromisso	p=.043	p=.019
O6/gen./Compromisso	* —	p=.001

Quadro 18. Valores do qui-quadrado significativos dos atletas activos em relação ao género e ao compromisso. (* estes valores encontram-se em anexos e não são significativos).

Depois de feita a regressão ordinal, utilizando para cada modelo as variáveis que estão no quadro anterior, concluímos que aquelas que contribuíram para prever o Compromisso, para os atletas activos foram a Percepção de Competência e a Percepção de Relação com os Outros.

De seguida apresentaremos o quadro com os respectivos valores.

Componentes	V. qui-quadrado	Coefficiente de regressão	r ² ajustado
P. Competência	p <.000	.181	0,52
P. Relação c/ Outros	p = .001	.666	

Quadro 19. Valores do qui-quadrado, dos coeficientes de regressão e r² ajustado dos atletas activos.

Podemos assim dizer que a Percepção de Competência e a Percepção de Relação com os Outros explica 52% do compromisso dos atletas activos com o andebol.

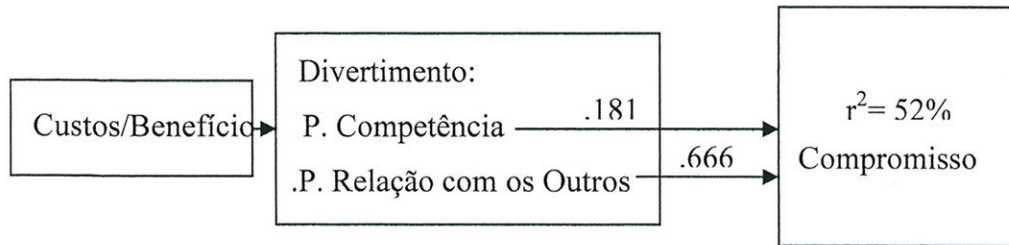


Figura 23. Modelo do compromisso desportivo para os atletas activos.

Analisando o nosso modelo a luz da teoria do intercâmbio social, de Thibaut e Kelley (1959), podemos dizer que os benefícios adquiridos pelos atletas na sua experiência desportiva foram superiores aos custos, já que os atletas não abandonaram a sua actividade e apenas expressaram o seu compromisso através da sua variável atractiva, como seja o Divertimento.

A compreensão do fenómeno do abandono passa necessariamente por um cruzamento de teorias e comparação de paradigmas afins de decidir qual é que melhor poderá explicar o abandono (Sarrazin e Guillet, 2000). Por vezes só essas pontes entre as teorias conseguem obter a diversidade dos factores e processo implicados neste fenómeno. Isto para explicar que sentimos necessidade de o fazer neste estudo.

O facto da Percepção de Competência ter predito o compromisso leva-nos a explorar outra teoria, a da motivação para a competência de Harter (1978, 1981). Assim, uma tarefa de mestria bem sucedida leva o sujeito a formar uma percepção de competência positiva naquele domínio de realização, advindo esta como uma experiência positiva, elevando a motivação intrínseca e provocando um maior empenho e continuidade na actividade. O atleta tem uma perspectiva de que a mestria e a aprendizagem são tidas como importantes na obtenção de sucesso e no desempenho das tarefas. Este comportamento foi definido por Duda *et al.* (1989) como envolvimento na tarefa e foi designado para definir os objectivos de realização.

Parece-nos interessante realçar também a teoria da auto-determinação (Deci e Ryan, 1985, 1991, 2000) para melhor compreender o nosso modelo. Assim estes autores concluíram que se as necessidades fundamentais de autonomia, competência e relação

com os outros forem satisfeitas então existirá um aumento da satisfação e do divertimento. No caso do nosso modelo duas delas foram satisfeitas o que consequentemente contribuiu para que estes atletas não tivessem abandonado.

Na revisão de literatura, nomeadamente na pesquisa descritiva sobre a motivação desportiva, encontramos muitos estudos (Alderman e Wood (1976); Alderman (1978); Sapp e Hauberst (1978); Brustad (1993); Griffin (1978); Fry, McClements e Sefton (1981); Robertson (1981); Petlichkoff (1982); Gould *et al.* (1982); Klint e Weiss (1987); weiss e Petlichkoff (1989); Petlichkoff (1992); Weinberg e Gould (1995); Cruz *et al.* (1988); Fonseca e Soares (1995)) que apontam para as variáveis que mais motivaram os atletas para continuarem a praticar desporto. Em muitos deles, os resultados coincidem com os encontrados para os atletas activos, neste estudo. Todos estes autores, de diferentes pontos do mundo, em estudos com modalidades diferentes, com amostras diferentes e níveis desportivos variados, chegaram à conclusão que o divertimento, o desenvolvimento de competências e a relação com os outros (afiliação), são tidas como as variáveis muito importantes para motivar e promover a continuidade dos atletas na prática desportiva.

Depois de analisar as componentes que mais contribuíram para explicar o compromisso dos jovens activos com o andebol, passaremos a analisar o modelo e as componentes que definem o compromisso que tinham os andebolistas que abandonaram.

Utilizámos os mesmos procedimentos estatísticos para este grupo de atletas.

Atletas que abandonaram	Mas.	Fem.
C1/gen./Compromisso	p=.034	* _____
C5/gen./Compromisso	p=.052	* _____
C6/gen./Compromisso	p=.015	* _____
A3/gen./Compromisso	p=.026	* _____
A4/gen./Compromisso	p=.011	* _____
A5/gen./Compromisso	p=.011	* _____
R5/gen./Compromisso	p=.050	* _____
R4/gen./Compromisso	p=.006	* _____
CS1/gen./Compromisso	p=.012	* _____
CS3/gen./Compromisso	p<.000	p=.005
I1/gen./Compromisso	* _____	p=.001
I2/gen./Compromisso	* _____	p=.048
O1/gen./Compromisso	* _____	p=.004
O2/gen./Compromisso	p=.007	* _____
O5/gen./Compromisso	* _____	p=.004
TJ/gen./Compromisso	* _____	p=.051

Quadro 20. Valores do qui-quadrado significativos dos atletas que abandonaram em relação ao género e ao compromisso (* estes valores encontram-se em anexos e não são significativos).

Chegamos às seguintes conclusões: as variáveis que contribuíram para prever o Compromisso foram os Constrangimentos Sociais, a Relação com os Outros e os Investimentos Pessoais, nomeadamente o número de anos e o número de horas de treino.

De seguida apresentaremos o quadro com os respectivos valores.

Componentes	V. qui-quadrado	Coefficiente de regressão	r ² ajustado
Constran. Sociais	p < .000	.810	0.876
P. Relação c/ Outros	p < .000	.215	
I1 (nº de anos)	p < .000	-.199	
I2 (nº h. treino)	p < .000	.431	

Quadro 21. Valores do qui-quadrado, dos coeficientes de regressão e r² ajustado dos atletas que abandonaram.

Os Constrangimentos Sociais, a Percepção de Relação com os Outros e os Investimentos Pessoais (I1 e I2), explicam 87,6% do Compromisso que os atletas que abandonaram tinham com o andebol.

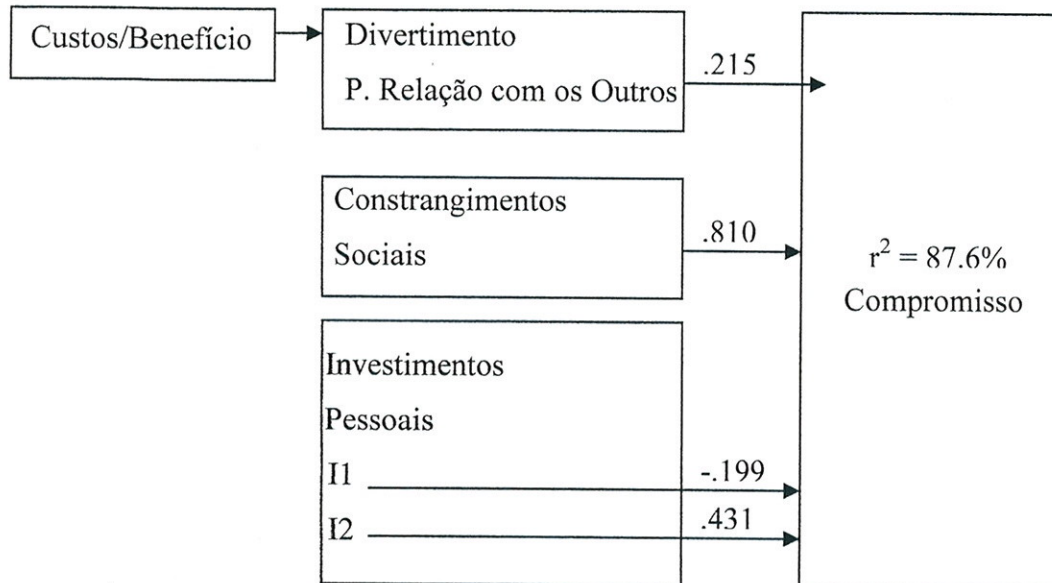


Figura 24. Modelo do Compromisso Desportivo para os atletas que abandonaram.

De acordo com o modelo do compromisso desportivo de Scanlan *et al.* (1993b) baseado na teoria do intercâmbio social de Thibaut e Kelley (1959), o mais imediato predictor do actual comportamento de abandono ou de continuação numa actividade é o nível de subjectividade do compromisso. De uma forma abrangente, os primeiros autores citados dizem que níveis baixos do compromisso estão relacionados com níveis altos de abandono.

Kelley (1983) argumenta que o comportamento de ficar ou abandonar é uma consequência do compromisso, mais do que um indicador do compromisso.

Então que tipo de variáveis contribuíram para explicar esta relação compromisso/abandono? Na dimensão Divertimento, apenas a Percepção de Relação com os Outros foi determinante, ou seja, os atletas que abandonaram sentiam que retiravam benefícios através da sua experiência desportiva porque tinham uma boa relação com os outros. No entanto, essa percepção não foi suficiente para que continuassem a praticar andebol.

Os Constrangimentos Sociais são a dimensão que mais explica o Compromisso destes jovens atletas com o andebol, pois é aquela que é mais significativa. Scanlan *et al.* (1993b) designaram os Constrangimentos Sociais como sendo as expectativas ou normas sociais que criam sentimentos de obrigatoriedade para manter-se numa actividade.

Em alguns estudos (Scanlan, 1993; Guillet *et al.*, 2002) os Constrangimentos Sociais aparecem-nos com coeficientes de regressão negativos, o que sugere que houve uma reacção a este sentimento de obrigatoriedade e por isso ocorreu o stress, pelo facto dos jovens sentirem-se pressionados para participarem. No entanto, no nosso estudo, isso não acontece. Este facto pode indiciar que os jovens mantiveram-se durante algum tempo no andebol para estar com os amigos e /ou com o treinador, já que a Relação com os Outros também é explicativa do Compromisso, sem que isso lhes tivesse criado pressão, ou sentimentos de obrigatoriedade suficientemente fortes para que se mantivessem no andebol.

Os Investimentos Pessoais, nomeadamente o número de anos, aparece-nos com um coeficiente de regressão negativo. Isto poderá querer dizer que quantos mais anos se mantiveram no andebol, menos se comprometeram com a modalidade. Apesar desta variável não contribuir de forma positiva para explicar o compromisso, o número de horas de treino foi favorável. A leitura que podemos fazer é que os atletas investiram em termos de tempo na modalidade, mas ao longo dos anos as suas expectativas não foram alcançadas. Isso criou-lhes alguns sentimentos negativos e até de injustiça, como já atrás verificámos, aquando da análise mais pormenorizada dos questionários.

Vários investigadores testaram o modelo do compromisso, em diferentes modalidades, no entanto as técnicas estatísticas utilizadas foram diferentes daquelas usadas no nosso estudo. Por esse motivo, não comparamos os valores dos coeficientes de regressão nem de r^2 ajustado, apenas limitamo-nos a comparar valores negativos ou positivos, como no caso dos Constrangimentos Sociais.

Capítulo V – Conclusões e Recomendações do Estudo

1. Conclusões

Apresentaremos de seguida as conclusões da nossa investigação, com base nos objectivos traçados para este estudo.

Objectivo 1: Fazer uma análise do sistema desportivo federado, na modalidade de andebol, no período entre 1995 e 2004, no sentido de verificar as alterações sofridas pela modalidade.

Com base na amostra inicial (4721 indivíduos), a taxa média de abandono, por época, nas raparigas foi de 37% enquanto que nos rapazes foi de 33%. No entanto, em ambos os géneros, as taxas têm valores díspares ao longo das épocas, embora sem apresentar qualquer tipo de tendência. Este foi um dos motivos pelo qual tornou-se evidente a necessidade do uso de uma sub-amostra, pois indivíduos com idades próximas têm comportamentos mais semelhantes.

Objectivo 2: Identificar as idades que conduzem a um maior abandono, bem como averiguar se o género constitui uma variável explicativa.

Para concretizar este objectivo utilizámos a sub-amostra (2293 indivíduos). Assim, no caso do género feminino, verificámos que a taxa média de abandono foi de 38% para as atletas que iniciaram a modalidade entre os 10 e os 12 anos e de 44% entre os 13 e os 14 anos. Quanto ao género masculino, a taxa foi de 27% entre os 10 e os 11 anos, de 37% entre os 12 e 13 anos e de 50% entre os atletas que iniciaram com 14 ou 15 anos.

Concluímos assim que a taxa média de abandono, por época, sobe à medida que aumenta a idade de entrada dos atletas.

Verificámos também que a percentagem de abandono nas primeiras épocas é tanto maior quanto maior for a idade de entrada dos atletas.

De acordo com os resultados quer da análise descritiva quer da análise de sobrevivência, tendo em conta o número de épocas, pudemos concluir que o género não constituía uma variável explicativa do fenómeno que queremos estudar. No entanto, com base na idade de abandono, já notámos alguma diferença. Esta última observação não entra em contradição com a anterior: no primeiro caso estávamos a considerar quantas épocas o atleta se mantinha na modalidade, enquanto que no segundo considerámos qual a idade em que abandonava. Significa pois que as raparigas tendem a iniciar mais cedo o andebol, mas também tendem a abandoná-lo mais cedo.

Objectivo 3: Apurar quais as razões que levam os praticantes ao abandono da prática desportiva, na modalidade de andebol e quais são as que levam a se manterem na modalidade.

Através da análise das respostas dadas nos questionários, concluímos que as grandes diferenças entre os praticantes que abandonaram e aqueles que se mantiveram no activo, são as respostas às questões da dimensão Compromisso. Assim, os atletas activos apresentaram percentagens mais elevadas nas categorias muitíssimo dedicado/determinado, muitíssimo difícil e muitas coisas. Isto quer dizer que os atletas que estavam no activo eram mais comprometidos com o andebol.

Na Percepção de Competência, na questão C2, foram os atletas que abandonaram que apresentaram percentagens muito superiores na categoria concordo totalmente. Estes rapazes sentiam que faziam parte do grupo dos melhores jogadores da equipa, ou pelo menos tinham essa percepção. Então porque abandonaram? Será que se sentiram injustiçados ou subvalorizados?

Em termos gerais, os dois grupos têm a percepção que não estagnaram tecnicamente e melhoraram taticamente no andebol. No entanto, são os atletas que abandonaram que discordam mais da primeira questão e concordam mais com a segunda. No geral todos acham que aprenderam coisas novas no andebol.

Na componente de Autonomia são os atletas que abandonaram que se sentiram mais livres para fazerem o que querem e para se exprimir como querem.

Na componente Relação com os Outros todos os atletas inquiridos apresentaram uma boa relação com os Outros, já que existe uma tendência clara para concordarem com as afirmações.

Nas questões da Percepção de Progresso, tanto os activos como os que abandonaram apresentam-se satisfeitos com o trabalho do treinador em relação ao progresso dos atletas. Poderá ser útil educar os treinadores para o impacto dos seus comportamentos nas motivações dos atletas (Vallerand e Loseir, 1999). Um elemento chave poderá ser encorajar os treinadores a utilizar um clima direccionado para a tarefa, no sentido de ajudar os atletas a centrar-se em dimensões de mestria de actividade e não em dimensões extrínsecas.

No Suporte dado pelo Treinador são os atletas que abandonaram que discordaram mais quanto ao facto do treinador dar mais atenção às vedetas da equipa e são eles que sentiram menos pressão competitiva, imposta pelo treinador.

No Tempo de Jogo os dois grupos apresentaram percentagens muito elevadas na categoria Quase sempre.

Nas Alternativas do Envolvimento, apesar de grande parte dos inquiridos não se sentir atraído por outras actividades, existe uma percentagem de atletas que abandonaram que optaria por fazer outras coisas.

Nos Constrangimentos Sociais, em termos gerais, os atletas inquiridos não têm preocupações em agradar os pais ou/e os treinadores, apesar da tendência para agradar ao treinador ser ligeiramente superior. Não existiram sentimentos de obrigatoriedade nesta amostra (activos/ abandonaram). Os atletas que abandonaram não sentiram pressão, logo o Compromisso diminuiu.

Nos Investimentos Pessoais e especificamente no grau de empenhamento são os rapazes que abandonaram que tiveram maiores percentagens na categoria quase sempre.

Este dado poderá ser revelador de que os jovens abandonaram porque sentiam-se injustiçados ou porque sentiram que mesmo com um grau de empenhamento elevado não conseguiam atingir determinados patamares.

Tanto os atletas activos como aqueles que já abandonaram discordaram totalmente na questão referente à causa do abandono ser o não ganhar jogos. Isto pode ser um indicativo de que o sucesso foi definido, pelo treinador, como sendo o melhoramento pessoal, ao contrário de enfatizar a vitória.

Os atletas activos tinham mais familiares ligados ao andebol do que aqueles que abandonaram.

Muito importante é estabelecer como prioridades dos treinadores e de outros líderes desportivos a criação de um envolvimento social que permita que os atletas alcancem os seus motivos de participação. Especificamente, temos de assegurar que as expectativas dos atletas relacionados com o Progresso, Relação com os Outros, Competência, Autonomia, e Suporte dado pelo treinador sejam alcançados, se quisermos que o Divertimento e o correspondente Compromisso sejam altos e que os atletas continuem envolvidos.

Objectivo 4: Testar o modelo do compromisso desportivo para o andebol federado da R.A.M.

Depois de analisar os resultados chegámos à conclusão que deveríamos tratar os dados separadamente. Assim o nosso modelo de análise foi testado para os atletas activos e para os atletas que já tinham abandonado, ficando este estudo com dois tipos de informação que se complementam. O género não foi significativo para nenhuma das análises.

Os resultados obtidos através do modelo dos activos revelaram que os andebolistas comprometeram-se com a modalidade porque sentiram-se Competentes e com uma boa Relação com os Outros. Isso proporcionou-lhes Divertimento e Satisfação, o que fez com que os atletas percebessem que os benefícios adquiridos na sua experiência desportiva eram superiores aos custos e por isso continuavam a praticar andebol.

No caso do modelo para os atletas que abandonaram, os resultados revelaram que o compromisso destes atletas com o andebol era explicado através dos

Constrangimentos Sociais, da Percepção de Relação com os Outros e através dos Investimentos Pessoais, nomeadamente o número de anos e número de horas de treino.

Podemos concluir que os atletas não sentiram qualquer tipo de pressão (dos pais ou/e dos treinadores) ou sentimentos de obrigatoriedade para manter-se no andebol e abandonaram. Parece-nos que a Relação com os Outros (colegas de equipa) foi o motivo que os fez ficar durante alguns anos. Embora isso lhes tenha causado algum stress ou pressão, já que o número de anos aparece com um coeficiente de regressão negativo.

Os resultados sugerem que a integração da teoria da auto-determinação e da teoria do intercâmbio social representa um potencial promissor.

2. Recomendações

No decorrer do presente estudo fomos confrontados com algumas questões que nos sugerem um contributo para complementar e aprofundar a investigação neste domínio.

Como sabemos, uma das grandes dificuldades dos estudos sobre o abandono desportivo é conseguir encontrar os atletas que já abandonaram e que estejam disponíveis para participarem na amostra. Pensamos que uma das hipóteses é trabalhar no campo da prevenção. Sabendo que a investigação a nível da atitude revela que as intenções representam um predictor muito próximo do comportamento a tomar, (Ajzen e Fishbeim, 1980; Ajzen, 1985, 1996; Eagly e Chaiken, 1993) conseqüentemente, a intenção de desistir de uma modalidade desportiva, guia para comportamentos de abandono. Logo se aplicássemos o questionário a todos os atletas que estão no activo, no início de uma época, conseguiríamos averiguar quais apresentavam comportamentos ou intenções que levassem ao posterior abandono.

A nossa intervenção seria ao longo da época, de forma a minimizar as intenções de abandono. É obvio que operacionalizar este processo não seria fácil em tão curto espaço de tempo e sem uma equipa multidisciplinar no terreno. Outra desvantagem deste tipo de intervenção é o questionário deixar de ser anónimo.

No entanto, existem factores que são completamente externos aos atletas e por isso, impossíveis de controlar, como sejam as lesões, as mudanças de residência ou mesmo a lei de transferências.

Outra recomendação é utilizar este tema para investigar outras modalidades ou no caso do andebol fazê-lo a nível do País, com base em outras Associações, ou ainda especificar o estudo em relação ao género feminino, já que sabemos que o andebol carece de raparigas.

Uma questão que se colocou durante a realização deste trabalho foi a comparação dos resultados com outros estudos. Em próximas investigações deste género, aconselhamos para tratamento estatístico do modelo do compromisso desportivo o modelamento das equações estruturais (MES) (Bentler, 1989), já que este programa junta duas técnicas estatísticas muito fortes, que é a análise factorial e a regressão.

Referências Bibliográficas

- Ajzen, I. (1985). From Intentions to actions: a theory of Planned Behavior. *Action-control: From Cognition to Behavior*, 11-39.
- Ajzen, I. (1996). The directive influence of attitudes on behavior. *Psychology of Action*, 385-403.
- Ajzen, I. e Fishbein, M. (1980). *Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior*. Prentice Hall: Englewood Cliffs, NJ.
- Alderman, R. (1978). Strategies for motivating young athletes. *Sport Psychology*, 136-148.
- Alderman, R. e Wood, N. (1976). An analysis of incentive motivation in young Canadian athletes. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 1, 169-176.
- Ames, C. (1984 a). Conceptions of motivation within competitive and noncompetitive goal structures. *Self related cognitions in anxiety and motivation*, 205-241.
- Ames, C. (1992). Achievement goals. Motivational climate, and motivational processes. *Motivation in Sport and exercise*, 161-175.
- Barnett, N.; Smoll, F. e Smith, R. (1992). Effects of enhancing coach-athlete relationships on youth sport attrition. *The Sport Psychologist*, 6, 111-127.
- Becker, S. (1960). Notes on concept of commitment. *American Sociological Review*, 66, 32-40.
- Bentler, P. (1980). Multivariate analysis with latente variables: Causal Modeling. *Annual Review of Psychology*, 31, 419-456.
- Bentler, P. (1989). *EQS: Structural equations manual*. Los Angeles, CA: BMDP Statistical Software.

- Biddle, S. (1993). Attribution research and sport psychology. In *Handbook of research on sport psychology*, 437 – 464.
- Blais, M.; Vallerand, R. e Lachance, L. (1990). Predicting physical activity intentions using goal perspectives and self-determination theory approaches. *European Psychologist*, 4, 83-89.
- Brickman, P. (1987). *Commitment, conflict, and caring*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
- Brodkin, P. e Weiss, M. (1990). Developmental differences in motivation for participating in competitive swimming. *Journal of Sport e Exercise Psychology*, 12, 248-264.
- Brown, B. (1985). Factors influencing the process of withdrawal by female adolescents from the role of competitive age group swimmer. *Sociology of Sports Journal*, 2, 111-129.
- Brown, B.; Frankel, B. e Fennell, M. (1989). Hugs or shrugs: Parental and peer influence on continuity of involvement in sport by female adolescents. *Sex Roles*, 20, 397-412.
- Brustad, R. (1993). Youth in sport: Psychological considerations. In *Handbook of research on sport psychological*, 695-717.
- Bui, K.; Peplau, L. e Hill, C. (1996). Testing the Rusbult model of relationship commitment and stability in 15 year study of heterosexual couples. *Personality and Social Psychology*, 22, 1244-1257.
- Buonamano, R.; Cei, A. e Mussino, A. (1995). Participation motivation in Italian youth sport. *The Sport Psychologist*, 9, 265-281.
- Burton, D. (1988). The dropout dilemma in youth sport: Documenting the problem and identifying solutions. *Youth Athletes*, 244-266.

- Burton, D. e Martens, R. (1986). Pinned by their own goals: An exploratory investigation into why kids drop out wrestling. *Journal of Sport Psychology*, 8, 183-197.
- Byrne, B. (1994). Structural equation modeling with EQS and EQS/Windows. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Carpenter, P. e Coleman R. (1998). A longitudinal study of elite youth cricketers commitment. *International Journal of Sport Psychology*, 29, 195-210.
- Carpenter, P.; Scanlan, T.; Simons, J. e Lobel, M. (1993). A test of the sport commitment model using structural equation modeling. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 119-133.
- Coakley, J.(1993). Social dimensions of intensive training and participation in youth sports. *Intensive Participation in Children`s Sport*, 77-94.
- Connell, J. e Wellborn, J. (1991). Competence, autonomy, and relatedness: a motivational analysis of self-system processes. In *Self Processes in Development: Minnesota Symposium on Child Psychology*, 43-77.
- Correia, A. (1999). Dinâmicas na formação da estratégia organizacional. *Ludens*, 16 (2), 65-70.
- Costa, R. (1991). Factores de motivação dos jovens praticantes de voleibol: Estudo exploratório da diferença entre sexos no escalão etário 12-14. Trabalho não publicado. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Cruz, J. (1986). Avaliação psicológica na selecção regional. *Relatório do estágio das selecções regionais*. Braga: Associação de Andebol de Braga.
- Cruz, J. (1996). Stress, ansiedade e rendimento na competição desportiva. Braga, *Centro de Estudos em Educação e Psicologia*: Universidade do Minho.

- Cruz, J. e Costa, F. (1988). Motivação para a prática do voleibol e razões para o abandono. Trabalho não publicado. Braga: Universidade do Minho.
- Cruz, J. e Costa, F. (1997). Motivação para a competição desportiva e razões para o abandono. In *Actas do I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto a à Actividade Física*, 221-233.
- Cruz, J.; Costa, F.; Rodrigues, R. e Ribeiro, F. (1988). Motivação para a competição e prática desportiva. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2), 113-124.
- Cruz, J.; Costa, F. e Viana, M. (1995). Avaliação da motivação para a competição desportiva: Estudo preliminar dos motivos para a prática e das razões para o abandono. *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol.III). Braga: APPORT – Associação dos Psicólogos portugueses.
- Cruz, J. e Cunha, A. (1990). Avaliação psicológica. *Sete Metros*, 7 (38), 52-56.
- Cruz, J.; Pedrosa, J.; Oliveira, M. e Gonçalves, T. (1993). Motivação para a prática do futebol em diferentes níveis de competição. *Relatório de Investigação*, 12.
- Deci, E. e Ryan, R. (1985). *Intrinsic motivation and Self-determination in human behavior*. New York: Plenum Press.
- Deci, E. e Ryan, R. (1991). A motivational approach to self: Integration in personality. *Nebraska symposium on motivation*, 38, 237-288.
- Deci, E. e Ryan, R. (2000). The what and why of goal pursuits: Human needs and self-determination of behaviour. *Psychological Inquiry*, 11, 227-268.
- Dishman, R.; Sallis, J. e Orenstein, D. (1985). The determinants of physical activity and exercise. *Public Health Reports*, 100, 158-171.
- Duda, J. (1989). Goal perspectives and behavior in sport and exercise setting. *Advances in Motivation and Achievement*, 6, 81-115.

- Duda, J. (1993). Goals: A social-cognitive approach to the study of achievement motivation in Sport. In *Handbook of research on sport psychology*, 421-436.
- Duda, J. (2001). Achievement goal research in sport: pushing the boundaries and clarifying some misunderstandings. *Advances in Motivation in Sport and Exercise*, 129-182.
- Duda, J. e Hall, H. (2000). Achievement goal theory in Sport: recent extensions and future directions. In *Handbook of Sport Psychology*, 417-443.
- Duda, J. e Nicholls, J. (1989). Dimensions of achievement motivation in schoolwork and Sport: Situational specificity or general traits. Unpublished manuscript.
- Duda, J. e Whitehead, J. (1998). Measurement of goal perspectives in the physical domain. *Advances in Sport and Exercise Psychology Measurement*, 21-48.
- Duffy, S. e Rusbult, C. (1986). Satisfaction and commitment in homosexual and heterosexual relationships. *Journal of Homosexuality*, 12, 1-23.
- Dweck, C. (1986). Motivational processes affecting learning. *American Psychologist*, 41, 1040 – 1048.
- Dweck, C. e Elliott, E. (1983). Achievement motivation. In *Handbook of child psychology*, 4, 643 – 691.
- Eagly, A. e Chaiken, S. (1993). *The Psychology of Attitudes*. Harcourt Brace Jovanovich: Fort Worth, PA.
- Elliott, E. e Dweck, C. (1988). Goals: An approach to motivation and achievement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 5 – 12.
- Ewing, M. (1981). Achievement orientations and sport behavior of males and females. Unpublished doctoral dissertation, University of Illinois: Urbana-Champaign.

- Farrell, D. e Rusbult, C. (1981). Exchange variables as predictors of job satisfaction, job commitment, and turnover: the impact of rewards, costs, alternatives, and investments. *Organizational behavior and human performance*, 27, 78-95.
- Feltz, D.; Gould, D.; Horn, T. e Weiss, M. (1982). Perceived competence among youngswimmers and dropouts. *Paper presented at the meeting of the North American Society for the Psychology of Sport and Physical Activity*, College Park, MD.
- Feltz, D. e Petlichkoff, L. (1983). Perceived competence among inter-scholastic sport participants and dropouts. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 8, 231-235.
- Fernandes, V. (1991). Saber acabar. *Revista Treino Desportivo*, 21, 12-18.
- Fonseca, A. (1995). Motivos para a prática desportiva: Investigação desenvolvida em Portugal. *Agon*, 1, 49-62.
- Fonseca, A. e Fontainhas, M. (1993). Participation motivation in portuguese competitive gymnastic. In *Congresso mundial de ciências de la actividad física y el deporte*, 10-13.
- Fry, M. e Duda, J. (1997). A Developmental examination of children's understanding of effort and ability in the physical and academic domains. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 68, 331-344.
- Fry, M.; McClements, J. e Sefton, J. (1981). *A report on participation in the Saskatoon Hockey Association*. Saskatoon, Canada: Sask Sport.
- Gill, D.; Gross, J. e Huddleston, S. (1981). Participation motivation in youth sports. *Psychology of motor behavior and Sport*, 111.
- Gonçalves, C. (1996). Youth sport in Europe – Portugal, *Youth Sport*, 193-203.

- Gould, D. (1983). Future directions in youth sport participation research. *Psychology of sport and motor behavior: Research and practice*. Edmonton, Canada: University of Alberta Faculty of Physical Education and Recreation.
- Gould, D. (1987). Understanding attrition in children's sport. *Advances in pediatric sport sciences*, 61 – 85.
- Gould, D.; Feltz, D. e Weiss, M. (1985). Motives for participating in competitive youth swimming. *International Journal of Sport Psychology*, 16, 126 – 140.
- Gould, D.; Feltz, D.; Horn, T. e Weiss, M. (1982). Reasons for discontinuing involvement in competitive youth swimming. *Journal of Sport Behavior*, 5, 155-165.
- Gould, D.; Feltz, D.; Weiss, M. e Petlichkoff, L. (1982). Participation motivation and attrition in young athletes. *Children in Sport*, 3, 161-178.
- Gould, D. e Horn, T. (1984). Participation motives in young athletes. *Psychological Foundations of Sport*, 359-370.
- Gould, D. e Petlichkoff, J. (1988). Participation motivation and attrition in young athletes. *Children in Sport*, 3, 161-178.
- Gould, D.; Wilson, C.; Tuffey, S. e Lochbaum, M. (1993). Stress and the youth athlete: The child perspective. *Pediatric Exercise Sciences*, 5, 286-297.
- Griffen, L. (1978). Why children participate in youth sports. Trabalho apresentado na *American Alliance for Health. Physical Education, Recreation and Dance*, Kansas City, Missouri.
- Guillet, E. e Sarrazin, P. (1997). Abandon et investissement chez les joueuses de handball. Dropout and persistence in female handballers. Unpublished manuscript, University of Grenoble, France.

- Guillet, E.; Sarrazin, P. e Cury, F. (2000). L'abandon sportif de l'approche descriptive aux modeles interactionnistes. *Science et Motricité*, 41, 47-60.
- Guillet, E.; Sarrazin, P.; Carpenter, P.; Trouilloud, D. e Cury F. (2002). Predicting persistence or withdrawal in female handballers with social Exchange theory. *Internacional Journal of Psychology*, 37 (2), 92-104.
- Harter, S. (1978). Effectance motivation reconsidered. *Human Development*, 21, 34-64.
- Harter, S. (1981). The development of competence motivation in the mastery of cognitive and physical skills: Is there still a place for joy? *Psychology of motor behavior and Sport*, 3-29.
- Harter, S. (1988). The self-perception profile for adolescents. Unpublished manuscript, University of Denver.
- Horn, T. (1987). The influence of teacher-coach behavior on the psychological development of children. *Pediatric Sciences*, 2, 121-142.
- Johns, D.; Lindner, P. e Wolko, D. (1990). Understanding attrition in female competitive Gymnastics. *Sociology of Sport Journal*, 7 (2), 154-171.
- Longhurst, K. e Spink, K. (1987). Participation motivation of australian children involved in organized sport. *Canadian Journal of Sport Sciences*, 12, 24-30.
- Kelley, H. (1983). Love and commitment. *Close relationships*, 265-314.
- Klint, K. e Weiss, M. (1986). Dropping in and dropping out: Participation motives of current and former youth gymnasts. *Journal Canadien des Sciences Appliquées au Sport*, 11, 106-114.
- Klint, K. e Weiss, M. (1987). Perceived competence and motives for participating in youth sports. A test of Harter's competence motivation theory. *Journal of Sport Psychology*, 9, 55-65.

- Lindner, K.; Johns, D. e Butcher, J. (1991). Factors in withdrawal from youth sport: A proposed model. *Journal of Sport behavior*, 14, 4-18.
- Losier, G.; Vallerand, R. e Blais, M. (1993). Construction et validation de L'échelle des perception de compétence dans les domaines de vie. *Sciences et comportement*, 23, 1-16.
- Maehr, M. e Braskamp, L. (1986). The motivacional factor. *A theory of personal investment*. Lexington, MA: Lexington Books.
- Maehr, M. e Nicholls, J. (1980) – Culture and achievement motivation: A second Look. *Studies in cross-cultural psychology*, 221-267.
- Marivoet, S. (2002). A oferta desportiva está demasiada virada para a competição. *Revista Desporto*, Maio/Junho, Centro de estudos e formação.
- Meuris, G. (1977). Contribution à l' étude des motivations sportives chez les jeunes. *Internacional Journal of Sport Psychology*, 8, 103-118.
- Nicholls, J. (1981). Striving to demonstrate and develop ability: *A theory of achievement motivation*. Unpublished manuscript, Purdue University, West Lafayette, IN.
- Nicholls, J. (1984a). Achievement motivation: Conceptions of ability subjective experience, task choice, and performance. *Psychological Review*, 91, 328-346.
- Nicholls, J. (1984b). Conceptions of ability and achievement motivation. *Research on motivation in education*, Vol. 1.
- Nicholls, J. (1989). The competitive ethos and democratic education. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Ntoumanis, N. e Biddle, S. (1999). A review of motivational climate in physical activity. *Journal of Sports Sciences*, 17, 643-665.

- Orlick, T. (1973). Children's sport – A revolution is coming. *Canadian Association for Health, Physical Education and Recreation Journal*, January, February, 12-14.
- Orlick, T. (1974). The athletic dropout – a high price of inefficiency. *Canadian Association for Health, Physical Education and Recreation Journal*, November, December, 21-27.
- Orlick, T. e Botterill, C. (1975). Every kid can win. Young athletes perceptions of their coaches. *Internacional Journal of Physical Education*, 27, 9-14.
- Orlick, T. e Pang (1986). Life after sport. *Psyching for sport, mental training of athletes*, 169- 176.
- Pelletier, L. e Otis, N. (2001). Constrction et validation de L'échelle des Comportements Interpersonnels. Manuscript submitted for publication.
- Pelletier, L. e Vallerand, R. (1993). Une perspective humaniste de la motivation: les théories de la compétence et de L'autodétermination. *Introduction à la psychologie de la motivation*, 233-280.
- Petlichkoff, L. (1982). Group differences on achievement goal orientations, perceived ability, and level of satisfaction during na atheletic season. *Pediatric Exercise Science*, 5, 12-24.
- Petlichkoff, L. (1992). Young sport participation and withdrawal: Is it simply a matter of fun? *Pediatric Exercise Science*, 4,105-110.
- Petlichkoff, L. (1993a). Coaching children: Understanding the motivational process. *Sport Science Review*, 2, 48-61.
- Petlichkoff, L. (1993b). Group differences on perceived ability, achievement goal orientations, and level of satisfaction during the season. *Pedriatric Exercise Science*, 5, 12-24.

- Pimentel, J. (1939). Estudo sobre a motivação para a prática do basquetebol. Trabalho não publicado, realizado no âmbito da monografia de licenciatura. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Pooley, J. (1981). Dropout from sport: A case study for boys age-group soccer. *Paper presented at the meeting of the American Alliance for Health, Physical Education, Recreation and Dance*, Boston, Ma.
- Ribeiro, A. (1991). Factores motivacionais para a prática de ginástica de trampolins. Trabalho não publicado, realizado no âmbito da monografia de licenciatura. Universidade do Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física.
- Richer, S. e Vallerand, R. (1998). Construction et validation de L'Echelle du sentiment d'Appartenance Sociale (ESAS). *European Review of Applied Psychology/Reveu Européenne de Psychologie Appliquée*, 48, 129-137.
- Roberts, G. (1992). *Motivation in Sport and Exercise*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.
- Roberts, G. (1984). Achievement motivation in children's Sport. *The development of achievement motivation*, 251-282.
- Roberts, G. (1993). Motivation in Sport: Understanding and enhancing the motivation and achievement of children. In *Handbook of Research on Sport Psychology*, 405-420.
- Roberts, G.; Kleiber, D. e Duda, J. (1981). An analysis of motivation in children's sport: The role of perceived competence in participation. *Journal of Sport Psychology*, 3, 206-216.
- Robertson, I. (1981). Children perceived satisfactions and stresses in sport. *Paper presented at the Australian conference on health, Physical Education, and Recreation: Adelaide Austrália*.

- Robinson, T. e Carron, A. (1982). Personal and situational factors associated with dropping out versus maintaining participation in competitive Sport. *Journal of Sport Psychology*, 4, 364-378.
- Robertson, I. (1998). O treinador e o abandono dos jovens praticantes. *Revista Treino Desportivo*, 5, 5.
- Rusbult, C. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172-186.
- Rusbult, C. (1983). A longitudinal test of the investment model: the development of satisfaction and commitment in heterosexual involvement. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101-117.
- Rusbult, C. e Farrell, D. (1983). A longitudinal test of the investment model: The impact of job satisfaction, job commitment, and turnover of variations in reward, costs, alternatives and investments. *Journal of Applied Psychology*, 68, 429-438.
- Ryckman, R. e Hasmmel, J. (1995). Male and female adolescents' motives related to involvement in organized team sport. *Internacional Journal of Sport Psychology*, 26, 383-397.
- Sacadura, J. e Raposo, A. (1994). Os factores que contribuem para o aparecimento dos resultados desportivos de alto nível. *Comunicação do 1.º Congresso de ciências de natação*, Rio de Janeiro, Brasil.
- Sapp, M. e Haubenstricker, J. (1978). Motivacion for joining and reasons for not continuing in youth sport programs in Michigan. *Paper presented at the annual meeting of the American Alliance fpo Health, Physical Educacion, Recreation, and Dance*. Kansas city: Mo.
- Scanlan, T. e Carpenter, P. (1993). Key ingredients to commitment in Sport. *Movement and Sport*, 31-31.

- Scanlan, T.; Carpenter, P.; Lobel, M. e Simons, J. (1993 a). Sources of enjoyment for youth sport athletes. *Pediatric Exercise Science*, 5, 275-285.
- Scanlan, T.; Carpenter, P.; Schmidt, G.; Simons, J. e Keeler, B. (1993 b). An introduction to the sport commitment model. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 1-15.
- Scanlan, T. e Lewthwaite, R. (1986). Social psychological aspects of the competitive sport experience for male youth sport participants-IV: Predictors of enjoyment. *Journal of Sport Psychology*, 8, 25-35.
- Scanlan, T. e Simons, J. (1992). The construct of sport enjoyment. *Motivation in sport and exercise*, 199-215.
- Scanlan, T.; Simons, J.; Carpenter, P.; Schmidt, G. e Keeler, B. (1993 c). The sport commitment model: Measurement development for youth-sport domain. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 15, 16-38.
- Scanlan, T.; Stein, G. e Ravizza, K. (1989). An in-depth study of former elite figure skaters: 2 Sources of enjoyment. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 11, 65-83.
- Serpa, S. (1996). Motivação para a prática desportiva. Facdex: *Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*, 101-111. Lisboa: M.E.D.G.E.B.S.-D.G.D.-G.C.D.E.
- Schmidt, W. e Stein, L. (1991). Sport commitment: A model integrating enjoyment, dropout and burnout. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 8, 254-265.
- Sheldon, K.; Elliot, A.; Kim, Y. e Kasser, T. (2001). What is satisfying about satisfying events? Testing 10 candidate psychological needs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 325-339.

- Smith, R. (1986). Toward a cognitive-affective model of athletic burnout. *Journal of Sport Psychology*, 8, 36-50.
- Smith, R. (1998). A Positive approach to sport performance enhancement: Principles of reinforcement and performance feedback. *Applied Sport Psychology*, 28-40.
- Sprecher, S. (1988). Investment model, equity and social support determinants of relationship commitment. *Social Psychology Quarterly*, 51, 318-328.
- Stambulavo, N. (1995). Sports, career, satisfaction of Russian athletes. In *IX European Congress on Sport Psychology*, July, 526-532.
- Thibaut, J. e Kelley, H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Vallerand, R. (1997). Toward a hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. *Advances in Experimental Social Psychology*, 271-360.
- Vallerand, R. e Bissonnette, R. (1992). On the predictive effect of intrinsic, extrinsic, and amotivation styles on behavior: a prospective study. *Journal of Personality*, 60, 599-620.
- Vallerand, R.; Fortier, M. e Guay, F. (1997). Self-determination and persistence in a real-life setting: Toward a motivational model of high school dropout. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 1161-1176.
- Vallerand, R. e Grouzet, F. (2001). Pour un modele hierarchique de la motivation intrinsèque et extrinsèque dans les pratiques sportives et L'activité physique. *théories de la motivation et pratiques sportives*, 57-95.
- Vallerand, R. e Losier, G. (1999). An integrative analysis of intrinsic and extrinsic motivation in sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 11, 142-169.

- Vallerand, R.; Pelletier, L.; Blais, M.; Brière, N.; Senécal, C. e Vallières, E. (1993). On the assessment of intrinsic, extrinsic, and amotivation in education: evidence on the concurrent and construct validity of the academic motivation scale. *Educational and Psychological Measurement*, 53, 159-172.
- Vallerand, R. e Rousseau, F. (2001). Intrinsic and extrinsic motivation in sport and exercise a review using the hierarchical model intrinsic and extrinsic motivation. In *Handbook of Sport Psychology*, 389-416.
- VanYperen, N. (1997). Inequity and vulnerability to dropout symptoms: An Exploratory causal analysis among highly skilled youth soccer players. *The Sport Psychologist*, 11, 318-325.
- Vasconcelos, P. (2003). O abandono da prática desportiva e sucesso na adaptação a vida activa em nadadores Portugueses de elite. Dissertação apresentada com vista a obtenção do grau de Mestre. F.C.D.E.F.-U.P.
- Wankel, L. e Kreisel (1985). Factors underlying enjoyment of youth sport: Sport and age group Comparations. *Journal of Sport Psychology*, 7, 51-64.
- Wankel, L. e Pabich, P. (1981). The minor sport experience: Factor contribution to or detracting from enjoyment. In *V World Congress of Sport Psychology*. Ottawa, Canada.
- Wankel, L. e Sefton, J. (1989). A season-long investigation of fun in youth sports. *Journal of Sport e Exercise Psychology*, 11, 355-366.
- Weinberger, R. e Gould, D. (1995). Understanding motivation e bournout and overtraining. *Foundations of Sport and Exercise Psychology*, 40-130; 428-461.
- Weiss, M. e Chaumeton, N. (1992). Motivational orientations in sports. *Advances in sport psychology*, 61-99.

Weiss, M. e Petlichkoff, P. (1989). Children`s motivation for participation in and withdrawal from sport: Identifying the missing links. *Pediatric Exercise Science*, 1, 195-211.

White, S. e Duda, J. (1994). The relationship of gender, level of sport, involvement, and participation motivation to task and ego orientation. *International Journal of Sport Psychology*, 25, 4-18.

Anexos

. Anexos I (Questionários)

Questionário: Atletas activos

Este é um questionário no âmbito de uma tese de mestrado sobre o Abandono Desportivo no Andebol.

Não há respostas certas ou erradas apenas queremos saber a tua opinião.

Obrigada pela colaboração

Data Nascimento: ___(ano) / ___(mês) / ___(dia) Sexo: Feminino Masculino

Nível Competitivo: Regional Nacional

Tens familiares “ligados” ao Andebol? Sim Não

TJ.1. Participas activamente nos jogos?

Quase nunca Poucas vezes 1ª ou 2ª parte Muitas vezes Quase sempre

I.1. Há quantos anos/épocas praticas Andebol?

1 a 2 anos 3 a 4 anos 5 a 6 anos 7 a 8 anos 9 ou mais

I.2. Quantas horas treinas por semana?

2 a 3 horas 4 a 6 horas 7 a 8 horas

I.3. Quanto dinheiro investe a tua família no Andebol?

Muito pouco Pouco Nem pouco/nem muito Muito MUITÍSSIMO

I.4. Dás o teu melhor no Andebol?

Quase nunca Poucas vezes Às vezes Muitas vezes Quase sempre

Assinala com uma cruz o número correspondente, com base na escala seguinte:

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

C.1. Eu sinto-me melhor jogador que os outros colegas de equipa. 1 2 3 4 5

A.1. No Andebol sinto-me livre para fazer tudo o que quero.

CS.1. Eu jogo Andebol para agradecer aos meus pais.

AE.1. Penso abandonar o Andebol porque os meus amigos praticam outras modalidades.

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| R.1. Eu sinto-me próximo dos meus colegas de equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| P.1. Eu tenho a impressão que o meu treinador fica contente quando cada jogador da equipa aprende alguma coisa nova. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.2. Se tiver outras coisas para fazer, abandonarei o Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| T.1. Eu sinto que o meu treinador está preocupado comigo. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.2. Eu sinto que faço parte do grupo dos melhores jogadores. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.2. Eu jogo Andebol para poder estar com os meus amigos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.2. No Andebol eu faço as coisas livremente e não por obrigação. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.2. Eu tenho a percepção de que os meus colegas confiam em mim. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.3. Não consigo conciliar o Andebol com os estudos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| P.2. O meu treinador está muito atento aos progressos técnicos da equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.4. Eu jogo Andebol porque sinto-me obrigado. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.3. No Andebol sinto-me livre para agir como eu quero. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| T.2. O meu treinador presta muita atenção às vedetas da equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.4. Não Consigo conciliar o namoro com o Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.3. Eu sinto que domino os outros jogadores da minha equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.3. No seio da minha equipa, eu sinto-me ligado à maioria dos jogadores. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| P.3. O meu treinador encoraja os jogadores a trabalharem para melhorar os seus pontos fracos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.4. Eu sinto que estagnei tecnicamente no Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| T.3. O meu treinador não cria um bom ambiente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.4. No Andebol sinto-me livre para me exprimir como quero. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.4. Eu sinto uma cumplicidade com a maioria dos jogadores da minha equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O.6. Eu penso que vou abandonar o Andebol porque não ganho muitos jogos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.5. Eu jogo Andebol sobretudo para não desapontar as pessoas | | | | | |

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| que acreditam em mim (pais, outros familiares, amigos, namorada(o), treinadores). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| T.4. O meu treinador impõe uma pressão competitiva excessiva. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.5. Eu penso abandonar o Andebol porque passo pouco tempo com a família. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.5. Eu acho que aprendo poucas coisas novas no Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.5. No Andebol, sinto-me habitualmente livre para tomar as minhas decisões. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.5. Eu tenho a impressão que sou considerado um amigo para os jogadores da minha equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.6. Eu penso que melhorei taticamente no Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.3. Eu jogo Andebol para agradar ao meu treinador. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.6. Se eu mudar de casa/Escola/ localidade, terei de abandonar o Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
|
 | | | | | |
| CO.1. Eu estou dedicado ao Andebol. | | | | | |
| Nada dedicado <input type="checkbox"/> Pouco dedicado <input type="checkbox"/> Dedicado <input type="checkbox"/> Muito dedicado <input type="checkbox"/> Muitíssimo dedicado <input type="checkbox"/> | | | | | |
| CO.2. Eu estou determinado em continuar a jogar Andebol. | | | | | |
| Nada determinado <input type="checkbox"/> Pouco determinado <input type="checkbox"/> Determinado <input type="checkbox"/> Muito determinado <input type="checkbox"/> Muitíssimo determinado <input type="checkbox"/> | | | | | |
| CO.3. É difícil para ti abandonar o Andebol? | | | | | |
| Nada difícil <input type="checkbox"/> Pouco difícil <input type="checkbox"/> Difícil <input type="checkbox"/> Muito difícil <input type="checkbox"/> Muitíssimo difícil <input type="checkbox"/> | | | | | |
| CO.4. O que és capaz de fazer para não abandonares o Andebol? | | | | | |
| Nada <input type="checkbox"/> Poucas coisas <input type="checkbox"/> Algumas coisas <input type="checkbox"/> Bastantes coisas <input type="checkbox"/> Muitas coisas <input type="checkbox"/> | | | | | |

Obrigada pela tua colaboração

Questionário: Atletas que abandonaram

Este é um questionário no âmbito de uma tese de mestrado sobre o Abandono Desportivo no Andebol.

Não há respostas certas ou erradas apenas queremos saber a tua opinião.

Obrigada pela colaboração

Data Nascimento: ___(ano) / ___(mês) / ___(dia) Sexo: Feminino Masculino

Nível competitivo: Regional Nacional

Tens familiares “ligados” ao Andebol? Sim Não

TJ.1. Participavas activamente nos jogos?

Quase nunca Poucas vezes 1ª ou 2ª parte Muitas vezes Quase sempre

I.1. Quantos anos/épocas praticaste Andebol?

1 a 2 anos 3 a 4 anos 5 a 6 anos 7 a 8 anos 9 ou mais

I.2. Quantas horas treinavas por semana?

2 a 3 horas 4 a 6 horas 7 a 8 horas

I.3. Quanto dinheiro investiu a tua família no Andebol?

Muito pouco Pouco Nem pouco/nem muito Muito MUITÍSSIMO

I.4. Davas o teu melhor no Andebol?

Quase nunca Poucas vezes Às vezes Muitas vezes Quase sempre

Assinala com uma cruz o número correspondente, com base na seguinte escala:

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

C.1. Eu sentia-me melhor jogador que os outros colegas de equipa. 1 2 3 4 5

O.1. Eu abandonei o Andebol porque tive uma lesão.

A.1. No Andebol sentia-me livre para fazer tudo o que queria.

CS.1. Eu jogava Andebol para agradar aos meus pais.

AE.1. Eu abandonei o Andebol porque os meus amigos praticavam outras modalidades.

- R.1.** Eu sentia-me próximo dos meus colegas de equipa.
- P.1.** Eu tenho a impressão que o meu treinador ficava contente quando cada jogador da equipa aprendia alguma coisa nova.
- O.2.** Fui posto fora do Andebol por motivos disciplinares.
- AE.2.** Eu abandonei porque tinha outras coisas para fazer.
- T.1.** Eu sentia que o meu treinador estava preocupado comigo.
- C.2.** Eu sentia que fazia parte do grupo dos melhores jogadores.
- CS.2.** Eu jogava Andebol para poder estar com os meus amigos.
- O.3.** Eu abandonei porque o Andebol deixou de ser praticado no meu Clube.
- A.2.** No Andebol eu fazia as coisas livremente e não por obrigação.
- R.2.** Eu tenho a percepção de que os meus colegas confiavam em mim.
- AE.3.** Eu abandonei porque não conseguia conciliar o Andebol com os estudos.
- P.2.** O meu treinador estava muito atento aos progressos técnicos da equipa.
- CS.4.** Eu jogava Andebol porque sentia-me obrigado.
- O.4.** Eu abandonei porque o clube não abriu o meu escalão/género.
- A.3.** No Andebol sentia-me livre para agir como eu queria.
- T.2.** O meu treinador prestava muita atenção às vedetas da equipa.
- AE.4.** Eu abandonei porque comecei a namorar.
- C.3.** Eu sentia que dominava os outros jogadores da minha equipa.
- R.3.** No seio da minha equipa, eu sentia-me ligado à maioria dos jogadores.
- P.3.** O meu treinador encorajava os jogadores a trabalharem para melhorar os pontos fracos.
- O.5.** Eu abandonei o Andebol porque a lei de transferência Não permitiu que eu fosse para outro Clube.
- C.4.** Eu sentia que tinha estagnado tecnicamente no Andebol.

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|--|---|--|---|--------------------------|
| T.3. Os meus treinadores não criavam um bom ambiente. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.4. No Andebol sentia-me livre para me exprimir como queria. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.4. Eu sentia no Andebol uma cumplicidade com a maioria dos jogadores da minha equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| O.6. Eu abandonei o Andebol porque não ganhava jogos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.5. Eu jogava Andebol sobretudo para não desapontar as pessoas que acreditavam em mim (pais, outros familiares, amigos, namorada(o), treinadores). | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| T.4. O meu treinador impunha uma pressão competitiva excessiva. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.5. Eu abandonei porque passava pouco tempo com a família. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.5. Eu acho que aprendi poucas coisas novas no Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| A.5. No Andebol sentia-me habitualmente livre para tomar as minhas decisões. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| R.5. Eu tenho a impressão que era considerado um amigo para os jogadores da minha equipa. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| C.6. Eu penso que melhorei taticamente no Andebol. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CS.3. Eu jogava Andebol para agradar ao meu treinador. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| AE.6. Eu abandonei porque mudei de casa, de Escola ou de localidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| CO.1. Qual era o teu nível de dedicação ao Andebol? | | | | | |
| Nada dedicado <input type="checkbox"/> | Pouco dedicado <input type="checkbox"/> | Dedicado <input type="checkbox"/> | Muito dedicado <input type="checkbox"/> | Muitíssimo dedicado <input type="checkbox"/> | |
| CO.2. Estavas determinado em continuar a jogar Andebol? | | | | | |
| Nada determinado <input type="checkbox"/> | Pouco determinado <input type="checkbox"/> | Determinado <input type="checkbox"/> | Muito determinado <input type="checkbox"/> | Muitíssimo determinado <input type="checkbox"/> | |
| CO.3. Foi difícil abandonar o Andebol? | | | | | |
| Nada difícil <input type="checkbox"/> | Pouco difícil <input type="checkbox"/> | Difícil <input type="checkbox"/> | Muito difícil <input type="checkbox"/> | Muitíssimo difícil <input type="checkbox"/> | |
| CO.4. O que eu fui capaz de fazer para não abandonar o Andebol? | | | | | |
| Nada <input type="checkbox"/> | Poucas coisas <input type="checkbox"/> | Algumas coisas <input type="checkbox"/> | Bastantes coisas <input type="checkbox"/> | Muitas coisas <input type="checkbox"/> | |

Obrigada pela tua colaboração